

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SANDRA ELAINE COMPIANI PRADO

UM MERGULHO EM MIM

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SANDRA ELAINE COMPIANI PRADO

UM MERGULHO EM MIM

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como um dos pré-requisitos para conclusão de Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005

DEDICATÓRIA

Dedico este meu trabalho a meus companheiros fiéis de luta e conquista. Sem vocês eu nada seria, eu nada conseguiria. Vocês foram minha fortaleza e meu porto seguro nas piores tempestades e só nós sabemos os danos que nosso barquinho sofreu durante esta viagem.

Ricardo, Henrique e Mariana e à minha querida avó Bininha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à equipe de professoras e professores que me acrescentaram e que iluminaram os meus caminhos, tornando possível a minha transformação, a minha metamorfose.

Se isto serve para algo, quero que saibam: só estou levando boas recordações. Sentirei saudades. Guardarei boas lembranças de cada uma que passou pelo meu caminho e que me mostrou uma direção.

Beijos a todas!

EPÍGRAFE

AGORA EU SEI

*Uma certa vez,
No meio do nada,
Incomodada me sentia.
Calada, sem cor, sem brilho!
Algo faltava em mim.
Muito mais eu precisava,
Porém era difícil a caminhada.*

*Por onde começaria?
Eu não sabia.
Doía esta incerteza.
Agora eu sei!
Garanto que sei!
Ouro, mais do que ouro vale o que alcancei.
Grandioso,
Inimaginável e eterno.
Agora eu tenho um tesouro...*

...Que ninguém vai tirar de mim. Um tesouro muito valioso, que veio de uma jornada que me trouxe muito conhecimento abrindo em minha vida um novo caminho de busca e indagações que nunca estará completo, pois o conhecimento é infinito e a busca constante e interminável, mas este tesouro, agora faz parte de mim.

Sandra Elaine Compiani Prado

2005

5

RESUMO

Escrever um memorial, não foi tarefa das mais fáceis. Insegurança busca e corrida contra o tempo. Aos poucos as coisas foram se tornando claras e com mais objetividade pude compreender que a essência era colocar a alma e o coração para falar.

E foi com a alma e com o coração que escrevi cada letra deste memorial. Se for para se fechar um ciclo, então que se feche com estilo.

Neste memorial, falo um pouco do que ficou do curso de Pedagogia do PROESF- Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas, de cada disciplina e do relacionamento com cada Assistente Pedagógica, aliando referenciais bibliográficos à prática que muito contribuíram em meu trabalho escolar diário. Falo também de meus medos e angústias, das minhas descobertas e vivências e dos conhecimentos que pude colher em meu caminho.

Palavras-chaves: Transformação, Vivência, Conhecimento, Reconhecimento e Reflexão.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	08
2. MINHA INFÂNCIA.....	09
3. FICANDO GENTE GRANDE.....	11
4. MAGISTÉRIO.....	13
5. A FACULDADE.....	15
5.1 Primeiro Semestre de 2002.....	17
5.2 Primeiro semestre de 2003.....	31
5.3 Segundo semestre de 2003.....	55
5.4 Primeiro semestre de 2004.....	81
5.5 Segundo semestre de 2004.....	98
5.6 Primeiro semestre de 2005.....	112
6. CONCLUSÃO.....	127
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	130
8. ANEXOS.....	134

1. APRESENTAÇÃO

Neste memorial, procurarei apresentar um pouco da trajetória de minha vida, das minhas vivências, experiências em contato com o mundo e as pessoas. Também farei presente a transformação ocorrida nesta minha trajetória, no curso de Pedagogia do PROESF- Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas, iniciado em Agosto de 2002, na qual pude aliar práticas teóricas e vivências na busca de minha transformação. Posso aqui deixar claro, que entrei neste curso de pedagogia como uma lagartinha assustada presa a seu casulo, mole e desengonçada e estou saindo dele como uma bela borboleta, com suas enormes e coloridas asas, pronta para alçar vôo em busca de meus caminhos.

Como não poderia deixar de ser, relatarei minhas experiências vividas em contato com as disciplinas do curso registrando os nomes dos professores, que nos deram assistência pedagógica, como sendo uma forma encontrada de homenageá-los, pela sua dedicação, amizade, partilha e socialização de conhecimentos.

2. MINHA INFÂNCIA

Minha infância foi vivida de forma simples. Não tinha as coisas que sonhava, porém podia sonhar com as coisas que eu tinha. Quintal, brincadeiras de roda, pés de laranjeiras, escaladas em árvores, cerca de bambu com chuchu, casinha de boneca, bolinhos de barro, alface picadinho na panelinha, amigas, menino não entra, lata de leite moça furada escondida no armário, prontamente denunciada pelo rastro em fila indiana das pequenas formiguinhas de açúcar, doces de bar com anéizinhos coloridos, refrigerante Turbaína e Ferraspari aos domingos, aniversário com bolo, lanchinhos com patê de salsicha e Ki-Suco, Vila Sésamo na TV, Sítio do Pica Pau Amarelo, Domingo no Parque com Sílvio Santos, disquinhos coloridos de historinhas infantis tocados na vitrola laranja da Philco, brincadeira de escolinha com carvão no lugar de giz.

Tempo de paz, cidade pequena, ruas de terra, muito verde e poeira e lugar para brincar. A mídia ainda não tinha nos percebido e era um tempo que ficávamos a salvo das interferências sociais do mundo e dos problemas do cotidiano como violência doméstica, abusos, maus tratos, seqüestros. Bom, não posso dizer que era uma regra geral para o mundo, mas em minha cidade não se ouvia falar.

Tempo de pais trabalhando, com uma profissão e hora para ir e hora para voltar. Nada funcionava aos finais de semana, pois era descanso obrigatório da família. Final de semana tinha pic-nic na estrada Vinhedo-Viracopos que era muito ampla, sossegada, ideal para pic-nic com crianças e para descansar à sombra das belas árvores.

Tempo de mães presentes em casa, fazendo bolinho de chuva e pão na frigideira, de vovós com seus crochês e de vovôs jogando baralho ou dominó.

Tempo de bonecas de pano, de carrinho de latinha de sardinha para puxar com coisas dentro, pacotes de figurinhas, de fortes amizades, de duráveis relações e saudosas e doces lembranças, que sempre irão voltar à medida que nosso coração precisar delas.

Depois veio o tempo da maturidade, tempo de escolher a profissão, um caminho para seguir. A escolha se deu pelo magistério, talvez pela influência de algumas mestras que educaram com carinho, ou pelas raízes das brincadeiras infantis, onde a escolinha para bonecas era a brincadeira favorita.

Decidi assim, que iria por um caminho, onde minha função seria a de enfeitar um jardim, pois é para isso que as flores nascem. E falando assim, me fez lembrar um poema de nosso querido poeta vinhedense de raiz, José Antonio Zechin:

PERGUNTE

Esta flor que enfeita a sala
já foi semente.
Deixe que o tempo
passe nos seus olhos
e veja-a desafiando a gravidade,
com espanto...
Com espanto,
descubra, pergunte
se nós sabemos viver..
Se somos como flores
num vetusto vaso de porcelana
enfeitando a sala ou se nascemos para
enfeitar jardins?

(ZECHIN, 2003, p. 30)

3. FICANDO GENTE GRANDE

Saindo da Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Professor Cláudio Gomes, onde cursei do prezinho até a oitava série, fui para outra unidade escolar concluir os estudos para o Magistério.

Formei-me no magistério em 18/12/86, na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau “Patriarca da Independência” considerada, na época, uma escola modelo, sob a direção de Darci Medori. Naquele momento, não tinha a menor pretensão de assumir a profissão. Fui auxiliar de laboratório de patologias, bancária e estilista.

Como se vê, uma diversidade de funções, nem um pouco interligadas. Isso ao meu ver, demonstrava a quão perdida eu estava, disposta a tentar por experimentação e não por vocação ou por não saber onde estava indo.

Veio a maternidade em 1990 e 1991. Parei para educar e cuidar de meus filhos e tentar proporcionar a eles a mesma infância que eu tive.

Em 1992, surge a oportunidade de assumir classes de 5ª a 8ª séries e uma de 3ª colegial na mesma escola que me formei no magistério, no período noturno, com a disciplina de Geografia. Fiquei trêmula com a proposta, pois não tinha formação acadêmica para assumir tal responsabilidade.

Mesmo não tendo diploma na área, não era agora que eu iria recusar e desistir do desafio, visto que o diretor Vitório Ficco, estava super confiante em meu trabalho, uma vez que ele foi meu professor e conhecia minha capacidade e responsabilidade.

Foi um ano difícil. Tive que ler muito, me atualizar, comprar livros, mapas, a fim de que pudesse estar preparada a enfrentar algum questionamento ou provocação dos alunos.

Deveria estar preparada para não fazer feio diante de alguma pergunta provocativa que eles costumam fazer sempre para testar nossos conhecimentos.

Nesse momento percebi que fazer magistério era essencial para qualquer professor que quisesse seguir carreira ginásial ou superior, pois a didática aprendida, a experiência com estágios muito me ajudou no que se diz respeito a lidar com a classe, a entender os alunos sem exigências e cobranças e a desenvolver atividades que pudessem estimular aquela turminha que passou o dia trabalhando e que estava ali, à noite tendo que enfrentar mais uma jornada.

Neste instante percebi, que não havia métodos para serem seguidos e sim uma descoberta da realidade e uma eficaz aplicação de uma metodologia e pedagogia que alcançassem meus alunos, que lhes chamassem a atenção, ou seja, que meus conteúdos viessem de encontro deles e que a aula se tornasse um espetáculo digno de ser assistido.

[...] mas se na sala de aula não houver um espetáculo à parte, se não houver uma apresentação inteligente, instigante, estimulante, a que valha a pena assistir, e na qual aqueles vislumbres ocasionais tornem-se luz intensa, na qual as frases soltas sejam um discurso coerente, significativo, e revelador, na qual, enfim, produzam-se situações inesperadas que correspondam a expectativas concretas e descortinem aspectos da realidade até aquele momento ocultos- se tal não acontecer, a pergunta é uma só: para que professores e salas de aula?(PERISSÉ, 2004).

Refletindo sobre a fala de Perissé (2004), pude perceber o quanto estava distante de ser uma professora, ou seja, uma “outra professora”. Muitas vezes procurei por este “outro professor” e fui achá-lo dentro de mim: cansada, esgotada, desanimada e fui à busca de respostas que me fizessem entender. Fui achar o entendimento, nas páginas de livros, de apostilas, ou seja, busquei respostas vindas do conhecimento.

Percebi que precisava me envolver com algo realmente necessário. Um comprometimento comigo mesma, uma busca por soluções das minhas temerosas indagações.

[...] temos que nos perguntar se a teoria que adotamos como nossa (ou que dizemos adotar corresponde à realidade das circunstâncias concretas que vivemos, e se contribuem ou não para tornar mais humana e digna a vida dos seres humanos. (PERISSÉ, 2004)

4. MAGISTÉRIO

Para minha surpresa, fui me envolvendo com meu trabalho, me sentindo útil e sentindo orgulho de minhas conquistas. Apaixonei-me pelo meu trabalho e nesse momento pude sentir que essa seria a profissão que eu gostaria de abraçar.

No final do ano, fui a paraninfa das turmas de 8ª série e de 3º colegial, deixando os professores mais velhos de casa, um pouco enciumados. Saí com muita coisa para contar e no ano de 1993 assumo novamente a disciplina de Geografia, só que no período da manhã, em outra unidade escolar a qual estou até hoje: Escola Municipal “Dr. Abrahão Aun”.

No ano de 1997 a escola passa pelo processo de municipalização e a partir daí inicio o meu trabalho com o ensino fundamental I, pois com a municipalização Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II, não caminhariam mais juntos na mesma unidade escolar.

Em 1998 fui contratada pela Prefeitura Municipal de Vinhedo e assumi uma terceira série. Em 1999 houve o Concurso Público para ingresso na rede de Vinhedo. Prestei, passei na primeira chamada e fui indicada para a Escola Municipal “Dom Mathias”, na qual fiquei por um ano, com uma turma de 3ª série e no ano de 2000, peço remoção definitiva para a EM “Dr. Abrahão Aun”, na qual estou até hoje.

Nos últimos anos, desde 2000, atuo somente com classes de alfabetização (primeiras séries e segundas séries). Sinto falta de atuar em terceiras e quartas séries, mas a escolha não é possível, porque nós, da rede municipal, somos os últimos a escolher.

Perante a ordem adotada sem explicações pela Prefeitura Municipal de Vinhedo, primeiro escolhem os professores do Estado que são a maioria, depois, as classes dos professores que exercem cargos de confiança são repassadas ao preenchimento com professores substitutos.

Por último nos é deixado o poder de “escolha” das classes que sobraram, que por “coincidência”, ficam todas no período da tarde e com séries iniciais.

Com o trabalho com as séries iniciais, aprendi muito, pois pude vivenciar e participar de situações que muito me enriqueceram.

Sempre costumo dizer, que apesar de difícil e cansativo, não troco meu trabalho por nenhum outro, pois só neste tipo de profissão é que me sinto realmente realizada, fazendo algo de útil pra alguém. Nesta profissão não me sinto um número no quadro de funcionários e sim alguém importante. Recebo flores, bilhetinhos e beijinhos. Isso não aconteceria em outros lugares de trabalho.

Mas a consciência da certeza, do caminho a seguir não esteve sempre presente em mim. Eu era muito insegura, tinha tanto medo de mudar, de sofrer transformações, que não tinha noção que a mudança para o crescimento só traria benefícios.

Acomodada como uma rocha, ia deixando o tempo moldar em mim suas marcas. Sentia o vento, a chuva, o calor do sol, as mudanças bruscas de temperatura, as quatro estações do dia e imóvel ficava.

Mas, por mais satisfeitos que possamos estar, havia sempre aquela sensação de que faltava alguma coisa. Pensava muito em fazer faculdade, porém o gasto para meu orçamento seria muito grande e com uma família e filhos para sustentar, não podia me dar ao luxo de me aventurar e viver de pão com ovo e sanduíche de mortadela todos os dias.

Então sonhava, procurava sempre manter minha vontade sempre presente em minha mente, a fim de que meu sonho, que era uma pequena velinha acesa, nunca se apagasse.

Sempre procurava compensar o sonho não alcançado, com cursos oferecidos pelo meu trabalho, porém, nunca era a mesma coisa. Parecia, que quanto mais eu corria para o horizonte, mais ele se afastava de mim e cansada eu temia nunca mais alcançar o que pretendia.

5. FACULDADE

De repente, surge a oportunidade tão esperada e única. A possibilidade de ingressar em uma das faculdades mais renomadas do país, juntamente com colegas de trabalho que também sonhavam com isso. Juntamente com o desejo, a vontade, veio o medo, a insegurança e o receio das cobranças e olhares no estilo quarenta e cinco graus que viriam caso não passássemos no vestibular.

Da mesma forma que veio a alegria, veio o medo, a incerteza, as papeladas, as apostilas, os livros, as bibliografias, o estudo, a preparação, a esperança de um lugar ao sol.

Pois bem, tudo começou com a publicação do edital em 18 de junho de 2002. A partir desta data iniciou-se o “Triatlon Intelectual”: leitura, escrita e bibliografias e uma seqüência de exercícios preparatórios para garantir a tão sonhada vaga.

Passada esta fase, chega o tão esperado dia: 21 de julho de 2002, domingo. Minha família, incluindo marido, filhos e sogra, me deixam na faculdade, desejam boa sorte e vão rumo ao shopping Iguatemi passear.

Foram 4 horas exaustivas de respostas a 16 questões analítico-discursivas, divididas em dois componentes: conhecimentos pedagógicos e conhecimentos específicos da docência no ensino de Português, Matemática, Ciências, História, Geografia, Arte e Educação Física, onde todas as questões da prova valeriam 5 pontos.

Feita a prova, agora era só aguardar o tão esperado resultado, que sairia no dia 01 de agosto de 2002, regado a muito chá de camomila.

O grande dia chegou e foi uma festa. Alguns não conseguiram, mas novas oportunidades viriam. Nosso grupo conseguiu boa classificação e fomos aprovados.

Fizemos a maior festa e à noite fomos comemorar com uma boa caipirinha de vinho no Restaurante Rocinha que leva o nome antigo de nossa cidade, antes da emancipação. Tínhamos que nos preparar para a grande jornada e não podia faltar combustível.

Dia 09 de agosto de 2002, munidas de documentos, fomos realizar a matrícula. Bem que todos dizem que entrar na Unicamp é difícil!!! De carro ainda nem se fala!!! Ficamos rodando horas até achar a Diretoria Acadêmica.

Como mulher não tem vergonha de perguntar, fomos pedir informação a um guarda, que nos deu a seguinte e mirabolosa informação: “Fica num prédio de tijolinho à vista em forma de estrela”.

Muito bem! Se eu tivesse vindo de helicóptero fazer a matrícula certamente acharia o prédio em forma de estrela. Quanto ao “tijolinho à vista”, a maioria dos prédios tinham tijolinhos à vista.

Então, eu e meu grupo, ficamos atentos a qualquer forma de estrela que aparecesse. Somente alguns minutos mais tarde é que pudemos desvendar o mistério através do olhar atento ao mapa da universidade.

Preenchidas todas as formalidades agora era só esperar o dia das aulas começarem. As aulas tiveram início em 09 de agosto de 2002. A partir daí iniciar-se-iam as transformações e eu jamais seria a mesma.

Não via o momento de começar. Estava curiosa, aflita e estava contido em mim, um misto de ansiedade, da qual estava aflita para conhecer. Ao mesmo tempo estava feliz, pois agora seria a minha vez e a única certeza que tinha, é que daria tudo de mim, pois o retorno seria para mim mesma.

E agora, o que será que viria pela frente? Medo, insegurança, felicidade, certezas, incertezas. O domínio da verdade? Será que existem verdades absolutas? Não, elas não existem, pois a certeza é incerta, como diz nosso poeta vinhedense José Antonio Zechin.

TUDO E NADA

Você entende de tudo
diz que sabe tudo
mas a verdade
é um simples senão.
O homem diz sim
a ciência diz não.

Você diz que nunca erra
fala que nunca falha
mas a mentira
é um simples senão.
O homem diz sim
e deus diz não.

Na verdade
tudo é ou não é
se você quiser.
A certeza é tão incerta.
A dúvida e o talvez
ensinam o homem.

(José Antonio Zechin – Tempos de Sempre; 1ª ed., 2003; p. 75).

5.1 PRIMEIRO SEMESTRE DE 2002

O primeiro semestre de 2002 começou com as aulas de Teoria Pedagógica e Produção em Português, com a professora Ivanda Alexandre Pereira.

De início, me assustei com sua postura séria, de poucas brincadeiras e muitas exigências. As propostas de trabalho e os combinados da professora Ivanda em registrar cada aula dada, assustaram toda a turma. O que será que viria por aí?

Estava acomodada a usar mais tópicos do que textos, mais simples anotações do que a própria escrita. Usando de suas palavras eu achava que não ia “dar conta” de tudo. Mas foi com ela que pude exercitar meus pensamentos através dos registros que eu fazia. Aprimorei minha escrita e desenvolvi mais claramente a forma de me expressar e de fazer uso dos registros como fonte de informação e consulta para as próximas reescritas ou releituras.

Com a professora Ivanda, aprendi termos novos e complicados como letramento, diversidade cultural, variação lingüística, fonética, morfologia, sintaxe semântica, pragmatismo, análise de discurso, psicolingüística, sociolingüística, dentre outros termos complicados dos quais poucos me recordam, porém não fico preocupada de perdê-los momentaneamente de memória, pois tenho os meus registros e se um dia precisar, certamente farei uso deles.

Parei de ser crítica comigo mesma e por falar em crítica, aprendi que criticar, não é o mesmo que reclamar, exigir direitos, impor. Hoje, tenho outro olhar para a palavra crítica dentro de minha profissão e sei que além de não concordar com muitas coisas, também tenho que apontar soluções, sugestões, pensar refletir para melhorar ou ajustar uma determinada situação.

Muitas vezes, entramos em conflitos internos, que nos desajustam e nos confundem. Perdemos a consciência dos fatos, nos atrapalhamos, enfim, nos sentimos no olho do furacão.

Questionamos a realidade, brigamos com ela, refletimos, perdemos a cabeça, mas confesso que é uma batalha bastante exaustiva. Mas por outro lado, o que seria de nossa brilhante evolução sem as contradições, as diferenças e sem aqueles seres “chatos” que pensam diferente da gente?

Antes eu vivia em meio a indivíduos “reclamões” e “insatisfeitos”. Hoje eu faço parte de um grupo crítico em busca de melhores condições apesar de ainda “insatisfeitos”.

[...] os conflitos e as contradições sociais são elementos fundamentais no processo de conscientização, na medida em que podem gerar o questionamento da realidade por meio do exercício da reflexão crítica centrada no diálogo e nas trocas. É o exercício desse processo que pode levar o indivíduo a reconhecer-se como ser histórico, sujeito da consciência social e de si mesmo. Nesse sentido, pela sua natureza, o processo educacional constitui-se como uma condição muito favorável para o desenvolvimento do processo de conscientização dos indivíduos. (LEITE, 2001, p. 27).

Compreendo que ensinar não é passar simplesmente um conteúdo mas sim colocar o mundo ao alcance dos meus alunos, saber intervir, saber colocar situações para reflexão e principalmente ensiná-los a caminhar sozinhos.

Caminhar, estando ao lado, se mostrando presente e oferecendo a oportunidade do preparo indispensável para seguir qualquer caminho. Utopia? Quer encarar assim? Pode até ser, mas eu vou fazer a minha pequena parte.

Terminado o semestre, já podia perceber o quanto eu tinha crescido. A professora Ivanda já não era tão distante e inalcançável. Sorria, nos entendia e foi mais uma que passava por nós e deixava suas impressões.

Conclui que a vinda de idéias diferentes e inovadoras e que dão certo, que nos levam a conhecer e incorporar métodos diferentes, nascem da liberdade de uso. Nada melhor do que a liberdade, para dar asas à imaginação, a criação e ao sucesso e como diz Vigotsky, “o bom aprendizado é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento”.

“... a sala de aula como lugar por excelência do aprendizado é o lugar por excelência do autoconhecimento do professor” (PERISSÉ, 2004, p. 91).

Falando em poema, quero deixar este registro que muito me marcou, de alguma forma de maneira doce, sei lá, que foi passado na aula da professora Ivanda no dia 02 de dezembro de 2002.

As Três Árvores

Havia no alto de uma montanha três árvores que sonhavam o que queriam depois.

A primeira olhando as estrelas disse:

_ Eu quero ser o baú mais precioso do mundo, cheio de tesouros.

A segunda, olhando o riacho suspirou:

_ Eu quero ser um navio grande para transportar reis e rainhas.

A terceira, olhou o vale e disse:

_ Quero ficar aqui do alto da montanha e crescer tanto que as pessoas ao olharem para mim levantem os olhos e pensem em Deus.

Muitos anos se passaram e, certo dia, três lenhadores cortavam as árvores que estavam ansiosas em ser transformadas naquilo que sonhavam.

Mas os lenhadores não costumavam ouvir ou entender de sonhos...Que pena!

A primeira árvore acabou sendo transformada em um cocho de animais coberto de feno.

A segunda virou um simples barco de pesca, carregando peixes todos os dias.

A terceira foi cortada em grossas vigas e colocada num depósito.

Então, desiludidas e tristes, as três árvores perguntaram:

_Por que isso?

Entretanto, numa bela noite, cheia de luz e estrelas, uma jovem mulher colocou seu bebê recém nascido naquele cocho de animais, de repente a primeira árvore percebeu que continha o maior tesouro do mundo.

A segunda árvore estava transportando um homem que acabou por dormir no barco em que se transformava. E quando a tempestade quase afundou o barco, o homem levantou-se e disse:

_Paz!

E num relance, a segunda árvore entendeu que estava transportando o Rei do Céu e da Terra.

Tempos mais tarde, numa sexta-feira, a terceira árvore espantou-se quando suas vigas foram unidas em forma de cruz e um homem foi pregado nela.

Logo se sentiu horrível e cruel.

Mas logo no Domingo seguinte, o mundo vibrou de alegria. E a terceira árvore percebeu que nela havia sido pregado um homem para a salvação da humanidade, e que as pessoas sempre se lembrariam de Deus e de seu filho ao olharem para ela.

As árvores haviam tido sonhos e desejos, mas sua realização foi mil vezes maior do que havia imaginado. Portanto, não esqueça:

Não importa o tamanho do seu sonho. Acreditando nele, sua vida ficará mais bonita e muito melhor para ser vivida.

(autor desconhecido)

Acreditar nos sonhos, não significa viver no mundo da fantasia. O fato de podermos sonhar significa que temos forças para alcançar, mesmo não parecendo aos olhos dos demais que um dia você conseguirá.

Sonhos simples, sonhos mais absurdos, sonhos grandiosos, não importa, pois cada um sabe como carregará o seu e prova concreta disto são os grandes nomes da história da humanidade em suas diversas áreas que são exemplos de vida até hoje.

Não bastam sonhos e ideais, precisamos ter uma mente aberta e livre de preconceitos e de construção de falsas identidades para nos justificar.

Aprendi na disciplina de Multiculturalismo, com a professora Marlene de Lima Girdelli, um novo olhar sobre meus preconceitos.

Aliás, não só sobre uma nova visão do olhar, como também um pouco de informação sobre identidade, capital social, capital cultural, paradigmas e principalmente pude tecer um conceito mais detalhado entre ver e olhar.

Parei para pensar, refletir e me assustei. Percebi que na maior parte do tempo, da minha vida eu apenas vi, sem parar para olhar. Notei que o universo do olhar não é imóvel e

sim algo que se movimenta com frequência e que nos chama à atenção. No início pode ser que nos incomode, nos cause sensação de estranheza, porém há sempre o desejo da busca de limites, do preenchimento de lacunas.

Quando olho agora, procuro sempre ter um impulso de questionar sobre as coisas percebendo o mundo sem verdades absolutas.

Nestas aulas viajei, percebi a relação entre o tempo e o movimento, o universo dos sonhos, a crença e trabalhei com temas que nem suspeitei que fizessem parte da minha vida, da minha profissão, mas lá estavam eles, quase invisíveis, me rodeando sem eu dar conta.

[...] e se a gente não investe nessa vida, a gente não educa e se a gente não educa no espaço/tempo de educar, a gente mata, ou melhor, a gente não educa para a vida; a gente educa para a morte das infinitas possibilidades. A gente educa (se é que se pode dizer assim) para uma morte em vida: a invisibilidade. (TRINDADE e SANTOS, 2000, p. 09).

Como profissional, tinha dificuldades de trabalhar envolta a tantas culturas diferentes, convivendo juntas e se conflitando. É difícil aceitar as diferenças culturais, realizar a troca de experiências sem a intenção de querer modificar a cultura do outro, sem colocar a nossa individualidade egoísta.

É interessante como aos poucos fui passando entre as culturas sem interferir e julgar e pela primeira vez não me coloquei no centro de tudo, impondo meus valores, modelos e definições de existência.

Estava crescendo, extasiada com tudo, com todas as novidades e informações e me transformando e ficando feliz com os resultados, pois tinha dificuldades de pensar sobre as diferenças, pois desenvolvia diante do desconhecido, um sentimento de estranheza, medo e hostilidade.

Era mais fácil reclamar de um sonho não realizado com o desempenho de determinado aluno e rotulá-lo de impossível, do que compreender e aceitar sua cultura, sua família, seu tempo, sua maturidade.

[...] a aliança com a dimensão vida, porque esta dimensão nos fortalece a continuar, a querer aprender, criar, descobrir o trabalho com as diferenças, com a diversidade, a olhar os nossos alunos, não com o olhar que os vê como incapazes, incompetentes, doentes, sem perspectivas, olhar esse que pode destruir, impedir, qualquer possibilidade, mas com o olhar da fé, da confiança. (TRINDADE, 2000, p. 12).

Nunca me esquecerei do filme Chocolate (este é sem pimenta), que a professora Marlene nos apresentou em 08 de outubro de 2002.

Já havia assistido no cinema, mas não da forma como ela me levou a rever. Sendo assim, as aulas da professora Marlene, tinham sabor de chocolate. Uma viagem no tempo inesquecível, lembranças que para sempre serão guardadas, de forma plena.

“A visão – a simples visão -, ainda que modestamente ciente de seus limites e alcance circunscrito, supões um mundo pleno, inteiro e maciço, e crê no seu acabamento e totalidade” (NOVAES, 1998, p. 349).

Após trabalhar com o complexo universo do olhar, fui dar uma espiadinha no universo da tecnologia com as aulas da professora Márcia Maria Gianoni Beltramini, com a disciplina Tecnologia e Educação. Minha nossa! Quanta novidade! Quantas coisas diferentes!

Antes, me sentia uma excluída da tecnologia, pois não a possuía e nem tão pouco a entendia. Confesso que meu relacionamento com máquinas, tecnologias e equipamentos ainda são bastante delicados, porém quanta diferença do antes e do depois.

Eliminei muito dos meus medos e inseguranças e hoje apesar de não se uma expert em computador, sei me virar muito bem obrigado.

[...] entretanto, o problema mais grave talvez não seja o fato de que na América Latina, o processo histórico de *exclusão educacional*, durante estes últimos vinte anos, não tenha diminuído sua intensidade. A questão central reside, eu creio, no fato de que fomos nos acostumando a isso. O pior não é que a *apartheid educacional* continue existindo e tenha se tornado mais complexo. O pior é que hoje pareça inevitável.(GENTILI, 2002, p. 41).

Admirava a paciência da professora Márcia quando ela ia com a turma para o Laboratório de Informática cadastrar nossas senhas e nos colocar a par do mundo da informática.

Foi a primeira vez que eu tive contato com a internet e e-mails e confesso que fiquei fascinada. Pode-se fazer tantas coisas!

Ficávamos tão agitadas quanto nossos alunos. Falávamos alto pela empolgação e novidade perante a maioria de nós, todas juntas e ao mesmo tempo, nos confundíamos e deixávamos a coitada da professora Márcia bem estressada.

Se não fosse a experiência e alta didática que eu sei que ela tem, vinda do magistério, ela não agüentaria. Mas ela não perdia a calma e serenidade na voz. Sempre muito atenciosa e dedicada ia nos tranqüilizando e as aulas no laboratório passando a serem mais tranqüilas e concentradas.

E foi com este contato com a disciplina que eu pude compreender melhor meus alunos, suas ansiedades e expectativas. Quando íamos para o laboratório de informática da escola e aprendi que a insegurança era somente minha e o controle deveria vir de mim primeiro.

Quando comecei a administrar com mais segurança e planejamento minhas aulas de informática deixaram de ser bagunçadas e descontroladas e se tornaram fonte de prazer e um rico complemento para os conteúdos que eu aplicava e compartilhava com meus alunos.

Agora, já falava com mais argumentos sobre a mídia com meus alunos. Comecei a perceber com mais clareza que a tecnologia é fascinante, mas também nos coloca diante dos olhos, através da mídia, um mundo fantástico, colorido, mágico, e cativante.

Mas que ao mesmo tempo de ser cativante, pode ser perigoso, negro, deturpador e aprisionador, levando à dependência, corrupção de valores, manipulação de sentimentos que também manipula e distorce como bem entende os acontecimentos, a história, os documentos, as verdades, os fatos, as imagens, através de efeitos que convencem o público e alteram comportamentos em massa, criando ilusões.

Não que eu não tivesse consciência do poder da mídia antes. É que agora eu estou mais cercada de conhecimento, teoria e argumento, que ajudaram a tornar tudo mais claro.

Consegui que meus alunos não vissem mais da mesma forma programas de televisão popular, por exemplo, que antes eles adoravam. Agora, creio que continuam adorando ou assistindo, porém, não com a mesma crença ignorante.

Levei-os a perceber que em certos programas a manipulação de pessoas humildes, que desconhecem seus direitos, a humilhação explícita, o “faço tudo por dinheiro”, a ridicularização das pessoas, a distorção dos fatos fazem a degradação da tecnologia.

Maior do que a degradação da tecnologia fica aqui marcada no discurso não convincente do governo que afirma que há educação de qualidade no Brasil. Sinto que estamos caminhando, porém ainda existem muitas forças que nos empurram para baixo a fim de que a elite possa “respirar” melhor.

Oferecer salas de informática, as quais denominamos de “berçários”, porque os computadores mais “dormem” do que funcionam, sem garantir a qualidade das aulas, de nada nos adianta. A nossa realidade hoje apresenta salas de informática paradas à espera de consertos e/ou manutenção simples dos computadores, falta de material de uso como Cd-Rom, que rode no computador e esteja habilitado, falta de profissional da área, a fim de que possamos também oferecer à comunidade aulas de informática em períodos opostos ao de escola.

“O discurso cínico dos nossos governos, dos mercadores da fé, do empresariado sensível e dos druidas tecnocráticos que, em um vôo rasante, procuram interpretar a realidade a partir dos gabinetes ministeriais”. (GENTILI, 2002, p.42).

Tive uma experiência muito envolvente e interessante como fechamento de disciplina, que foi a produção em vídeo de um curta-metragem cujo tema foi “A Educação Entra em Campo”. Foi muito divertido fazer este trabalho, pois nunca havia participado de nada igual.

Apreendi truques de filmagens, improvisações de equipamentos como nossa iluminação caseira feita com uma lâmpada de 200Wts fixada em um prato redondo de alumínio, apoiada por um longo pedaço de ripa de madeira fina e ligada a um fio tipo extensão para dar mobilidade e altura à iluminação.

Soubemos dividir as atividades e as tarefas de acordo com as habilidades de cada um e descobrimos talentos não inimagináveis em nossas colegas.

Corremos atrás de cenário, roupas, músicas, textos, local para a gravação, autorizações, figurinos, enfim tudo saiu de forma muito simples e com muitas falhas. Talvez, se fosse analisado por um crítico de cinema, não mereceria um Oscar, porém tivemos contato com materiais nunca antes manipulados desta forma.

Senti-me uma estrela e muito orgulhosa de ter participado da confecção do roteiro. Estas serão as lembranças que sempre carregarei comigo, pois me transformaram, me acrescentaram, me tornaram feliz. Percebi que aos poucos estava me encantando por uma causa, me tornando um ser realmente pensante e falando em ser pensante, me lembro da professora Ângela Julia Giraldelli e sua disciplina de Pensamento Histórico na Educação. Comecei então a olhar de modo diferente para a história que me cercava e a perceber detalhes que antes me passavam despercebidos.

Apreendi que ensinar a formar um cidadão crítico, não significava desenvolver um ser humano opositor a tudo, mas sim, um ser pensante, reflexivo e construtivo.

Parei então para pensar e refletir, em minha trajetória de vida. Eu tinha mais o hábito de criticar, do que pensar, buscar soluções.

Mais parecia uma velha resmungona, ultrapassada no tempo, com visões arcaicas e deturpadas. A professora Ângela é uma figura fantástica! Sempre muito alegre, explicava como ninguém. Das suas aulas não saí com dúvidas e sim com encantamentos e confesso que um pouco frustrada.

Frustrada, porque pude perceber, que perdi muito da História em meus anos escolares. Muita coisa me foi passada de forma deturpada, incompleta e até mesmo cheia de erros, quando colocavam os personagens históricos, por exemplo, como heróis, cheios de virtudes e nenhum defeitinho.

Teria aprendido tanto, se tivesse desde o princípio uma professora de História aos moldes da professora Ângela, com sua visão neutra, reflexiva e detalhada acerca dos fatos.

Certamente, me tornaria um adulto diferente e com mais possibilidades do que agora. Agora já não importa mais colocar na balança o passado histórico escolar, desenterrando desde o feudalismo até o capitalismo, aquele dos poderes centralizados e controlador de tudo, com uma força crescente cada vez mais ameaçadora.

Já não faz tanto sentido, colocar o fator ausência do Estado, do questionamento do positivismo de Marc Bloch, das lutas de classes defendidas pelos Marxistas, das análises sociais de Foucault, do iluminismo, da luz da razão e das idéias de grandes filósofos pensantes como Augusto Comte (1798-1857).

Devo entender que meu país tem uma longa e dolorosa e sofrida História da Educação e que eu estou incluída nela, bem como sofrendo dos efeitos colaterais de anos de retardo, desde a raiz no início da colonização no século XVI, passando pela vinda da Família Real (1808), Independência (1822), Constituição em 1824, Libertação dos Escravos (1888), do Golpe sobre o Império no final do século XIX com o Marechal Teodoro da Fonseca, da vinda

dos Imigrantes, do governo Vargas, da República do Café com Leite colocando acirrados os Estados de São Paulo e Minas Gerais, dos grupos de intelectuais surgidos em 1920, do Manifesto dos Pioneiros em 1932, do surgimento da LDB (1961), que demorou apenas 15 anos para ser aprovada, da última Lei de Diretrizes em 1996, enfim, dá para perceber pela listagem, incompleta de fatos, que percalços não faltaram. Não é à toa que estamos mais ou menos atrasados 400 anos da educação em relação à educação européia ou americana.

Estive refletindo muito sobre História, Política e Economia e acabei aceitando que estes fatores têm forte influência e sempre terão em nossa sociedade. Não adianta falar que não gostamos de política ou que preferimos não nos envolver.

Antes eu pensava que política era um assunto alienado a mim e resolvido por outras pessoas. Para mim, política era um assunto distante, que não me pertencia, mas tinha consciência que interferia na minha vida.

Ficar à margem ou alheia era a melhor forma de lidar com o sofrimento que a política causava em minha vida, como perdas salariais, dificuldade de conseguir um futuro melhor para meus filhos, diminuição através dos tempos, cada vez mais acentuada, do meu poder aquisitivo acarretando um distanciamento cada vez maior dos meus sonhos materiais.

Enfim, a política se tornou chata, medíocre e estressante, além de desinteressante, falsa e inescrupulosa, onde só os poderosos tinham o poder de matar, mandar matar e listar prioridades que serviam somente a eles.

Ser politizada para mim hoje é muito importante. Leio mais sobre os problemas pelos quais passa o meu país, repasso as informações aos meus alunos tomando o cuidado de ser o mais neutra possível, evitando passar meus ideais, mas somente as reflexões, além de estar sempre mais interada ao que acontece em minha sociedade, em minha cidade, em meu bairro, em minha escola, em meu local de trabalho.

Hoje estes fatores sociais que antes eu abandonava por serem demasiadamente “chatos”, agora dizem muito mais respeito a mim. Hoje eu estou mais “acordada”, pois deixei de “hibernar” em meu mundinho.

Procuro sempre fazer minha parte como professora, nem que esta parte seja mínima ou até mesmo insignificante perante uma nação. Pelo menos ficou aquela sensação de dever cumprido, consciência limpa e certeza de que algumas sementes plantadas irão um dia germinar.

A História se faz aos poucos, através de grandes batalhas. Sempre foi assim e sempre será, pois os seres humanos são diferentes e sempre irão ser. Nenhuma cabeça irá pensar igual à outra e nenhum grupo terá sempre os mesmos ideais, isto porque a unanimidade é burra. Precisamos das diferenças para pensar e construir.

Hoje eu faço a minha história. Já não é mais uma História alienada e solitária. Tenho parceiros, divido e discuto a minha opinião, tenho consciência do poder da escrita e dos efeitos de palavras bem ditas na hora certa e no momento oportuno.

Devo à professora Ângela boa parte desse conhecimento adquirido, conhecimento este que me fez acordar para uma realidade que há muito existia. Não vou dizer que ainda não tenho sonhos. Sonho sim! Sonho com todos buscando a necessidade de aperfeiçoamento constante, com a reconstituição educacional, com uma nova política educacional, que leve a modelar os jovens. Sonho com um trabalho de entrega à sociedade, com uma concepção de vida, um ideal com função social, visando o preparo do indivíduo para o exercício da cidadania, da democracia, procurando pela qualidade de vida socialmente útil, que procure servir sempre os interesses do indivíduo, mantendo sua autonomia, sua consciência social, levando assim a formação de um ser humano justo e solidário.

Sonho com a elevação da alma do sujeito que enobrece o coração, dando expressão e valor à vida humana, servindo assim à humanidade e entrando em comunhão com ela.

Sonho com um ideal que seja acessível a todos, do jardim da infância aos bancos das universidades.

Não posso deixar que as coisas passem simplesmente por mim e levem tudo como um ciclone enfurecido. Tenho que buscar reações tenho que levantar conflitos, indagações, questionamentos. Tenho que fazer as coisas passarem por mim e se balançarem. Não devo ficar estática a tudo se o que desejo é a melhora da qualidade do ensino.

Sonho com o respeito às diferenças, com a valorização das aptidões que se proponha a desenvolver ao máximo a capacidade do ser humano, com princípio unificador, fora das mãos da administração do Estado, vinculada a uma autonomia econômica própria, administrada exclusivamente para o desenvolvimento da obra educacional, pelos próprios órgãos do ensino.

Sonho em fazer da escola, um órgão feliz e vivo, que busque parcerias com a sociedade e comunidade, transformando-se numa instituição social ilimitada, utilizando em seu proveito todos os recursos disponíveis e a seu alcance.

Uma escola que se preocupe com a formação de seus professores, sua remuneração e seu bem estar e constante progresso e avanço.

A educação oferecida pelo Estado, não se preocupa em levar jovens a cultura superior ou mesmo trabalhar fatores que eliminassem a indiferença, hostilidade e preconceitos, criando assim, formadores de opiniões.

O que eu vejo é ainda uma educação estática, inerte que serve aos interesses da sociedade e quando nada mais se pode fazer por ela, pois escola não dá lucro, é contratar os “Amigos da Escola”, que são pessoas que realizam trabalhos voluntários, sem despesas para o governo, dando a impressão à sociedade que a educação se faz por qualquer um e independe de formação específica.

[...] a escola antiga, presumida da importância do seu papel e fechada no seu exclusivismo acanhado e estéril, sem o indispensável complemento e concurso de todas as outras instituições sociais, se sucederá à escola moderna aparelhada de todos os recursos para estender e fecundar a sua ação na solidariedade com o meio social, em que então, e só então, se tornará capaz de influir, transformando-se num centro poderoso de criação, atração e irradiação de todas as forças e atividades educativas. (GHIRALDELLI JR., 1990, p.76).

5.2 PRIMEIRO SEMESTRE DE 2003

Sinto que ainda preciso filosofar muito. Falando em Filosofia, quero aqui destacar a importante contribuição em minhas reflexões que a disciplina Pensamento Filosófico e Educação me proporcionou, na figura da incrível professora Alda Madalena Montanhez da Silva.

Com o passar dos anos, notei que acumulava muitos conceitos errôneos, que ia muito na conversa das outras pessoas, que deixava influenciar facilmente por indivíduos de boa lábia e que permitia incorporar palavras alheias como se fossem minhas e a transportar ideais dos outros em minha cabeça.

Com as aulas de Filosofia, aprendi refletindo e questionando, que eu deveria ser dona de opiniões próprias, somente minhas e que estas opiniões deveriam ser partilhadas com os demais a fim de construíssemos um ideal comum.

Como diz CHAUI (2002), o ser humano só se faz ouvir, com bons argumentos e os bons argumentos estão plantados no campo do conhecimento.

A nossa vida cotidiana é toda feita de crenças silenciosas, da aceitação de evidências que nunca questionamos porque parecem naturais, óbvias.

Cremos no espaço, no tempo, na realidade, na quantidade, na verdade, na diferença entre realidade e sonho ou loucura entre verdade e mentira, cremos também na objetividade e na diferença entre ela e a subjetividade, na existência da vontade, da liberdade, do bem, do mal, da moral, da sociedade.

Às vezes sinto em meio a tantas confusões que preciso acreditar mais, ter mais fé e esperança. Mas fé em que? Esperança em quem?

A professora Alda dizia que a Filosofia começa dizendo não às crenças e aos preconceitos e adota uma atitude crítica e pensamento crítico, dirigindo suas indagações ao mundo que nos rodeia e se realizando como reflexão radical que se volta para as relações que mantemos com a realidade.

A partir desse pensamento comecei a me abalar com verdades que tinha como absolutas, embora tivesse aprendido que não existem verdades absolutas.

Sempre achei que Filosofia e Religião andassem juntas, mas depois percebi que são muito diferentes.

A Fé aceita princípios considerados irracionais, enquanto que a Filosofia não admite irracionalidade, mas será que às vezes não temos que ser um pouco irracionais, para agüentar toda esta carga de racionalidade que nos torna frios e insensíveis ao mundo espiritual?

Não somos somente carne, não somos só máquinas pensantes. Somos Espírito, temos Alma, choramos, sentimos, nos emocionamos, rimos. Estes sentimentos o homem não conseguiu ainda transferir para nenhuma de suas invenções.

Com a Filosofia em minha vida, pude cuidar do meu aluno como um todo, partindo sempre de um fato lógico que lhe fosse importante, indo para o estudo dos caminhos, procurando levá-lo à felicidade, à busca do amor, ao encontro da sabedoria que lhe dê a reflexão para a busca de outras alternativas.

Às vezes, você observa, analisa, se assusta e não compreende que nem tudo o que você aprende pode ser aplicado em seu trabalho, devido às barreiras colocadas por forças maiores.

Todas nós temos o direito de usar a palavra e de nos expressar favorável ou contra diante de uma situação e muitas vezes nos sentimos impotentes e fragilizadas.

“Qualquer um pode zangar-se – isso é fácil. Mas zangar-se com a pessoa certa, na medida certa, na hora certa, pelo motivo certo e da maneira certa – não é fácil”. (GOLEMAN, 1995, p.09).

Em determinados momentos não somos ouvidas por mais que gritemos e não somos vistas por mais que nos unamos. Nesse momento, achamos que nossa atitude de gritar e ser vista não teve êxito, que falhamos por não alcançar a razão.

Diante do vácuo, das incertezas, da dúvida vem a reflexão, de nossas atitudes e nossas práticas educativas diante de tudo que nos cerca. Em certos momentos de minha vida, acompanhada pelo desânimo, parecia não ter a certeza do que pensar, pois sentia que ainda faltava muito do caminho a trilhar.

Esse caminho se abria no percurso a várias passagens, que na visão do pessimista, apareciam apenas para confundir, despistar e fazê-lo desistir, porém com a visão do olhar mais cauteloso do otimista, os sentidos desta estrada, eram apenas as inúmeras oportunidades das quais você podia desfrutar e escolher.

Em muitos momentos da minha vida, questionei meu trabalho, questionei em quem acreditava, minhas crenças, respostas que ouvia e respostas que dava e em outros momentos, me deparei com situações que não me deixavam sequer refletir e reagir.

Comecei então a questionar a felicidade em uma música que ouvi no rádio, enquanto dirigia de volta da escola para casa.

Era uma música de Gilberto Gil que me fez lembrar de três, dos meus vinte e sete alunos, que dizia assim: “... mães zelosas, pais corujas, vejam como de repente as águas ficam turvas... Tempo rei, ó tempo rei, ó tempo rei... ensinaí ó Pai o que eu ainda não sei...”. Fiquei refletindo aquelas palavras, que hoje fazem muito sentido para muitas crianças do mundo, onde as águas não são apenas turvas, mas verdadeiros ébanos.

[...] uma visão da natureza humana que ignore o poder das emoções é lamentavelmente míope. Quando investigam por que a evolução da espécie humana deu à emoção um papel tão essencial em nosso psiquismo, os sociobiólogos verificam que, em momentos decisivos, ocorreu uma ascendência do coração sobre a razão. (GOLEMAN, 1995, p. 18).

Tenho três alunos, duas meninas e um menino, que foram abandonados pelas mães, não conhecem os pais e hoje são criados, por piedade, pelas avós, cuja falta de estrutura em todos os aspectos deixam a desejar.

“A empatia leva ao envolvimento, ao altruísmo e a piedade. Ver as coisas da perspectiva dos outros quebra estereótipos tendenciosos e, assim, gera a tolerância e a aceitação das diferenças”. (GOLEMAN, 1995, p. 300).

Fico refletindo, buscando respostas infinitas, de como será a mágica do saber, do aprender para essas crianças com realidades tão duras. Como despertá-los da inércia .

[...] uma das principais funções da tristeza é a de propiciar um ajustamento a uma grande perda, como a morte de alguém ou uma decepção significativa. A tristeza acarreta uma perda de energia e de entusiasmo pelas atividades da vida, em particular por diversões e prazeres. (GOLEMAN, 1995, p. 21).

Seus coraçõezinhos estão dilacerados pela ausência de carinho e baixa estima. Nos passam a ver como modelo, nos passam a idolatrar, porém a capacidade cognitiva não está prepara da entrar em ação, pois o coração sofre e a mente divaga no vazio de um não saber o que fazer.

[...] na falta de bons sistemas de apoio, as tensões externas tornaram-se tão grandes que mesmo as famílias bem-estruturadas estão desmoronando. A febre, instabilidade e inconsistência da vida diária grassam em todos os seguimentos de nossa sociedade, incluindo os bem educados e ricos... Estamos privando milhões de crianças da competência e caráter moral. Esse é um fenômeno global. A competitividade econômica, a nível mundial, que barateia o custo da mão de obra cria forças econômicas que pressionam a família. (GOLEMAN, 1995, p.248).

Gostaria de poder penetrar seus pensamentos para segui-los por um instante.

“A capacidade de pôr de lado nosso foco e impulsos autocêntricos tem vantagens sociais: abre caminho para a empatia, para ouvir de fato, para adotar a perspectiva de outra pessoa”. (GOLEMAN, 1995, p.300).

Obviamente, são alunos de baixo rendimento escolar com problemas de disciplina, criados na pobreza, que se cuidam sozinhos ou cuidam de irmãos menores, que sem parâmetros acabam por não entender o significado da palavra “estudar”.

[...] vivemos em tempo de famílias economicamente acoissadas, em que os pais trabalham muitas horas, de modo que os filhos são deixados por sua própria conta e risco ou aos cuidados da televisão, a babá substituta; em que mais crianças do que nunca são criadas na pobreza; em que famílias-de-um-só-pai são cada vez mais comuns. Tudo isso acarreta, mesmo para pais bem-intencionados, a perda, cada vez maior, de incontáveis oportunidades para pequenos e protetores intercâmbios com seus filhos, fundamentais para o desenvolvimento das aptidões emocionais. (GOLEMAN, 1995, p.248).

Tenho uma aluna, que de tão assustada mal consegue falar e quando fala, mal posso ouvi-la de tão baixo que pronuncia as palavras. É como se ela estivesse se sentindo anulada do mundo, com medo de ser ouvida, percebida.

“O aprendizado não pode ocorrer de forma isolada dos sentimentos das crianças. Ser emocionalmente alfabetizado é tão importante na aprendizagem quanto à matemática e a leitura”.(GOLEMAN, 1995, p. 276).

Será que eu teria de ensiná-los a buscar a felicidade no sofrimento como acontecia com Polyanna ou orientá-los para que aprendessem a colher flores entre espinhos, como no conto alemão, Heidi?

Eu sei que a criança só aprende em ambiente equilibrado, onde possa colher bons exemplos e presenciar e vivenciar a paz independente da situação financeira que se encontre, porém, hoje em dia, quem consegue manter uma família equilibrada em meio à miséria?

Embora muitos teóricos possam discordar de mim, gostaria de deixar claro, que não estou defendendo nenhuma tese e sim apenas relatando as minhas vivências.

Vivências de um mundo que maltrata emocionalmente as crianças antecipam sua fase adulta e as enchem de erotismos e violências precoces e depois cobram delas no futuro alicerce equilibrado e condizente com os demais da espécie humana.

E, se não obedecerem às regras poderão passar o resto de suas vidas encarcerados numa cela fria e úmida igualzinho ao seu começo na sociedade: frio e úmido, que chega até a gelar os ossos.

[...] para levar a alfabetização emocional às escolas, precisamos inserir as emoções e a vida social em seus currículos normais, em vez de tratar essas facetas importantíssimas do dia-a dia da criança como intrusões irrelevantes, ou, quando levam a explosões, relegando-as a ocasionais visitas disciplinares ao gabinete do orientador ou do diretor. (GOLEMAN, 1995, p. 277).

Seria possível encontrar alguém tão equilibrado assim? Como nós professores deveríamos agir, numa forma de buscar treinar nossas emoções e procurar adequá-las aos nossos alunos, para que os sofrimentos dos mesmos fossem aliviados? E quando a criança não tem esse equilíbrio em casa e é somente na escola, na figura da professora que ela encontra este modelo? Neste mesmo sentido, Goleman (1995) aponta:

[...] além do treinamento do professor, a alfabetização emocional amplia nossa visão acerca do que é a escola, explicitando-a como um agente da sociedade encarregado de constatar se as crianças estão obtendo os ensinamentos essenciais para a vida... Para ajudar os alunos a transformar momentos de crise pessoal em lições de competência emocional.(GOLEMAN, 1995, p.294).

Neste caso nos tornamos mitos, seres dignos de serem adorados, modelos inabaláveis, super-heroínas. Sei que não posso mudar o mundo ou fazer grandes feitos, porém no meu pouco de formiguinha ou beija-flor, procuro sempre desenvolver meus conteúdos cognitivos das disciplinas que trabalho, aliados à solidariedade, ética, respeito, amizade e busca da felicidade.

[...] os padrões emocionais aprendidos podem ser mudados, porque temperamento não é destino. O temperamento pode ser definido em termos de estado de espírito que tipificam nossa vida emocional... O que cabe indagar é se um dado conjunto emocional pode ser mudado pela experiência. Nossa biologia determina o nosso destino, ou é possível a uma criança que nasça tímida tornar-se um adulto mais confiante?. (GOLEMAN, 1995, p.229).

Aprendi que de nada adianta ensinar o saber, se não se saber, no que esse saber será mais importante do que saber ser feliz. São apenas crianças, seres dotados de muita

criatividade e inteligência que bem usados, explorados e estimulados, se transformarão em seres humanos dignos de carregarem o nome de “humanos”. Não adianta desenvolver a inteligência e raciocínio lógico na criança, sem buscar o elo, a ponte aos conhecimentos da inteligência emocional.

[...] as crianças que desenvolvem uma perspectiva pessimista – atribuir os reveses em suas vidas a alguma terrível falha pessoal – começam a ser presas de estado de espírito depressivos como reação aos reveses. E o que é pior, a experiência da própria depressão parece reforçar o pessimismo, de tal forma que, mesmo depois de superada a depressão, a criança fica com uma espécie de cicatriz emocional, um conjunto de convicções alimentadas pela depressão e solidificadas na mente.(GOLEMAN, 1995, p. 259).

Sem este elo, essa ponte, eu estaria apenas criando seres dotados de inteligência, sem nenhum lado humano desenvolvido. Eu estaria formando apenas alunos preparados para resolverem problemas, sem, contudo envolverem-se com eles ou se sentirem apiedados e encorajados a ajudar.

[...] inteligência interpessoal é a capacidade de compreender outras pessoas: o que as motiva, como trabalham, como trabalhar cooperativamente com elas. As pessoas que trabalham em vendas, políticos, professores, clínicos e líderes religiosos bem-sucedidos provavelmente são todos indivíduos com alto grau de inteligência interpessoal. A inteligência intrapessoal... É uma aptidão correlata, voltada para dentro. É uma capacidade de formar um modelo preciso, verídico, de si mesmo e poder usa-lo para agir eficazmente na vida. (GOLEMAN, 1995, p.52).

Eu estaria instruindo, por exemplo, um ótimo futuro empresário, inteligente para finanças, porém corrupto, uma futura Top-Model, que não consegue enxergar a diferença de um corpo de passarela, com um corpo de uma criança esquelética da Etiópia.

Ou também estaria formando um futuro padre, que em seus belos e emocionantes discursos, não consegue agir e ser útil em sua comunidade carente, pois vive pregando sonhos e a promessa dos céus a quem sofrer muito, for honesto, submisso e apesar de tudo amar a Deus, uma dona de casa que ignora seus filhos e se entrega à depressão causada pelo tédio e monotonia de seus dias.

Seria também, como o pai de família que não consegue o domínio de si mesmo e se entrega ao álcool e a uma vida promíscua, entregando sua família à morte pelo possível risco de contaminação pela AIDS, tão esquecida pela mídia ultimamente, mas que certamente está se alastrando como uma praga.

O saber é algo sagrado, pois ele é a chave da felicidade, porém é com a felicidade vivida que encontro a grandeza da alma preparada para o saber.

Se a criança não vivenciar a felicidade, pelo menos por alguns instantes de sua vida, ela jamais saberá o que é tê-la e sendo assim nunca irá procurar por algo que desconhece. Goleman ressalta, na fala de Erasmo:

“A principal esperança de um país está na educação adequada de sua juventude”.
(GOLEMAN, 1995, p. 276).

Se a criança não for feliz, isto é, se a felicidade lhe for negada, subtraída, ela jamais aceitará a sabedoria e tudo de bom que vem com o saber. E ainda completando minhas palavras acerca de emoções na aprendizagem, Karen Arnold, professora de Pedagogia na Universidade de Boston acrescenta:

[...] a inteligência acadêmica não oferece nenhum preparo para a vida. A aptidão emocional é uma metacapacidade que determina até onde podemos usar bem quaisquer outras aptidões que tenhamos, incluindo o intelecto bruto.(GOLEMAN, 1995, p.48).

A felicidade, da qual me refiro, não é uma felicidade rotulada: ricos são felizes e pobres não são felizes.

Estou me referindo àquela felicidade que traz bem estar, desenvolvimento de raciocínio, crescimento natural e saudável e que permite ao ser humano socializar-se humanamente com seus pares, construindo sociedades saudáveis, justas e humanas, sem a necessidade de presídios, hospícios, clínicas de recuperação, etc. Não quero consertar o mundo de um momento para o outro, porém eu quero começar a fazer isso: agora!

A tristeza, o emocional que se abala interferindo na aprendizagem, não ocorrem tão somente nas classes menos favorecidas. Neste sentido, Goleman (1995) aponta:

[...] nenhuma criança, rica ou pobre, é imune a problemas: isso é universal e ocorre em todos os grupos étnicos, raciais e de renda. Assim, embora as crianças pobres tenham o pior registro em indicadores de aptidões emocionais, a respectiva taxa de deterioração com o correr das décadas não foi pior que aquela das crianças da classe média ou rica: todas mostram uma queda constante.(GOLEMAN, 1995, p. 248).

Hoje em dia, nos preocupamos muito em como viver em sociedade. A sociedade na qual está inserida nossa escola, hoje é mais complexa, diversificada e quase inalcançável.

É muito difícil conseguir a participação de pais em reuniões ou mesmo reunir a sociedade em prol da escola. Quando isso acontece temos apenas um grupo muito pequeno de pessoas que participam e integram uma idéia. As pessoas perderam, com a correria do dia-a-dia a dimensão da obrigatoriedade e já não sabem mais quais são os seus deveres e nem como agir diante de determinada situação. Se o fazem, agem por impulso e não por reflexão.

Com tudo que nos é imposto, com nossos planos fracassados pergunto que tipo de vida que vale a pena ser vivida? Qual o tipo de vida quero levar? Quais meus deveres necessários? Eu quero alcançar a felicidade?

Se alcançar a felicidade é o que eu desejo, eu tenho que correr atrás, porque a felicidade é só minha.

Só eu posso ter interesse nela. Com ela, vou poder partilhar e compartilhar alegria e dividir harmonia. Sem a felicidade, vou refletir mau humor, espalhar pessimismo e ceticismo.

Não quero me transformar em uma sofista e passar a não acreditar em mais nada, ou me acomodar. Não é minha natureza, me acomodar com as coisas. Não agora, pois antes não era bem assim. Muitas vezes me vi acuada, impedida de agir, porém não agi como heroína e sim com inteligência, segundo Aristóteles orienta: “agir na hora certa, com a pessoa certa, no momento certo”.A sociedade capitalista corrompe o homem que nasce bom, segundo Rousseau. Eu concordo plenamente com este raciocínio.

Em minha vida profissional, presenciei o declínio de muitos alunos bons, que entravam nas séries iniciais com toda aquela ingenuidade infantil, que com o passar do tempo, foram se corrompendo com as amizades inadequadas, com os ambientes corrompidos.

No término da quarta-série, já eram garotos cujas mães, já não tinham mais o domínio sobre eles e nem tão pouco a escola. Apesar disso não concordo com Kant que nega a existência da bondade humana. Vi muitas crianças verdadeiramente humanas, que viviam em lares dilacerados, onde eu não conseguia imaginar como esta criança ainda sobrevivia, com tantas pressões.

Acredito em Hegel, quando ele diz que a vontade coletiva é que gera novas ações e comportamentos e que a família, o trabalho, a escola, as artes, a religião, norteiam nossos atos morais e determinam o cumprimento do dever.

Lamentavelmente, encontramos hoje uma grande inimiga que é a televisão, que distorce a realidade, deturpa valores através da ilusão e coloca idéias e modismos que são seguidos fielmente pela maioria e criticada pela minoria reflexiva.

Também sentimos que alcançamos alguma melhoria na sociedade, principalmente no que tange a conscientização de uns poucos para as questões morais e éticas que norteiam a sensibilidade do homem às situações críticas e polêmicas da sociedade, tentando resgatar a confiança do povo para a construção de um Brasil melhor, onde habite o dever do valor moral e ético e de verdadeiras posturas de reconstrução social.

A educação se tornará mais coerente e eficaz se nós formos capazes de explicitar valores, pois não se pode falar em teorias de educação sem refletir em valores.

Só não consigo entender, porque o governo não consegue enxergar que investir em educação é mais barato que cuidar da violência, do tráfico, da miséria. Precisamos pensar daqui para frente, na diferença entre o necessário e o possível, lutando sempre pela ética, mediante os padrões morais que podemos ter e ser.

Eu sei que a ética não garante o progresso da humanidade, porém sem ela a humanidade teria se despedaçado, porque você pode ter moral sem ter ética, porém você não pode ser ético sem ser moral.

Acredito que os valores, nós só iremos conseguir aos poucos, dentro de um processo educativo e cauteloso, pois é somente através da educação que conseguiremos concretizar o nosso projeto de humanização. Precisamos parar e pensar sobre a forma como vamos agir e acordar esse imenso e gigante país, adormecido. Certamente, o pensamento nos levará a uma resposta, na busca de uma escola democrática e eficiente para as nossas necessidades.

[...] certa vez um grego disse: O pensamento é o passeio da alma. Com isso quis dizer que o pensamento é a maneira como nosso espírito parece sair de dentro de si mesmo e percorrer o mundo para conhecê-lo. Assim como no passeio levamos nosso corpo a toda parte, no pensamento levamos nossa alma a toda parte e mais longe do que o corpo, pois a alma não encontra obstáculos físicos para seu caminhar. (CHAUÍ, 2002, p. 151).

Um projeto de humanização no qual possamos adquirir a conscientização política necessária para o nosso desenvolvimento, sem individualismo, competitividade negativa, falta de acesso às informações, preconceito, exclusão, autoritarismo, obediência cega e submissa e obediência neutra às ordens hierárquicas.

[...] cremos no espaço, no tempo, na realidade, na qualidade, na quantidade, na verdade, na diferença entre realidade e sonho ou loucura, entre verdade e mentira; cremos também na objetividade e na diferença entre ela e a subjetividade, na existência da vontade, da liberdade, do bem e do mal, da moral, da sociedade. (CHAUÍ, 2002, p.11).

E eu certamente quero continuar acreditando, pois o dia que deixar de fazê-lo, tenho que estar consciente que deixei de viver. Não estou neste mundo, nesta época apenas de passagem. Tenho que construir minha história, viver intensamente o meu tempo e deixar sementes de fé e esperança, para que sejam encontradas por alguém e semeadas para o bem.

O conhecimento é o nosso instrumento de trabalho. O professor só consegue êxito quando ensina e passa o que acredita. Acreditar é a chave do sucesso, é a mola propulsora para a luta daquilo que se pretende conquistar.

Durante muito tempo acreditei que formar crianças dentro de padrões semelhantes iria garantir-lhes sucesso na vida social. Ledo engano! Sem saber estava pregando um modelo de educação com autoridade, aquela onde a escola molda o aluno que ela quer para a sociedade e sendo assim, me esquecia que a educação tem por finalidade criar o homem constituindo nele um ser social apto a viver em sociedade, respeitando suas aptidões e valores.

Foi exatamente com a disciplina de Pensamento Sociológico e Educacional da professora Lazara Eliana Petroni de Assis, que pude tecer melhores informações acerca da influência do social na educação do meu aluno.

Muitas mudanças surgiram e aconteceram desde então, pois vivemos tão petrificados pelas rédeas da sociedade, que muitas vezes nem percebemos se estamos conduzindo o coche para o castelo da princesa e do príncipe ou para a casa da bruxa no meio da floresta escura.

Falando em conto de fadas, vou tentar explicar a minha visão acerca de sociologia na educação, que gostaria de deixar registrado neste memorial, através de uma aula que nós relacionamos a visão de sociologia, baseada na teoria de Durkheim, fazendo um paralelo com o livro Pinóquio. Muitas vezes pensava em construir, formar modelos ideais, mas o que seria modelos de ideais nesta sociedade capitalista? Geppetto moldou seu boneco a partir de um pedaço de madeira inerte e sem vida, sem a pretensão de um dia vê-lo em movimento, cheio de vontades e independente.

Durkheim (1978), em seus estudos, teorias e pensamentos, também acreditava que a criança pudesse ser moldada de uma tabula rasa, com ausência de conhecimento, sendo um ser egoísta, associal, primitivo para um indivíduo que pudesse ter domínio de caráter.

Ele acreditava que seguindo sempre os princípios da moralidade, a criança se tornaria um ser abnegado, que aceitaria regras sem conflitos e com alto senso de espírito de disciplina que condicionaria assim o pequeno ser a tornar-se um indivíduo do qual a sociedade pudesse se servir sem riscos de questionamentos provocantes.

Quando a tabula rasa, ou seja, a madeira toma vida, cheia de vontades e curiosidades, ele, Pinóquio, se depara com as regras da sociedade das quais desconhece ainda.

Por desconhecer as regras da sociedade e ter espírito livre, Pinóquio bate de encontro com elas quase sempre, gerando conflitos não aceito pelos mais velhos.

Geppetto, mesmo moldando o boneco pelas próprias mãos, não conseguiu que ele fosse o que seria o modelo ideal de comportamento moral com o mais alto grau de perfeição cobrado pela sociedade e pela educação.

Durkheim (1978), não via a criança como um ser cheio de potencialidades e diferente do adulto. Na visão de Durkheim a criança não passava de um boneco de madeira que pudesse ser transformado pelas mãos de seu artesão conforme sua vontade e determinação.

Pinóquio demonstra na história, que não é apenas um boneco que tem um sonho e vive se metendo em confusões. É também uma obra de uma geração passada que tenta lhe impor regras das quais ele não entende.

Pinóquio e Durkheim se fossem da mesma época, sofreriam inúmeros conflitos, pois Pinóquio seria uma afronta direta para Durkheim, pois se Durkheim fosse Geppetto, certamente Pinóquio não teria saído do projeto ou da vontade em fazer algo mágico, realmente diferente.

Imagine Durkheim, ter à sua frente, uma criança diferente, fora de seus moldes pré-incorporados, impetuosa, social, relacionando-se com todos, usando de seus argumentos, falante, provocadora, avançada para o seu tempo e cheia de vontade de alçar vôo, sem, contudo estar longe de ser autônoma abnegada e disciplinada, assim como era Pinóquio?

Afinal, fico eu aqui pensando com os meus botões, ou melhor, com as teclas do meu teclado, e fico a imaginar que criança Durkheim observou para tecer estes pensamentos?

Será que Durkheim chegou a conhecer todas as crianças do mundo, ou pelo menos várias crianças de países diferentes e com culturas diferentes?

Fica fácil questionar a criança do tempo de Durkheim, pois as mesmas não questionavam, não se opunham, porque a sociedade as preparava para tal e condicionadas seguiam sem reclamar dos padrões impostos pelos adultos.

Mas os tempos mudam, as épocas sofrem transformações e tem seus heróis e fadas madrinhas, que surgem na forma de novos pensadores, mais abertos, sensíveis e lógicos, para libertar estes pequenos seres da prisão de padrões pelos quais eles passaram por anos.

Por anos foram aprisionados e assim sendo surge a liberdade, que as tira da inércia da madeira, libertando-as dos galhos emaranhados da sociedade, para que enfim, possam ser vistas e notadas.

Assim como no final da história, Pinóquio consegue a sua transformação após passar por inúmeros apuros tendo maior domínio de si e maior controle sobre a instabilidade de sua personalidade, pois nele se deu a educação.

Como diz Durkheim (1978), a educação é acima de tudo, o meio pelo qual a sociedade renova perpetuamente as condições de sua própria existência consistindo para isso numa socialização metódica de cada geração, num sistema de idéias, hábitos e sentimentos dos diferentes grupos dos quais fazemos parte na forma de ser social.

Sendo assim, minhas visões acerca dos comportamentos ditados pela sociedade, nunca mais foram os mesmos.

Aprendendo sobre as concepções de Marx, Durkheim e Weber, pude comparar, refletir, conhecer e ir além de minhas idéias, pois aprendi que mesmo certos tipos de pensamentos, como os de Durkheim, por exemplo, tem seu fundo útil e reflexivo.

Pois são com reflexões polêmicas e diferentes e ousadas, que tecemos melhor as nossas concepções, argumentos e diferenças de pensamentos, que nos impedem de desviar os olhos da realidade.

[...] é a sociedade, pois, que devemos interrogar; são as suas necessidades que devemos conhecer, porquanto a elas é que nos cumpre atender. Limitar-nos a olhar para dentro de nós mesmos, seria desviar nossos olhos da realidade que nos importa atingir, e isso nos colocaria na impossibilidade de nada compreender do movimento que arrasta o mundo, ao redor de nós e nós próprios com ele. (DURKHEIM, 1978, p.91)

Mas, são com as diferenças que crescemos, que construímos, que planejamos, que traçamos metas, retas, paralelas diagonais, perpendiculares em nossas vidas, que pesamos as diferenças, que calculamos o que pode dar certo e o que pode dar errado e as margens de erros.

Falando em termos matemáticos, complicadinhos, cheios de nós e enigmas, que dão sabor e mistério ao nosso desenrolar de vida, quero aqui deixar em meu memorial mais um nome especial da disciplina de Teoria Pedagógica e Produção em Matemática, na figura carismática e eterna da professora Luci Mara Gotardo Gonçalves, que na época do curso estava toda iluminada, cheia de brilho, pois esperava um novo ser, mais um cliente da área de educação.

Com esta disciplina, que pelo nome me parecia abominável, pois minhas relações com os números nunca foram das melhores eu temia o que poderia vir por aí: uma seqüência de zeros bem geometricamente redondinhos, feitos com precisão cirúrgica.

Mas, como eu sei que o medo é um inibidor das transformações, um sinal de alerta, de defesa, pude me controlar desta vez e compreender melhor as evoluções. Compreendi também, que as transformações estão sendo muito rápidas e às vezes sinto que mal posso acompanhá-las.

A tecnologia invade nosso mundinho, com seus inúmeros botões e nos espremem entre eles e essa evolução vem crescendo e sinto que se não correr, serei esmagada por ela.

Com a disciplina de Teoria Pedagógica e Produção em Matemática, aprendi que o homem evoluiu em seu ambiente, às custas de muita criatividade, imaginação e ambição.

Gostaria de deixar registrado aqui, um trabalho que muito me acrescentou, da apostila trabalhada “Como o homem aprendeu a contar” -Ibrah, G. “os números – a história de uma grande invenção”.São Paulo, Globo, 1998.

Na apostila citada acima aprendi e pude relacionar com minha prática, muitos conceitos e novidades.

Posso começar registrando que a invenção dos números teve correspondência às preocupações que os homens sentiram de ordem prática e utilitária no seu dia-a-dia, à medida que foi evoluindo e necessitando tornar sua vida mais prática, sem, contudo, deixar de perder a contagem exata de seus bens.

Tudo teve início, com o método de correspondência uma um, que possibilitava a comparação com facilidade sem ter que recorrer à contagem abstrata, isto é, aos números.

Através da propriedade da equiparação que permitia estabelecer uma comparação, que abarcava vários números sem contar nem mesmo nomear, podia se conhecer as quantidades envolvidas. Este sistema, de equiparação, é muito utilizado entre crianças na fase primária.

Elas, sem ter a noção de números ou conhecer seus símbolos, saberão com facilidade identificar a diferença e saber qual saco de balas tem mais balas e qual saco de balas tem menos balas; e se lhe for dado o poder da escolha, certamente irão escolher para si, o saco com maior número de balas, porém o mesmo não acontece quando se trata de reconhecer o valor do dinheiro pela quantidade entre crianças.

Certa vez apresentei aos meus filhos ainda com quatro e cinco anos em 1995, uma nota de cinco reais e cinco notas de um real.

Eles perceberam que se tratavam de notas diferentes, porém quando eu ofereci o dinheiro a eles, houve um grande conflito e começou uma grande confusão, ou seja, briga mesmo.

Eles brigaram pelo grupo de cinco notas de um real, pois para eles, pela quantidade, representava mais valor, mais dinheiro do que a única nota de cinco reais.

Eles iriam receber mais dinheiro, se ficassem com mais cédulas, ou seja, se pegassem as cinco notas de um real.

Final da história: eu tive de trocar a outra cédula de cinco reais e, os dois ganharam cada um, cinco notas de um real.

Se eu agi certo ou não, até hoje não sei, porém, nesta fase, ainda a criança não tem maturidade para o conceito valor, quantidade, agrupamento e insistir em fazê-los entender, seria pura perda de tempo.

Através da técnica que lhes são próprias e que podemos qualificar de concretas, face aos nossos meios atuais, as pessoas conseguem obter até certo ponto, os mesmos resultados que nós, salvo as crianças que citei no exemplo anterior, cujas concepções não conseguiram relacionar a quantidade ao mesmo valor real e mesmo tendo um adulto interventor, neste caso, o conflito apareceu e não pôde ser solucionado.

Graças ao princípio da correspondência um por um, no caso do pastor de ovelhas, que contava seu rebanho utilizando pedrinhas, podemos obter resultado mesmo se a linguagem, memória ou o pensamento abstrato, são completamente falhos.

Quando queremos equiparar termo a termo os elementos de uma coleção, aparece a noção abstrata, inteiramente independente da natureza dos seres ou dos objetos presentes e que exprime uma característica comum e pode exercer um papel importante em termos de enumeração, porém, na prática, os métodos daí derivados só são adequados a coleção relativamente reduzidas.

A exemplo disso, certa vez, desenvolvi com um grupo de crianças, que não sabiam contar, uma forma de contagem, na qual eles pudessem controlar o grupo que estava ganhando a competição: meninas ou meninos.

Então para cada resposta correta, o grupo marcava um risco na lousa de cores diferentes para os meninos e meninas. A cor das meninas era rosa e a dos meninos azul, e cada risco, representava um ponto ganho.

Ao final das perguntas, encerrado o tempo da brincadeira, as crianças fizeram a contagem, pela simples observação das quantidades de marcas feitas na lousa, que determinava quem tinha ganhado a competição.

A seguir, eu fazia a contagem numérica e aproveitava, para introduzir a dezena e unidade, agrupando dez marquinhas em um único grupo e o restante que ficava, representava a unidade.

Desta forma, aos poucos eles iam compreendendo que o agrupamento representava dez e o que sobrava, bastava ser contado junto ao agrupamento, originando assim o onze, o doze, o treze, e que esta forma, facilitava a contagem, quando a soma ultrapassava o dez.

No início, eu ia explorando pequenas quantidades, por ser classe de alfabetização e gradualmente, aumentava as quantidades.

Já os aborígenes oceânicos, africanos ou americanos, se referiam a contagem, como a uma ordem sempre previamente estabelecida às partes do corpo, pois não eram capazes de conceber números abstratos. Então, eles se utilizavam deste recurso, como uma forma de contornar o problema através de meios abstratos.

Desta forma, eles se contentaram em enumerar, na ordem que se impõe, um certo número de partes do corpo e se referirão simultaneamente à seqüência de gestos associados, o que evidentemente obrigará o interessado a fixar os olhos no narrador.

Assim acontece com a criança pré-escolar, que entra em conflito quando não possui mais dedos das mãos e dos pés para contar, pois a soma já ultrapassou vinte. Ela automaticamente irá procurar outro ponto que lhe possa servir de meio para que sua contagem continue: pode ser a barriga do colega, as mãos ou pés de outras crianças.

Certa vez presenciei na rua, uma contagem entre os pequenos, durante uma brincadeira. Eles estavam em círculo, e todos com as mãos esticadas e abertas, onde um deles contava os dedos dos demais, que não podiam se mexer, a fim de que o mais velho, não errasse a contagem.

Eles perceberam assim, que adicionando mais dedos, eles poderiam fazer a contagem exata, a fim de não prejudicar a brincadeira. Já outros povos utilizavam-se da observação do tempo (fases da lua), para poder contar e chegar sem erro a data combinada. Para isso faziam marcações no próprio corpo, onde cada sinal possuía um significado numérico.

Algumas crianças costumam marcar a data de viagens, que esperam tanto, com ansiedade, dizendo que tem que dormir três noites para chegar o dia, por exemplo.

Meus filhos quando pequenos faziam isso e, desta forma, inconscientemente, estavam usando o tempo, para marcar a quantidade de dias que faltava para a viagem.

A noção de ordem já está aí presente, mesmo não sendo verdadeiramente conhecida.

Alguns povos do Oriente Médio ou da África, viam nos números, signos de superstição, os quais não deveriam ser pronunciados e assim nasceu o medo e a repugnância em relação ao número e à arte de contar. Muito interessante: relacionar números ao misticismo.

Devido ao misticismo gerado, não se devia empregá-los por qualquer motivo, pois poderia dar aos espíritos do mal a idéia de aprender a contar e o poder secreto desses números a fim de que pudessem agir sobre as pessoas ou as coisas enumeradas de forma negativa.

Surge assim, a ladainha, os versinhos, a memória visual, série de meses, letras do alfabeto, dispostos numa ordem rigorosamente preestabelecida, como uma espécie da arte de contar a fim de que se pudesse evitar usar os números de influência negativa.

Até hoje, algumas pessoas temem ser o número treze de uma lista, ter o número treze em sua casa, na placa do carro, bem como o número vinte e quatro costuma ser evitado pelos homens, o qual se tornou símbolo de sátira.

A contagem não é uma aptidão natural, é um atributo exclusivamente humano, intimamente ligado ao desenvolvimento da inteligência do qual recorremos para saber o número exato, transformando-se numa noção abstrata e homogênea da quantidade absoluta.

A noção de número recobre dois aspectos complementares: o chamado cardinal, baseado unicamente no princípio da equiparação, e o chamado ordinal, que exige ao mesmo tempo o processo de agrupamento e o da sucessão.

Quando queremos determinar o número cardinal, nós simplesmente o contamos. Falando-se em contar há um trecho que pode ilustrar este meu parágrafo. É uma história contada por Paul Bourdin

[...] conheci uma pessoa que, ao escutar bater quatro horas antes de adormecer, contou desse modo: uma, uma, uma, uma. E, diante do absurdo de sua concepção, começou a gritar: O relógio ficou louco, bateu quatro vezes uma hora. (IFRAG, 1998, pp. 47 e 48).

A própria essência do conceito do número ordinal é a que podemos sempre passar de um número qualquer ao subsequente e por si só, a equiparação não é capaz de criar o cálculo e que a correspondência e a sucessão constituem a própria ligação de todos os domínios das ciências exatas.

Quando falamos do aspecto cardinal e ordinal, lembramos das nossas mãos, que se apresentam como a máquina de contar mais simples e natural que existe e é por isso que ela exercerá um papel considerável na gênese do nosso sistema de numeração.

A mão do homem é portadora de inúmeros recursos, pois se constitui de uma espécie de instrumento natural, particularmente designado para a aquisição dos dez primeiros números e o aprendizado da aritmética elementar e hoje em dia, também é a mão que auxiliada pelos poderosos dedos, digitam, digitam e digitam, apertam botões, controles, enfim, hoje é uma ponte entre as grandes máquinas de calcular.

Contas, números, marcações, tabelas, gráficos, porcentagem, dinheiro, valor, operações, enunciados... De quantas coisas mais o ser humano poderá se servir para se tornar dependente?

Tudo aquilo que criamos, nos escraviza para sempre. Será que conseguimos imaginar a espécie humana, sem a tecnologia? Um simples apagão deixa nossas vidas de pernas para o ar. Será que conseguiríamos sobreviver com o calor das fogueiras, comendo sementes e vivendo da caça?

Nossa! Falando assim, dá até a impressão que nunca fomos seres totalmente primitivos, aqueles que guardavam rebanhos de carneiros, que estocavam ferramentas ou armas, que armazenavam reservas alimentares para a comunidade e que praticavam uma economia de troca.

Felizmente o homem foi capaz de ampliar seus limites e até de se superar, porém se ainda mantivesse o seu outro lado “animal”, aquele que respeita a natureza e tira dela somente o necessário para sua sobrevivência, nós estaríamos vivendo de forma mais harmônica e menos destruidora.

Porém acredito, que mais do que descobrir, nós temos que procurar entender, compartilhar e ensinar. Não adianta ter tecnologia de ponta, se não temos humanidade e solidariedade por trás de quem detém a tecnologia.

Pesquisar é importante, descobrir é uma glória, porém muitas descobertas serviram para o mal, decepcionando seus inventores.

Ensinar, como diz Rubem Alves (ALVES, 2002), é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naquele cujos olhos aprenderam a ver os outros pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...”

Já que estou falando em pesquisa, descoberta, gostaria de mencionar sobre a disciplina de Pesquisa Educacional, sob a orientação da sempre divertida, alegre e a mil por hora sempre Silvia Bez Soares de Camargo.

Suas aulas eram inaudíveis. As suas provocações nos faziam falar sempre todas juntas e como ela conseguia nos ouvir, isso eu não sei descrever.

Sua presença era contagiante, o seu jeito alto de falar e agitado de ser cativaram muitas de nós e com a disciplina de Pesquisa Educacional, aprendi a aperfeiçoar meus registros e ter mais claro em minha mente as etapas de um processo de pesquisa.

Um trabalho que muito me acrescentou, neta disciplina, foi realizado com o texto “A Teoria Como Hipótese” de Zaia Brandão (1992). Com este trabalho da autora pude perceber muitas transformações e acumular também muitas inquietações.

Bom, pelo menos pude ter consciência de que a pesquisa em educação depende fundamentalmente das outras áreas. Sem o auxílio da Psicologia, Sociologia, História, Antropologia, Filosofia e demais, a pesquisa em educação não consegue encaminhar a maioria de seus problemas.

Explicar e provar são objetivos moldados no modelo descritivo-explicativo, sendo assim reconhece-se à pesquisa em educação como uma prática de caráter científico.

Esta prática de caráter científico hoje é muito disputada teoricamente entre os portavozes de diferentes paradigmas explicativos no campo da educação, onde muitas vezes a teoria é confundida com verdade.

Os pesquisadores isolam-se em seus paradigmas e ignoram os debates das questões, tendo como consequência um conhecimento defasado que contribui para o desprestígio da área.

[...] as modificações já aludidas do campo do conhecimento científico, além de exigir a referida flexibilização tanto do conceito de verdade como das fronteiras entre especializações, especialistas e áreas de conhecimento, estão exigindo uma nova relação do pesquisador com o escopo teórico. (BRANDÃO, 1992, p. 167).

É preciso, pois, que se desenvolva um constante aperfeiçoamento entre teoria e prática para que uma possa auxiliar a outra sem se contradizer ou criar grandes abismos.

Incorporei aos meus conhecimentos, com esta disciplina, que não se progride hoje, sem a interlocução com as áreas circunvizinhas. Se eu quiser ser uma pesquisadora, tenho a necessidade de me tornar uma consumidora crítica de vários campos do saber, mudando com essa prática inclusive os parâmetros que regiam o meu estatuto de conhecimento próprio, pois compreendi que a verdade perdeu o caráter permanente e hoje é vista como um processo, porque depende fundamentalmente de outras áreas.

Com toda essa informação, pude concluir, que quanto mais eu buscar a interdisciplinaridade com outras áreas a tudo o que eu propor a fazer, melhor será o resultado para mim e melhores serão os frutos que irei colher com meus alunos.

Antes, eu achava que tudo passava em nossas vidas e que esse “tudo”, era apenas aquilo que deveria ser vivido. Como registro dessas passagens, sobravam apenas as lembranças que se apagavam com o decorrer do tempo.

Mais tarde senti a necessidade de registrar, pois compreendi, que o registro escrito proporciona a reflexão, o pensamento, à transformação para a construção do conhecimento,

pois ele mesmo, nos obriga a exercícios de ações, operações mentais e intelectuais de classificação, tornando-me assim produtora da linguagem escrita.

Assim como aponta CAMPOS (2001, p.22) usando a fala de Stenhouse, a propósito da noção de professor investigador, nós professores temos a capacidade de investigar, pois possuímos a prática, a teoria e os objetos de estudo (criança) bem a nossa frente todos os dias, possibilitando assim, rever conceitos ou incorporar outros conforme a necessidade.

Ainda segundo Stenhouse, para isso, nós professores, precisamos colaborar entre nós mesmos, com a nossa equipe, envolvendo na investigação as próprias situações e métodos de ensino, pois em grupos adquirimos dinâmicas muito próprias e construtivas. Devemos entender que cada sala de aula é um laboratório e cada professor um membro da comunidade científica.

O professor tem que acreditar que precisa incorporar o hábito da auto-avaliação para a melhoria da qualidade de seu trabalho. Sendo assim, de hoje em diante, nunca mais irei permitir que a mesmice tome conta de minha vida. Que a rotina seja banida de meu dicionário e de minha mente, a fim de que eu me torne cada vez mais construtiva e feliz.

Quando um conhecimento é passado sem cobranças de retorno, aprendemos de forma livre e tranqüila. Quando nos sentimos livres, nos sentimos leves. Quando nos tornamos leves voamos para bem longe.

Quando voamos, podemos ver tudo com clareza lá do alto e quando temos uma professora *maluquinha e moderna*, como a Silvia Bez, que sabe aliar tudo isso, temos o resultado da recompensa: o crescimento interior, que engrandece a alma.

[...] era uma vez uma professora maluquinha. Na nossa imaginação ela entrava voando pela sala (como um anjo) e tinha estrelas no lugar do olhar. Tinha voz e jeito de sereia e vento o tempo todo nos cabelos (na nossa imaginação). Seu riso era solto como um passarinho. Ela era uma professora inimaginável. (ZIRALDO, 1995, pp 5-11).

5.3 SEGUNDO SEMESTRE DE 2003

E, em se falando de teoria, muitas vezes engolimos como profissionais várias teorias-modismos, que são colocadas em nossos braços para que carreguemos.

Com a disciplina Pensamento Psicológico e Educação com a professora Liliana Guimarães Pompêo de Camargo, pude refletir melhor sobre os compromissos que tinha, aliados à minha vida escolar.

Pude compreender também que o construtivismo, mal explicado e trabalhado, serviu para construir uma enorme barreira entre professores e alunos, com direito a fosso com jacarés e tudo circulando em volta.

Porém, conhecendo novas fontes, refletindo sobre nossas buscas, fomos entendendo porque as lágrimas rolam e fomos aprendendo como enxugá-las.

Muitas vezes damos uma pausa em nosso conteúdo para resolver uma briga, um mal entendido entre os alunos, um problema, um choro sufocado, um olhar vago e distante, um problema emocional.

Deixar estes problemas passarem ou serem resolvidos apenas por um “mais tarde a gente conversa” seria ignorar a importância da Psicologia do emocional, na vida escolar do aluno e aceitar que na escola há uma valorização dos aspectos cognitivos em detrimento dos afetivos, que influem decisivamente no processo ensino-aprendizagem.

Entendi com a disciplina de Pensamento Psicológico e Educação, que devemos fazer da educação, um instrumento para transformar a sociedade, ampliando a consciência política e ética de cada um. Ensinar apenas a ler e a escrever seria formar homens sem ideais.

O conteúdo de Psicologia foi bastante rico e diversificado, pois aprendemos a refletir sobre diversos autores e comparar seus pensamentos e teorias e analisar quais pensamentos

são aplicáveis nos dias de hoje, que podem verdadeiramente nos orientar e quais são visões ultrapassadas, que serviram uma determinada época e lugar e que hoje só nos deixam a história.

Aprendi também termos novos como Psicologia do Senso Comum, que é a psicologia usada no cotidiano pelas pessoas e Psicologia Científica, que é a Psicologia como área da Ciência, se utilizando a lógica e comprovação.

Pude perceber que Ciência é uma atividade eminentemente reflexiva, que parte do cotidiano para depois se afastar e analisar seus dados colhidos; que “visão de mundo” é todo conhecimento que se tem acerca do mundo não científico. Aprendi, que o “senso comum” mistura e recicla os saberes e reduz a tipo de teoria simplificada, produzindo uma determinada visão de mundo; que as formas de conhecer o mundo se dão pela Religião, Filosofia, Senso Comum, Arte e Ciência, que nos ajudam a interpretar a realidade.

Pude também entender mais sobre as características do conhecimento científico, sobre as diversidades de objetos da Psicologia, onde o objeto de conhecimento é o homem e que a visão do próprio homem com sua visão de mundo interfere nas ciências humanas criando muitas vertentes, muitos caminhos a serem analisados, que se abrem para Vigotsky, Piaget, Wallon, Marta Kohl, Palácios, Regina Pedrosa, Sandra Almeida, Saviani, Ferretti, Sanny Rosa, Kohler, Thorndike, Marcus Vinicius da Cunha, Priscila Laroca, Skinner, enfim, muitos outros teóricos e pensadores que muito nos ajudam com suas reflexões.

Nos Estudos Dirigidos Individuais, aprendemos a registrar nossas reflexões e aprimorar através da escrita nossas visões de mundo, aprendendo que uma teoria não é conhecimento e sim uma forma de se chegar ao conhecimento.

“Uma teoria não é uma chegada, é a possibilidade de uma partida. Uma teoria não é uma solução; é a possibilidade de tratar um problema”. (MORIN, 1998)

Refleti, que o olhar do pesquisador nunca é neutro, porque as teorias não são neutras e que “uma teoria abre o caminho, não dá a resposta” (MORIN ,1998).

Com a disciplina de Psicologia, pude também conhecer o lado radical do conhecimento na visão de Skinner e seu Behaviorismo radical e seu método de “Instrução Programada” e de Pavlov, com seu método de aprendizagem por condicionamento.

Pude desfrutar das maravilhosas Aulas Magnas na pessoa carinhosa de Ângela Soligo, cujas aulas e conhecimentos passados me serviram de preciosas fontes de informações para os meus trabalhos e registros.

Nas aulas Magnas, na figura de Ângela Soligo pude compreender que a história humana, não se desenrola somente em um tempo ou lugar. Ela é rica em experiências e só não tem voz, quem se deixa calar:

As estratégias da professora para que fixássemos melhores os conteúdos foram organizadas, bem estipuladas, onde pudemos muitas vezes contar com seu bom senso, organização e atenção por parte da mesma.

Os Estudos Dirigidos, os registros em aulas e Seminários, serviram para ajudar a resgatar melhor os conteúdos aplicados e suas explicações pausadas e esclarecedoras, muito ajudaram em minha compreensão acerca do que estava sendo discutido. O Sistema de Avaliação, na forma de Estudos Dirigidos e Seminários, foi uma forma de avaliar, na qual me sentia muito à vontade, podendo exercitar meus textos e minha oralidade.

Quanto à pessoa maravilhosa da professora Liliana, eu tenho muito a dizer sobre seu desempenho em classe e dedicação com a equipe. Uma figura dedicada, compreensiva, que sempre sabia nos ouvir e de uma paciência incrível, pois nossa classe é muito barulhenta, mas às vezes a culpa do barulho era dela, que nos colocava assuntos polêmicos que nos faziam tagarelar ainda mais, porém nunca perdeu a calma e a “elegância” (não sei como ela conseguia isso!).

E por falar em engrandecimentos, não posso deixar de citar as aulas da professora Mariana Ventura, com a disciplina Teoria Pedagógica e Produção em História. Aprender é mesmo um grande caminho cheio de trilhas inesperadas.

Às vezes nos deparamos com coisas que já vimos, às vezes olhamos sem saber como denominar, enfim, foi com muitas novidades que me encontrei nesta disciplina.

Na disciplina de Teoria Pedagógica e Produção em História, pude refletir melhor sobre as representações e linguagens mais usadas na produção dos conhecimentos históricos no ensino fundamental.

Aprendi a analisar, refletir e argumentar sobre fotos, escritas, relatos orais, desenhos, obras de arte, livros didáticos e paradidáticos, periódicos como jornais, revistas e folhetos.

Sendo assim, meu leque se ampliou acerca dos conhecimentos que antes podia desfrutar e que agora posso me banquetear. Aprendi a analisar materiais e livros que antes apenas olhava na intenção de procurar “defeitos”. Um dos trabalhos que mais curti fazer, além do trabalho de análise dos livros paradidáticos, foi acerca da análise de um livro de literatura infantil João e Maria, dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm. (GRIMM, 1987).

O trabalho ficou lindo e, modéstia à parte, o nosso trabalho em dupla, com minha amiga Isabel, ficou encantador, pois caprichamos na capa que contava com mini-bonecos de pano e um cenário de floresta ao fundo. Foi a primeira vez que realizei um trabalho com enfoque voltado de forma crítica e reflexiva para uma história infantil.

Aprendi, nesta disciplina a focar melhor o olhar sobre a criança de hoje, de nosso tempo. Aquela criança que não pensa como a criança de anos atrás. Houve uma brusca mudança de comportamento, provocada pela mídia, que faz com que a própria criança faça sua própria representação do mundo, então para essa criança, as coisas de valores e importantes para ela é o que ela vê na televisão e acredita ser o melhor.

Hoje a criança é mais reflexiva, questiona mais, porém continua altamente influenciável e é nesse campo que a escola deve entrar.

A escola deve se tornar atrativa e influenciar mais que a televisão, a fim de que a criança dê mais créditos àquilo que viu na escola, ao que a professora falou do que àquilo que viu e ouviu na televisão através da boca de uma loirinha de mini saias toda enfeitada e purpurinada, ou melhor, explicando, toda exageradamente cheia de vida.

A partir daí, meus contatos com livros infantis, nunca mais foram os mesmos e posso dizer que estou passando isto aos meus alunos, que já estão “craques” em perceber diferentes versões em uma mesma história, falta de informações de edição, autor, ilustrador e outras coisinhas a mais, que denunciam os malditos e mau-escritos livrinhos de R\$1,99.

Tenho até alunos criticando a mãe de Chapeuzinho Vermelho, que mesmo sabendo que a floresta era perigosa, deixou sua pequena filha ir sozinha levar doces à avó. A ponte que tenho procurado construir entre a história de contos de fadas e a vida real, tem surtido ótimas socializações em classe sobre a relação “lobo mau” da história e o “homem mau” da nossa realidade. As crianças adoram debater temas atuais como violência, maus tratos usando exemplos das histórias infantis, que antes para eles eram muito longe da realidade.

“Se o texto é formado por um conjunto de representações, com a ausência de significados não há aprendizagem” (ZAMBONI, 1998, p.98).

Gostaria de deixar registrado um parágrafo do texto de Ernesta Zamboni (1998, p. 97-98) -Representações e Linguagens no Ensino de História, no qual ela explica o porquê da criação dos contos camponeses e por que sua magia perdura até hoje, nos encantando e encantando gerações.É engraçado, mas podemos ouvir várias histórias, mas aquelas que ficam são sempre as mesmas.

É como se estivéssemos incorporado as historinhas de contos de fadas no código genético.

[...] os contos camponeses medievais foram criados no fazer social, por sujeitos que viviam no acontecer cotidiano, subjugados pelo poder do senhorio, dos poderosos, sem nenhuma lei que os amparasse e os protegesse. Criar, imaginar e narrar histórias baseadas no cotidiano, em uma sociedade fundamentada na oralidade eram os meios encontrados pelo povo para manifestar sentimentos de alegria, tristeza, injustiça, revolta, dificuldades e comportamentos imaginários de que os camponeses lançavam mão ou não para sair do estado de miséria em que viviam. Estes contos camponeses transmitidos oralmente no final do século XVII foram registrados por Charles Perrault e reconhecidos nos salões literários franceses, sendo fundamentalmente, os atuais contos infantis, tão bem estudados e explorados por Darnton. São as versões das histórias da Cinderela, Joãozinho e Maria, Chapeuzinho vermelho, Mamãe Ganso, O Gato de Botas. (ZAMBONI, 1998, pp. 97-98).

Em se falando em tempos passados e tempos futuros, deixo aqui, um trecho de um texto que fiz para Mariana Ventura:

O TEMPO

O tempo passa ou somos nós que passamos pelo tempo?

Será que existe a máquina do tempo, ou é possível viajar pelo tempo sem a máquina?

Sim, é possível viajar pelo tempo sem a máquina. Podemos viajar pelo tempo através de nossas memórias, principalmente as memórias bem vividas, ricas de detalhes, cheiros, perfumes, cores e sons.

O tempo tem presente, passado e futuro. O passado é nossa memória, o presente é o que estamos vivendo e o futuro é tudo aquilo que podemos imaginar, sonhar e construir.

O futuro é fruto do que construímos no presente e o presente é a representação do que construímos no passado.

As boas vivências no passado, serão sem dúvida um presente para o presente e um salto para o futuro.

E a partir disso, pergunto: “Você foi feliz?”, “Você é feliz?”, “Você tem ambição de ser feliz e buscar sempre a felicidade através do tempo?”.

(Sandra Elaine Compiani Prado, 2003).

O tempo nos faz mesmo sábios e perspicazes, nos mostra caminhos, direções, respostas e nos proporciona uma visão de mundo totalmente recheada de informações, porém com a mesma medida e proporção que ele nos engrandece ele nos destrói se não soubermos acompanhar o ritmo de seus ponteiros.

Lugar para aprender, pessoa certa, idade certa, decoração, iluminação, onde, quando, com quem. A instrução que se recebe não tem momento para acontecer.

A educação, a informação, estão presentes à todo momento em nossas vidas, recheadas de emoções, frustrações, desejos, anseios e com sabor doce ou amargo. As certas e as erradas, as corretas e as incorretas, não tem momento certo para acontecer, pois acontecem a toda hora, a todo o minuto e ninguém é melhor do que ninguém ou tão desprovido de conhecimentos que não nos possa ensinar ou passar algo de bom, ou de mal também.

Quando o assunto é passado, não posso deixar de me lembrar de um texto que uma amiga chamada Débora de Oliveira me mandou pela internet, dia 10/05/03 às 13h: 51 min, cujo autor é desconhecido. Este texto que fala através de objetos que nos trazem à memória fatos vividos é uma síntese perfeita do que foi a mídia em nossas vidas e seu particular papel dentro da vida de cada um representando sua época e lugar. Quem ler e não tiver problemas com idade e for da década de 60, 70, 80, 90...irá se identificar com a maioria dos itens apresentados. É ver pra gostar:

“A ÚLTIMA INFÂNCIA DAS MENINAS”

Você:

- ❖ Usava caneta de 10 cores com cheiro?
- ❖ Tinha Melissinha sabor Coca-Cola?
- ❖ Botas de chuva de borracha vermelha e rosa pink?
- ❖ Colecionava as figurinhas de bichinhos que vinham no chocolate surpresa?
- ❖ Tinha o álbum de figurinhas da Moranguinho, cheio de purpurina?
- ❖ Assistiu Que Rei Sou Eu, Rock Santeiro, Vila Sésamo, Sítio do Pica Pau Amarelo, Spectro-Man, Flinstone, dentre outros?
- ❖ Brincava de Fofote e Bem-Me-Quer, aquela boneca que não fechava os braços?
- ❖ Colecionava papel de carta da Hello Kitty, Bonnie e Clyde?
- ❖ Usou saia balonê, saia com babados e cheia de miçangas, sandália com salto Anabela e calça semi-bag?

- ❖ E sandália de plástico com meia soquete prateada?
- ❖ Usou aquelas pulseirinhas de linha ou lã? Ou melhor, você vendia o que fazia?
- ❖ Assistiu ao show do Menudo, A-Há e achava o Morten Lindo?
- ❖ Brincava de Bambolê, antes de se chamar bambotchã?
- ❖ Morria de pena da Pollyanna, que pregava o jogo do contente?
- ❖ Tinha aqueles estojos que apertava um botão saía o apontador e outro botão e abria outro compartimento e por aí afora?
- ❖ Pulava corda com aquela musiquinha: “Um homem bateu na minha porta e eu abri, senhoras e senhores, ponham a mão no chão...?”
- ❖ E pulava um elástico? Quantos metros tinha o seu?
- ❖ Você conseguia passar as quatro ou cinco marias de uma só vez por baixo da ponte que fazia com a mão, na fase cinco do jogo?
- ❖ Brincava de “Enha la enha lagosta lagoe...” (Que diabo era isso?).
- ❖ Tinha a Barbie Face?
- ❖ Cantava a música do comercial da Bolinha de Sabão: “Sentada na calçada de canudo e canequinha, tublé, tublim... fazendo uma bolinha... tublé, tublim...?”.
- ❖ Lembra dessa: “Groselha vitaminada Milani iauh! È uma delícia iauh! No leite, no recreio e no lanche, iauh! Pra tomar a toda hora na sua casa, na festinha e na merenda iauh!.”
- ❖ Fazia a brincadeira do copo ou da chave e depois ficava morrendo de medo?
- ❖ Usava aquelas chuquinhas de pano da Pakalolo?
- ❖ Se você respondeu afirmativamente a maioria dos itens acima ou teve um ataque de risos durante este teste, você é uma privilegiada, pois a felicidade é o resultado de vários fatores na nossa vida e um deles pode ser medido pela forma como encaramos nossas lembranças.
- ❖ Fala sério... E no futuro, do que nossas crianças vão lembrar?
- ❖ Da bunda da Carla Peres, da Feiticeira e da Tiazinha?
- ❖ Bate papos virtuais, internet e games on line?
- ❖ Do Pokemon?
- ❖ Um tapinha não dói e dança da motinha?
- ❖ A nossa que tem entre 20 e acima de trinta foi à última infância feliz...Até mais!

(Texto enviado por Débora de Oliveira -internet, dia 10/05/03 às 13h: 51 min, de autor desconhecido).

Da realidade para os sonhos, dos sonhos para a imaginação, da imaginação para a criatividade, da criatividade para as descobertas, das descobertas para a realização profissional enraizada no real e voltada aos céus.

Bagunça, muita bagunça, porém uma bagunça organizada, cheia de riquezas, das quais nós, exploradoras, nos sentíamos crianças, plenamente crianças. Ah. Como eram demais as aulas da professora Marilda Rezende Cardoso, em sua disciplina de Teoria Pedagógica e Produção em Arte.

Em suas aulas aprendi brincando e pude sentir de verdade o que eu estava aprendendo para aplicar com meus alunos. Na verdade, sou um pouco suspeita para falar em arte, pois eu adoro tudo o que se refere ao tema.

Já no primeiro dia de aula, tivemos uma surpresa, que nos cativou. A aula teve início com uma dinâmica que trabalhou a representação artística utilizando-se dos órgãos dos cinco sentidos.

Trabalhando com o olfato, o que você seria se fosse um cheiro, com o paladar, o que você seria se fosse um sabor, com a visão o que você seria se fosse uma imagem e com o tato em o que você seria se fosse um tecido.

Após relacionarmos no papel, pela ordem da lista escrita na lousa, o que seríamos, trocamos os papéis, a fim de que cada um pelas características pudesse adivinhar quem era o dono do papel pelas descrições dos cinco sentidos.

Foi muito rico conhecer nossos colegas pela sua sensibilidade e o mais incrível é que as maiorias das características foram acertadas em um número bastante razoável.

Para a próxima aula, foi sugerido trazer um objeto que gostássemos e um do qual detestávamos. A seguir, os objetos foram colocados no chão, no centro da classe bem embaralhados e cada um pegou um objeto que não lhe pertencia e a seguir tivemos que entregar a uma pessoa, para que essa pessoa pudesse representar o movimento desse objeto e a seguir em grupo, improvisamos um teatro que contivesse os objetos que cada um pegou em cena, representando de forma clara e transparente aos demais qual seria este objeto e seu movimento, sem, contudo falar seu nome, apenas se utilizando gestos e movimentos.

Foram somente risos, porque nossa turma muito criativa quando se trata de representar, meus Deus! Aprendemos também que a apresentação, além de um nome que chame a atenção ou provoque curiosidades, tem que ter local para os personagens, ou seja, disposição em cena é fundamental, para criar harmonia, se utilizando todo espaço conveniente à cena. O espaço cênico deve ser bem explorado, com o início bem planejado, o meio com conflitos geradores de curiosidade e o final bem elaborado, provocando reações.

As informações devem ser bem ordenadas, sabendo-se para tal que a criação começa na visão, porque ver é educar o olhar para a sensibilidade e inteligência, olhando para todas as coisas como se fosse a primeira vez. A seguir, nos foi proposto trazer um desenho que marcou esta aula, trabalhando assim a expressão artística através da memória. O meu desenho, foi em homenagem ao grupo da Rachel e de seu tão falado perfume. Foi uma pena que não registramos com fotos ou filmagem este dia, acompanhado de São Pedro, na figura tímida e fantástica de Siomara. Neste dia, ri tanto como há muito não ria.

Aprendemos também a observar obras de arte (Santa Ceia), onde quatro tipos de obras de quatro artistas diferentes, realizadas em épocas bem distintas, nos foram apresentadas para análise e interpretação, nos levando a olhar com mais sensibilidade e curiosidade, narrando a obra, questionando e reportando ao momento do autor, revivendo memórias, realizando assim, um diálogo pleno com a obra de arte, podendo assim, transpor sentimentos.

Sentimentos que foram despertados em nós. Aprendemos a observar melhor, o contraste das cores, a textura das obras, o movimento dos pincéis, enfim mais uma aula incrível.

Não posso deixar de relatar a aula Magna de 12/08/03, na qual fomos surpreendidos pela incrível Márcia Strazaccappa, no papel da personagem Dona Clotilde, onde sua maravilhosa interpretação nos deixou embasbacadas.

Rimos muito neste dia e atentas observávamos a tudo de forma muito descontraída. É certo que nem todo grupo se portou de forma semelhante, ou recebeu a apresentação da mesma forma que eu, porém, nossas vidas são tão difíceis, existem momentos tão perturbadores e quem sou eu para julgar ou cobrar do colega a mesma receptividade. O que importa mesmo foi a mensagem passada e o que ficou.

Em nossas aulas de arte, na pessoa fantástica da Professora Marilda, aprendemos a pensar sobre as coisas que nos cercam. Despertei muitas habilidades adormecidas e fiz nascer outras que nem sabia que tinha.

A experiência de refletir sobre arte, em nossa ação criadora, dando formas ao imaginário, fez-me acreditar que para se trabalhar com arte não são apenas necessários recursos e sim uma boa dose de criatividade, improviso e imaginação.

Cada aula da Professora Marilda é um momento mágico e assim como ela mesma diz: “saímos da aula flutuando para casa...”.

Não estou elogiando demais não, é a pura verdade, basta ver para crer! De tanto falar nessas aulas em casa, meus filhos estão disputando a vez em que irei levá-los a assistir uma das aulas da famosa professora.

A arte se faz por vários meios, pela linguagem musical, explorando os diferentes tipos de sons, oriundos de formas e objetos variados, da linguagem teatral explorando os níveis baixos, médios e altos, a linguagem visual e seus diferentes modos de trabalhar o olhar pensante, nutrindo-o esteticamente, numa visão de ritmo e profundidade, da linguagem da dança e de seus procedimentos envolvendo representações, situações no tempo e no espaço, confecções, planejamentos, simulações, enfim, fatos, planos, atitudes, valores e normas próprias das linguagens artísticas.

Conheci a respeito da nutrição estética e do papel do professor como mediador entre a arte e o aprendiz, promovendo entre eles um encontro rico, instigante e sensível, envolvendo o teatro, a música, a dança e as artes visuais.

Pude debater sobre o conceito do que é arte, do que foi arte e de seus rudimentares modos de aplicações que ainda são realizados na forma de usar a arte apenas para ilustrar os trabalhos de outras disciplinas, colocando modelos prontos de prática, desenhos para colorir, sem que seja necessárias a intervenção, criação e imaginação do aluno.

Temos que lutar contra estes modelos mecânicos de trabalhar a arte que é tão cheia de movimento e liberdade, incorporando ao nosso protesto uma visão mais crítica que questione toda forma de pensamento, afim de que os alunos entendam que as produções artísticas e suas interpretações não são neutras e vazias, mas sim que caminham lado a lado com a realidade que veicula diferentes visões de mundo, tendo como objetivo familiarizar os alunos com a produção artística.

[...] o desenvolvimento de habilidades artísticas pode ser uma das maiores fontes de satisfação pessoal para os alunos contribuindo para elevar a auto-estima. A ação de ofertar algo acompanhada da frase: “ fui eu mesma que fiz...”, comove quem recebe e provoca imensa satisfação em quem oferece. (FORD, 1999, p. 24)

O parágrafo acima marca bem o que é realmente desenvolver o ensino de arte nas escolas e sua real função. Agora, questionando nossas aulas, lamento a falta de câmera de vídeo ou fotográficas, para que pudéssemos registrar, documentar, nossos incríveis momentos, para que pudessem ser revistos, guardados como memória, socializados, deixando em evidência as memórias de uma classe feliz, afinal, como alguém vai compreender a dimensão do que eu estou falando, se não puder ver também para sentir?

A riqueza de se trabalhar com atividades livres, recreações, formas de expressões, gestos, movimentos, liberdade para criar é desenvolver as emoções e sua forma de brotar na pele.

Aprendemos também a montar um ateliê e como dispor os materiais para uso do aluno e como trabalhar com eles a auto-avaliação acerca de seus trabalhos produzidos, para que se tornem mais críticos e observadores, bem como desenvolver o pensamento visual de acordo com as faixas etárias.

Nas aulas de arte, pude mudar meu olhar, perceber, buscar. Aprendi que a arte pode me transformar e me deixar mais feliz, livre.

A arte tem que ser espontânea tem que envolver a ampliar a capacidade de ler e comunicar-se com o mundo, falar e entender a fala do outro, de outros, de outras idéias, de outras áreas, de outras épocas, de outras culturas, construindo assim, um conhecimento mais profundo e significativo de si mesmo e do meio que vivemos. Para isso tudo, é necessário um envolvimento emocional, ser um observador atento e sensível, capaz de desafiar, aceitar desafios, inovar, criar, respeitar, conviver e aceitar todas as formas de manifestação artística, aberto a todo tipo de manifestação humana.

Depois dessas aulas, eu nunca mais fui a mesma. Às vezes até me assusto comigo mesma! Gosto muito de desenhar e desde muito pequena, já desenhava muito e era o que eu mais gostava de fazer, só que naquela época, eu não podia dispor de um caderno de desenho só pra mim em casa, então eu desenhava no papel de pão que o entregador “Japi” enrolava os pães para entregar nas casas.

O entregador de pães Japi, vinha com a carrocinha pelas ruas empoeiradas da cidade de Vinhedo puxada pelo seu belo cavalo branco de nome “Branco”, que por instinto parava nas casas parecendo conhecer os fregueses e suas casas.

A carrocinha era azul e recheada de pães crocantes que recebiam o nome de “bengala”, que eram os pães maiores, de “pãezinhos de escola”, que eram os pães que usávamos para o lanche na merenda escolar, os “pães de chifrinho”, que eram como croissants grandes, com formato de chifres de boi.

Os pães de “chifrinho” eram os mais gostosos, porque eram feitos com semolina, de miolo molinho e que não ficava duro, além dos pães doces, das tranças que ele também vendia. Muitas vezes, eu fazia letra bem pequenininha no caderno, para sobrar folha, a fim de que eu pudesse desenhar e depois arrancar, para que a professora não ficasse sabendo que eu estava “rabiscando” no caderno e nem que minha mãe soubesse que eu estava “desperdiçando folha”.

Hoje, eu ainda continuo desenhando, sonhando um dia fazer um curso em que eu possa aprender técnicas, conhecer diferentes tipos de materiais e me aperfeiçoar.

Por enquanto vou aplicando o que sei como autodidata nas minhas aulas de Educação Artística com meus alunos e me realizando em ver como eles já estão desenhando bem. Estudando a História da Arte, pude compreender melhor que a comunicação entre as pessoas e as leituras de mundo não se dão apenas por meio das palavras.

O papel do professor deveria se destacar no trabalho de desenvolvimento das linguagens artísticas, musical, teatral, visual, da dança, permitindo que a criança experimente, vivencie e aprenda a olhar com mais sensibilidade. É necessário também que o professor estimule a liberdade de expressão com criatividade e não com mediocridade, pois parece hoje em dia tudo o que se vê é arte, uma distorção que a mídia ajudou a plantar.

Nós professores, devemos favorecer a criação questionadora, aquela com função de dar voz aos gritos da sociedade, a fim de que a arte tenha um objetivo social e gerador de transformações sociais, individuais, políticas, econômicas, ecológicas, éticas, etc.

Elencando todas essas necessidades acima, parece que eu estou atribuindo deveres de super-homem ou mulher-maravilha a nossa classe de professores mal pagos para tudo isso, porém com a professora Marilda aprendi que todas essas atividades podem ser bem mais simples do que parecem se forem desenvolvidas com criatividade e adaptação de acordo com as possibilidades de cada um.

Podemos usar de dinâmicas, de teatros improvisados com objetos de sala, de brincadeiras com desenho para representar alguém ou um objeto, de paródias, de filmes, enfim, de uma infinidade de recursos super divertidos de serem trabalhados.

Quando fomos expostos a estas atividades, aprendemos muito com as brincadeiras e com as reflexões posteriores e saíamos da aula “flutuando” para casa, de tanto rir como dizia a professora Marilda.

Muitas vezes ria sozinha, só de lembrar que aquela professora tímida de nosso grupo conseguiu tamanha performance em sua apresentação, como é o caso de nossa colega Siomara, que nos fez chorar de rir (chorar mesmo!).

Siomara no papel de São Pedro media as boas e más ações de diferentes tipos de pessoas: desde as mais simples até as mais polêmicas e fazia na porta do céu, um julgamento das atitudes terrenas através de um debate final dos méritos entre uma prostituta e uma beata. Foi certamente uma encenação que ficou na história, pelo fato de ter sido improvisada. Imagine se ela ensaiasse?

As aulas da professora Marilda contavam também com a presença de não-alunos, que eram o caso de nossos filhos e filhas que faziam questão de assistir as apresentações e saiam das aulas se sentindo encantados, dizendo que eles também queriam ter uma professora assim.

Com a permissão da professora Marilda, minha filha Mariana ia a quase todas as aulas e só não participou de mais aulas porque não foi possível.

Enfim, com as aulas da professora Marilda, aprendi a pensar sobre as coisas que me cercam. Despertei muitas habilidades adormecidas e fiz nascer outras que nem sabia que possuía.

A experiência de refletir sobre arte, em nossa ação criadora, dando formas ao imaginário fez-nos acreditar que para se trabalhar com arte não são apenas necessários recursos e sim uma boa dose de criatividade e imaginação.

Pude debater sobre o conceito de que a arte ainda é usada nas escolas para ilustrar trabalhos de outras disciplinas, com modelos prontos apenas destinados ao acabamento com pintura a lápis.

Temos que combater a visão arcaica a respeito de Artes, incorporando uma visão mais crítica que questione toda forma de pensamento, a fim de que os alunos entendam que as produções artísticas e suas interpretações não são neutras, mas sim que caminham lado a lado.

A realidade veicula diferentes visões de mundo, tendo como objetivo familiarizar os alunos com a produção artística, fazendo-os se sentirem orgulhosos de suas produções, articulando aquela velha frase “fui eu que fiz”, que enche de orgulho quem faz e quem recebe, e é isso que precisamos resgatar novamente com nossos alunos.

“É assim que para o artista, a criação começa na visão. Ver, isso já é uma operação que exige esforço”. (MATISSE, 1953, p.46).

Além de procurar combatermos a visão arcaica a respeito de artes, devemos também não deixar que a visão preconceituosa da arte tome conta de nossos objetivos e ideais e esta visão, pude aprimorar assistindo ao filme Billy Elliot (1981) apresentado por Marilda para nossa reflexão acerca do tema preconceito nas artes.

Sinopse: Billy Elliot (Jamie Bell) é um garoto de 11 anos que vive numa comunidade pobre de mineiros ingleses. Como hobby luta boxe. Ao saber que sua academia será dividida com um grupo de balé, fica revoltado, mas descobre aos poucos que a dança muito o atrai, o que leva sua família e especialmente seu pai, ao desespero. Para eles, a atividade pouco viril era inadmissível, mas o garoto muda a opinião de todos ao dar um show de superação e talento.

O filme Billy Elliot (Texto de Ron Jones, dirigido por Alexander Grasshoff-1981) mostra muito bem como se trabalhar com a tolerância e o preconceito, abordando as formas como pensamos, as coisas com as quais concordamos ou discordamos, nossas idéias acerca de um determinado fato ou atitude, nossos pensamentos e nossos mais cruéis pensamentos, opiniões, ideologias, crenças, etc.

Como é difícil aceitar uma posição incomum, partilhar dela e participar. Muitas vezes na escola, preferimos ser neutras, fingir que o assunto não nos pertence, que não é de nossa alçada, ou pior, que o assunto não nos incomoda ou afeta.

É muito difícil entender o outro, compreender seus valores, hábitos numa cultura tão diversificada sócio-política e economicamente, porém que ainda mantém padrões ultrapassados de pré-julgamentos e conceitos.

Não aceitar ou não entender outras pessoas acontece ao nosso redor, em nossos cotidianos desde muito tempo atrás, onde as bruxas eram perseguidas por serem diferentes além dos padrões da época, onde os cientistas eram perseguidos, torturados, por colocar suas descobertas fora do eixo católico.

Lembro-me, relatando o filme Billy Elliot, de um garoto que conheci, que cursava a 2ª série da escola que trabalho há alguns anos atrás, aluno de uma colega minha. Para descrever sua situação, vou usar um nome fictício, na intenção de proteger sua vida pessoal.

Iago era um garoto diferente, que chamava atenção dos demais, por gostar de coisas diferentes: roupas coloridas, roupas em tons de rosa, brincar com as meninas, de dança, cantar, desfilas em passarelas (ele era modelo infantil), usava cabelos estilo chanel, sempre escovados para baixo, falava de forma delicada e fazia gestos femininos ao falar, tinha contato na sua vida pessoal só com mulheres e meninas.

Inicialmente, para a escola, foi muito difícil lidar com essa situação, pois Iago era motivo de chacota de toda a escola e não apenas de sua turma e confesso que as professoras, inclusive eu, não conseguia assimilar muito bem aquela situação. Iago detestava a companhia de meninos e de suas brincadeiras e, nas aulas de Educação Física, se isolava porque não queria participar das aulas com o mesmo grupo que o ridicularizava, uma vez que o próprio Iago não se sentia bem com aquele universo do qual participavam a maioria das crianças. Para se destacar dos demais Iago procurava ir bem nos estudos, que era uma forma que ele encontrou de “humilhar com suas notas” aqueles meninos que ele chamava de “imbecis” e “sem futuro”.

Certa vez, a professora de Iago, foi orientada pela direção, para que ela procurasse ter uma conversa com a mãe, a fim de que pudéssemos conhecer um pouco mais do universo de Iago fora da escola, que justificasse aquele comportamento, uma vez que o próprio Iago não se sentia um normal dentro da escola, pois a escola não tinha o glamour e o brilho das passarelas.

Minha colega se viu desorientada, pois não sabia como abordar o assunto, visto que a própria mãe incentivava o comportamento do filho, levando-o religiosamente para as aulas de desfile e dança.

A intenção da mãe, deixada bem clara nessa conversa com a professora, era transformar o garoto em modelo e vê-lo nas passarelas, famoso e ganhando muito dinheiro. Nada que pudesse ser dito iria mudar sua forma de pensar.

A questão também, não era de mudar nada em Iago e sim libertá-lo do condicionamento imposto pela mãe e da forma cega que a mãe estava conduzindo a vida do próprio filho.

Desde muito cedo, ele só falava de maquiagem para desfile, escovas no cabelo, jeito de andar, posição das mãos, olhar penetrante, coisas que no universo infantil só entram por intermédio de um adulto obcecado por fama e dinheiro.

Muito diferente do filme Billy Elliot, no qual o universo da dança entra naturalmente em sua vida, por simples vocação, sem transformar sua personalidade e tomar conta de sua vida.

Hoje em dia, a mídia manipula muitos comportamentos e leva muitas pessoas ao sonho da vida “fácil e garantida”, mesmo que curta. Milhares de crianças têm suas vidas sacrificadas pelos sonhos dos pais. Tornam-se desde muito cedo mini-astros que fazem brilhar as contas bancárias de seus pais.

Diferentemente do filme, onde a vocação fala mais alto que o estrelato ou o dinheiro, onde a família de Billy Elliot demonstrava resistência à vocação do garoto, a família de Iago, o incentivava cada vez mais, não percebendo que o garoto estava incorporando à sua personalidade mais artificialismo que naturalidade.

No filme, a professora reconhecadora do talento de Billy Elliot e a sociedade intolerante e opressora viviam se chocando até que Billy Elliot demonstrando todo seu talento e vocação, convence a todos de seu verdadeiro destino a que quer seguir.

No caso da aceitação por parte da família de Billy Elliot, não se trata de uma aceitação vinda com orgulho por parte da família, mas de uma aceitação obrigada, difícil de engolir, mas que teria que ser digerida gradualmente. Mas será que os pais de hoje, embasbacados pelo poder da mídia, recusariam dinheiro e fama em troca da educação? E as crianças, adolescentes e jovens, aceitariam abandonar a fama porque estudar é mais importante?

Quem tem mais poder de influência hoje em dia: a educação ou a mídia? Para quem as pessoas na sociedade dão mais valor?

As respostas estão estampadas nas revistas, outdoors, shows, na televisão, no teatro, cinema, propagandas, comerciais, que estão usando cada vez mais a figura da criança e dos jovens de forma erotizada e deturpada.

O que eles tem para oferecer? Minha resposta seria, uma carreira curta, meteórica, com algumas chances de ser bem sucedida, que poderia levar a dois caminhos: ao céu ou ao chão. É muito difícil hoje, lutar contra o poder da mídia e contra todo aquele mundo colorido e cheio de estrelas que ela ajuda a promover. Nossas crianças não falam mais em profissões, no estudo, pesquisa, conhecimento e sim em ser modelo, ator, atriz, cantor, pagodeiro, diretor de cinema e certamente estão pensando em chegar ao meio de um jeito muito fácil, sem se darem conta que é necessário estudo e dedicação também na arte e em suas diversas manifestações e que ao contrário disso é mero entretenimento.

Mas, picuinhas ou não à parte com a mídia, gostaria de deixar aqui registrado um trabalho de apresentação em sala, que rendeu muita liberação de endorfina. Se eu não registrar aqui e agora, corro o risco que se perca no tempo para sempre.

“o professor criativo é um ator, é um poeta, é um pintor, é um cantor, é um escultor, é um diretor de cinema, e o que ele faz, o que ele tenta fazer é tornar o que sabe em algo interessante e instigante para todos. O professor deve encarnar o conhecimento”. (PERISSÉ, 2004, p. 101).

Precisamos avaliar e reavaliar muitas coisas em nosso caminho de ensinamentos em busca do conhecimento e em se falando em avaliar, gostaria de registrar a disciplina de Avaliação, na pessoa da professora Maura Hess Junqueira.

Aprendi nesta disciplina, a usar a alma para avaliar, ou seja, aprendi que quem se beneficia da avaliação é aquele que sabe avaliar com o coração, que coloca sua certeza acima de qualquer papel, que verdadeiramente reflete sua prática a serviço da humanidade, pois avaliar, é buscar respostas, diagnosticar uma situação, é seguir por caminhos reais dos quais acreditamos, é verificar a prática constantemente, sem medo de voltar atrás.

Quando necessário, devemos refazer, ver novamente com outros olhos, e ter a humildade de aceitar opiniões, interferências, novas visões, e observar sempre.

Também devemos registrar para que o tempo não apague e para que o vento não leve e documentar para poder refletir numa próxima oportunidade, a fim de que possamos buscar soluções e refletir sobre a nossa prática e conhecer a quem ensinamos.

Não podemos mais deixar que a escola faça o jogo social ditado pela sociedade, que dita as regras. Não podemos aceitar que um pedaço de papel chamado de “diploma” coloque o indivíduo na sociedade e que a escola seja o juiz, determinando os mais inteligentes e os mais capazes.

“Quando o professor está plenamente convicto de que algo precisa acontecer, este algo também sente vontade de acontecer. A fé remove montanhas porque as montanhas decidem mover-se!” (PERISSÉ, 2004, p.100).

Não precisamos de testes que identifiquem os melhores e os piores, não precisamos de pessoas que nos cobrem nossa responsabilidade, que controlem, que apliquem punições, que classifiquem, que hierarquizem.

Não precisamos de influências estrangeiras e de métodos que deram certo lá fora, pois nossa realidade é outra. Não ganhamos em dólar, ainda não temos uma política social de primeira linha, digo primeira linha, pois não pretendo usar o termo “Primeiro Mundo”.

Nosso espaço territorial é enorme, gigantesco, as culturas são diversificadas, múltiplas e enraizadas. Ainda temos desigualdades sociais gritantes, muita gente sonhando com um futuro muito distante e não podemos cobrar ou medir diante de tantos argumentos sociais que interferem na avaliação. Primeiramente, teríamos que concertar muitas coisas aqui em nosso espaço. Desde o início do século, tem-se tentado, através de inúmeras teorias e do surgimento de vários pensadores e estudiosos no assunto, uma transformação social com base em uma avaliação eficaz e ética.

O foco da avaliação então, centrou-se no julgamento e classificação do aluno, avaliando sua competência ou incompetência a fim de que pudessem ajustá-lo à sociedade capitalista preparando assim uma mão-de-obra qualificada que pudesse servir aos interesses dos dominantes.

Mais tarde, a avaliação procurando ser ética e mais justa, tem seu foco direcionado para a qualidade de ensino e do julgamento do sucesso ou do fracasso do processo pedagógico, onde a principal finalidade da avaliação era fornecer informações para que se pudessem fazer as devidas intervenções, a fim de que se garantisse a aprendizagem do aluno de forma produtiva, transformando-se assim num instrumento de apoio a parte pedagógica, administrativa e estrutural do processo do ensino-aprendizagem. Porém, devido às inúmeras transformações ocorridas, não ocorridas e mascaradas, a avaliação nunca deixou de ter um caráter de mensuração.

Como se não bastasse ser mensurativa, também tem a capacidade de julgamento, de classificação, discriminação e seleção social.

Enquanto a avaliação, não deixar se seguir às pegadas políticas, econômicas e sociais, ela nunca irá tirar “boa nota”, no conceito que diz respeito à aprendizagem, ética e valores, afinal o que se pretende construir, destruindo, podando, amarrando, proibindo e plantando modismos?

Sabemos o quanto importante é relacionar, fazer corresponder, a educação ao que acontece ao redor, ou seja, fazer sentido, ater-se à realidade. Porém não vemos acontecer assim. O que sentimos são cobranças, imposições, mas como conhecemos a natureza humana, o que seria do ser humano se a cobrança não existisse? Ele conseguiria ser ético o tempo todo? Ele conseguiria respeitar seus limites e dos outros?

Falamos tanto das regras, mas não paramos para pensar, o que seria da humanidade sem elas.

Seria um caos? Como se organizar? Será que se a falta do aluno dependesse somente dele e não significasse nada para a instituição, ele levaria a sério sua responsabilidade?

Não estou aqui defendendo a idéia de se colocar regras, mas fiquei intrigada com este pensamento. Até nós nos avaliamos o dia todo.

Seja em nosso comportamento, na frente do espelho, no trabalho, em casa, com relação aos nossos filhos, enfim, cobramos, somos cobradas e agimos exatamente da mesma forma que não gostaríamos que agissem conosco e quem disser que não faz isso é porque não tem coragem de assumir uma postura polêmica.

Se pararmos para pensar, estamos a cada dia mais avaliativos, mais frios e metódicos, nos rendendo ao sistema, quase sem perceber.

É que a droga contamina, nos torna dependentes e escravos e se pararmos para pensar, já somos usuário delas: a “droga” do Diário de Classe, a “droga” das papeletas, a “droga” do

semanário, a “droga” das Avaliações Unificadas e a pior de todas as drogas: o Capitalismo, que aliado à modernidade perversa deu origem a tudo isso...

Por um outro lado, fico imaginando o que seria da sociedade sem um esquema de avaliação. Segundo Freitas (1995), será que o ser humano, em sua essência, veio preparado para assumir uma postura ética de avaliação, a fim de que se pudessem descartar todas as formas de avaliação?

Repensando a situação de ser ou de não ser possível viver sem ser avaliado, o problema não é a avaliação e sim a forma como ela é aplicada, sem mensurar as reais necessidades e os tipos de cada realidade.

Para cada situação deveria existir um tipo de avaliação destacada mais como regra ou orientação a ser seguida a fim de que se pudesse conseguir um melhor controle de uma determinada situação. Sendo assim, as regras serviriam apenas para nortear uma ação e não para comandá-las ou defini-las.

Não adianta colocar a avaliação de forma homogênea para todos e para qualquer situação, pois cada situação necessita de um tipo diferente de tomada de atitude a fim de que se consiga o bem estar da maioria, de forma democrática.

A avaliação que obriga, se impõe, mensura e não deixa escolhas como as avaliações do ENEM, Avaliação Unificada Municipal, dentre outras, de caráter duvidosos, provoca descontentamento e uma falsa idéia de que se pretende conquistar um objetivo sério. Desta forma, ela não trará os resultados esperados, pois alguém, na brecha de uma determinada situação, pode produzir outras situações e encontrar subterfúgios para se manifestarem positivamente ou negativamente contra uma determinada regra ou situação.

Para concluir, gostaria de deixar em meu memorial a conclusão de um fechamento de trabalho, baseada no registro das palavras de Luiz Carlos de Freitas a respeito de avaliação, da aula magna de 14/10/03, destacando também alguns conceitos teóricos da apostila do mesmo:

“Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática”, trabalhada em 22/10/03, na qual ele aborda os seguintes conceitos e definições.

Como disse Freitas (1995), a escola é a instituição social que recebe atribuições de funções que implicam em hierarquizar o indivíduo, ou seja, encaixá-lo numa posição social: filho de médico vira médico, filho de operário vira operário.

A escola cria a hierarquia escolar e devolve à sociedade indivíduos carimbados. Avaliar significa classificar para que os indivíduos possam ocupar seus lugares na sociedade. A sociedade espera que a escola classifique, pois a escola foi inventada para classificar.

A estrutura social foi criada para iniciar o processo de submissão e produção. Não compete ao indivíduo a ser participativo e sim eficiente, produtivo para o sistema, disciplinado, atento e obediente. Aquele que tem dificuldade para obedecer é aquele que terá dificuldade para ser avaliado.

Avaliação é, portanto um processo seletivo pelo qual você mede o quanto um aluno sabe. Avaliar o volume de informações e instruções que o aluno recebeu (avaliação instrucional), acaba ocultando outros conceitos da avaliação. Focaliza o poder do professor sobre o aluno, onde o professor tem o poder de decidir: “você fica, você passa”.

Entre o você fica e o você passa existe uma hierarquia que deve ser obedecida:

Como afirma Karier:

“o sistema de hierarquia social é mantido, então, como é hoje, não tanto pela mudança do poder da força e violência, mas pelas crenças ideológicas das pessoas dentro do sistema”. (FREITAS, 1995, p.250).

Usa assim, da avaliação como forma de controlar a sala de aula (avaliação comportamental), onde a indisciplina tira conceito de nota. A avaliação de valores e atitudes

em sala de aula é um processo de avaliação baseado na fala. São avaliações públicas do aluno. (Maria sente-se direito, ou: Não aceito homem de brinco em minha sala de aula!).

A avaliação, portanto pode ser levada para o campo instrucional, comportamental, onde o poder do professor cria um processo de subordinação que julga valores e atitudes. O desenvolvimento da auto-estima tem a ver com o que acontece no processo de avaliação. A auto-estima baixa é incompatível com a aprendizagem, pois a avaliação pode aumentar ou diminuir a auto-estima.

A avaliação é um juízo de valores que faz parte do trabalho do professor (fileira dos mais fracos, dos alunos de nível médio e dos bons alunos), que não deixa de ser um juízo classificatório que define a estratégia metodológica que o professor desenvolve em sala de aula (os alunos começam a ser tratados diferentemente daqueles alunos que irão passar). A nível formal a avaliação inclui atividades planejadas de alto poder avaliativo em sala de aula de retorno contínuo e imediato.

A nível informal, a avaliação acontece sem nenhuma característica e evidência que demonstre que o aluno está sendo avaliado. O que está sendo julgado são os valores e atitudes, realizados silenciosamente pelo professor.

O ciclo rompeu com a lógica do poder de reprovar e aprovar do professor, cortando a possibilidade do professor controlar a classe, de teorias mal formuladas para se resolver o caso da avaliação e das reprovadas.

O campo da avaliação revela-se e transmuta-se no da hierarquia escolar por meio da manutenção propriamente dita das classes dominantes em profissões nobres; eliminação adiada ou manutenção provisória das classes populares em profissões menos nobres; manutenção adiada, ou exclusão pura e simples das camadas populares do interior da escola.

Ou seja, a evasão e eliminação propriamente dita (privação), no sentido de impedir o ingresso das camadas populares na escola. Sendo assim, esta é a hierarquia escolar que os procedimentos convencionais de avaliação ocultam.

A escola não aceita as experiências vividas pelos alunos, porque incorpora as necessidades do sistema capitalista.

Tomar como ponto de partida referencial estranho ao aluno, homogeneíza o processo didático e os tempos de aprendizagem. A partir daí, a qualidade passa a ser privilégio de poucos (Perrenoud, 1986).

O que eu percebo, em meu dia-a-dia de trabalho é que as escolas têm autonomia para ensinar seus alunos, mas se tais alunos não passam nas avaliações externas, a escola será alvo de medidas corretivas, não necessariamente punitivas, para que seja assegurado o controle político.

[...] restituir, hoje, o debate sobre a avaliação/objetivos da escola como categoria central da didática, além dos aspectos pedagógico-didáticos, tem um papel político fundamental: discutir as possibilidades da escola – que é legitimadora das relações sociais - à luz de um projeto alternativo ao capitalismo, ou seja, socialista. (FREITAS, 1995, p.278).

Definir a escola de hoje, criticar e elogiar, apontar falhas e valores, não é uma das tarefas mais fáceis.

Existem muitos pensadores, filósofos, sociólogos, escrevendo teses e definições, porém ainda assim, estão muito longe da nossa realidade social.

Parecem desconhecer o tamanho de nosso território, a sua história de colonização e civilização e todos os fatores que impedem que a escola no Brasil cresça de forma mais rápida.

5.3 PRIMEIRO SEMESTRE DE 2004

E falando em ações sociais, cidadania, coloco agora a disciplina de Teoria Pedagógica e Produção em Meio Ambiente, na pessoa maravilhosa e paciente de Mariana Ventura, que logo em sua primeira aula, nos falou acerca de deveres e direitos e julgamentos que a sociedade costuma fazer tendo as regras como medidas.

Mariana disse também, que a educação escolar deve direcionar-se à cidadania, assim como a cidadania faz uso da educação para manter-se e ampliar-se. Não dá para imaginar a educação sem fazer uma ponte com a cidadania e vice-versa.

Apreendi com os ensinamentos da professora Mariana, que a ciência não está subordinada aos interesses da sociedade. Ela é comprometida com todas as atividades humanas, pois a natureza, não é compartimentada e sim integrada.(ALVES, 2002).

As descobertas científicas mexem na vida das pessoas e fazem parte do momento histórico em que vivemos. Na verdade a ciência nos faz prisioneiros dos jogos políticos, econômicos e sociais quando visa a busca pelo poder, nos transformando em seres hipocondríacos e sedentos da tecnologia que a medicina pode nos oferecer.

Somos expostos às invenções e as suas causas e efeitos colaterais. Curamo-nos de determinadas doenças e enraizamos outras. Agarramo-nos às necessidades que criamos e que antes não existiam e acompanhamos com nossa saúde a velocidade das invenções que iremos fazer uso.

Ficamos por dentro das novidades, usamos óculos para ler as bulas com letras microscópicas e de vocabulário um tanto que não pertencente ao nosso mundo leigo, procuramos sintomas e nos alegramos quando descobrimos que temos quase todos, isto porque pelo menos agora sabemos o que temos.

Lemos artigos médicos, buscamos pela tecnologia da medicina estética, enfim, agora temos um padrão de beleza ditado pela moda, do qual todas nós queremos fazer parte.

E como é cruel quando olhamos as revistas de moda e vemos que o nosso padrão está mais para a época da verdadeira desordem: um verdadeiro desrespeito às diferenças, onde se prega a padronização de um modelo esquelético, alto de peitos grandes, cabelos loiros ou pelo menos com reflexos e olhos claros, podendo-se usar e abusar das lentes coloridas é claro e para os homens agora denominados “heterossexuais”, um modelo mais sexy e arrojado, com bíceps fortes e sarados além do belo abdômen tanquinho e bronzeado.

“Não importam as diferenças que separam o senso comum da ciência: ambos estão em busca de ordem” (ALVES, 2002, p.39).

Até as crianças já estão se crucificando com este tal de padrão de beleza. No recreio ficam apontando umas para as outras, classificando os defeitos e as qualidades, não comem porque engordam, preferem ficar sem lanche ao fazer uma alimentação equilibrada. Cultuam o espelho acima de qualquer coisa e buscam padrões de referências que não são os seus. São capazes de se escapelarem por um cantor de pagode, de personalidade e simpatia zero, só porque ele é bonitinho e nada mais.

Não querem usar óculos, porque a Gisele Bündchen não usa, andam com a calça do uniforme dez centímetros abaixo da cintura para aparecer a marca da cueca, as meninas cortam a blusa ou compram uma numeração bem pequena, para que a blusinha fique curta e apareça o piercing que a mãe comprou.

Isso sem falar dos cabelos coloridos, tatuagens reais e as de goma de mascar, cabelos espetados com gel, enfim, uma parafernália de enfeites que antes só sonhávamos em colocar em nossas árvores de Natal e por falar em árvores de Natal, elas agora estão seguindo um estilo mais clean de decoração, sem muitos penduricalhos ao contrário de nossos juvenzinhos.

O terrorismo da medicina e seus seguidores, fiéis escudeiros hipocondríacos prestes a vibrar com o mais novo invento da ciência, faz com que o mercado envolvido dê vivas a toda essa alucinação em massa. A aprendizagem seja de qualquer disciplina, não só a de Ciências, se dá em torno do vivido pela criança. O papel do professor deverá ser de mediador criando situações para que o aluno se organize e interaja com as informações que recebe, refletindo sobre seus resultados. Quanto aos planejamentos e os livros didáticos, os mesmos reforçam uma visão de uma realidade padronizada e universal, pois as propostas curriculares são as mesmas para todo país, como se o gigante Brasil, fosse um país de padrão cultural, social, econômico e histórico uniforme e padronizado, sem desigualdades e diferenças.

[...] estamos, portanto, nitidamente diante de um momento histórico de emergência de um novo paradigma curricular para o ensino de Ciências. Os princípios e diretrizes curriculares e metodológicos que vêm sendo preconizados e fundamentados ao longo dos últimos anos têm sido enunciados e aplicados de forma geralmente isolada, independente uns dos outros carecendo de uma unificação geral coerente e consciente, de maneira a configurar efetivamente um novo modelo ou paradigma, alternativo aos modelos clássicos.(AMARAL, 1981, pp. 13-14).

Tudo parece possível, mas ainda temos muito chão para desbravar. É o que nos mostrou a professora Lazara Eliana Petroni de Assis, com a disciplina Política Educacional e Reformas Educativas. Gostaria de deixar aqui registrado que os conteúdos mais significativos para mim trabalhados dentro do programa foram: “Políticas Sociais e Políticas Educacional”, pois com as apostilas de Eloísa de Mattos Hölfling-Estado e Políticas (Públicas) Sociais e de Pedro Demo – “O Que é Política Social” (1994), pude compreender melhor e avaliar as políticas públicas sociais implementadas por um governo.

Desta forma, pude melhor construir diferentes visões de sociedade, Estado e Política Educacional acontecendo em seus respectivos períodos históricos.

Pude também enriquecer mais os meus conhecimentos acerca de desigualdades sociais e sua relação com o poder, à força de trabalho como mercadoria do capitalismo, a pobreza que é a tradução mais fiel da desigualdade social e da repressão ao acesso às

vantagens sociais, a carência material imposta e a dificuldade histórica do pobre em superar a condição de objeto manipulado, como diz Pedro Demo (1994) em seus textos estudados.

Aprendi ainda que a política social autêntica (Demo, 1994) precisa implicar compromissos caso contrário não será social.

Vendo desta forma, o que nos falta é exatamente isso, um firmamento de compromisso, onde o Estado cumpra realmente as metas que traça com o povo, durante o período eleitoral.

Os governantes inventam inúmeros projetos dos quais não fazemos parte, nos colocam no olho do furacão, ficamos virando lá dentro magnetizados pela força maior e tontos não sabemos qual direção tomar, pois não há um compromisso de mudanças, somente promessas que giram, giram e não saem do lugar.

Pude compreender melhor a educação na visão do pensamento liberal, seus sistemas de idéias sobre uma educação universal para todos respeitando direitos e criando oportunidades, que não era exatamente assim ao pé da letra.

Pude através das leituras e debates realizados em sala compreender os princípios gerais do liberalismo que é uma ideologia seguida dos princípios do individualismo, liberdade, propriedade, igualdade e democracia e neste texto de Cunha (1980), uma frase de Rousseau me chamou a atenção quando ele mencionou que “nunca existirá verdadeira democracia”.

Pareço pessimista ao concordar com esta frase? Ainda não sei, porém não consigo ver possibilidades da justiça social no mais alto patamar garantindo a escolarização, a igualdade, à qualidade na educação, à valorização das aptidões, a anulação da discriminação social.

Não consigo vislumbrar, a distribuição igual de recursos e a queda do capitalismo ou o enfraquecimento do Banco Mundial o todo poderoso controlador.

Com os textos de Torres (As Estratégias do Banco Mundial - 2000) pude captar que o Banco Mundial é a maior fonte de acessória em matéria de política educacional e de fundos externos para esse setor e que não apresenta idéias isoladas, mas uma proposta articulada, uma ideologia e um pacote de medidas nos países em desenvolvimento procurando garantir o acesso, a equidade, a qualidade e a redução da distância entre a reforma educativa e a reforma das estruturas econômicas.

Aprendi o que o Banco Mundial considera como insumo importante e o que ele classifica como não importante como salários docentes, redução do tamanho da classe, infraestrutura, enfim, o que para nós mudaria muito, para eles dariam apenas prejuízos iniciais.

Com este texto, pude ficar embasbacada ao saber que quem realiza as propostas para a educação são economistas que estão apenas pensando na relação custo-benefício e na taxa de retorno, deixando assim de lado duas grandes ausências: o professor e a pedagogia.

O que dói é saber que quem dá as cartas, nunca estiveram alguma vez na frente de uma classe e de um grupo de alunos numa instituição escolar, como também poucos mantêm, e eu diria que nenhum deles mantêm, seus filhos no sistema público, ou seja, falam, escrevem e discursam acerca de uma realidade da qual nunca fizeram parte.

O Banco Mundial desconhece o papel central do professor e tem uma estreita visão da educação, como diz Torres (2000), pois não pensa nela como um acréscimo à humanidade e sim como uma empresa que só processa lucros e elimina gastos em prol do capitalismo.

Se eu tivesse que escolher eliminar um tema qualquer da disciplina, não eliminaria nenhum tema, pois pelo que pude perceber, existiu entre eles um elo que possibilitou minha compreensão acerca de Políticas Sociais, Educacionais, Estado Liberal e Neoliberal, Reformas e Organismos Internacionais.

Sem esta montagem de conteúdos ou com a anulação de um dos temas, acredito que não ficaria completa minha compreensão das políticas públicas de educação como produto

histórico proporcionando um aprofundamento maior em meus conhecimentos a fim de que eu pudesse contextualizá-los de maneira crítica e reflexiva.

Com os conteúdos dispostos da maneira que vieram, eu pude refletir melhor sobre as propostas apresentadas a fim de que eu pudesse até repensar minha posição de pensamento acerca do modelo educacional do qual eu faço parte.

Tive, portanto, um bom embasamento para as pesquisas e trabalhos propostos e sinto que nada me faltou em relação ao que foi apresentado, pois algumas anotações, leituras e posições até cheguei a usar como complementação de pesquisa em outras disciplinas e até mesmo em apresentações.

Agora, um trabalho que gostaria muito de deixar aqui registrado, pois curti fazer, isto porque disse que estava terminando minhas colocações, foi o que realizei em cima de uma letra musical de Zé Ramalho “Admirável Gado Novo” com as fundamentações teóricas das apostilas de Nelson Dácio Tomazi “O Estado e o Bem Estar Social”; Educação e Desenvolvimento Social no Brasil, de Luiz Antonio Cunha e Três Teses Sobre a Relação Trabalho e Educação em Tempos Neoliberais, de Pablo Gentili (2002).

Ao refletir sobre os textos de Nelson Dácio Tomazi, Luiz Antonio Cunha e Pablo Gentili (2002), introduzi trechos da música de Zé Ramalho: Admirável Gado Novo.

Como serão inúmeras as colocações procurarei destacar as mesmas entre aspas. Sendo assim toda vez que as aspas aparecerem serão referentes aos trechos das músicas destacadas.

Com a crise do sistema capitalista, em 1929, muitas transformações se tornaram necessárias, pois é “duro tanto ter que caminhar e dar muito mais do que receber”. As pessoas trabalhavam para a sobrevivência e não para um projeto de vida melhor e digno.

A população trabalhava duro e não tinha acesso à cultura e as pequenas empresas foram se acabando e algumas se agregavam as outras formando um monopólio para se fortalecerem assim como o gado anda unido para se assegurar e se proteger.

O Estado segundo Tomazi (2002), começou a cobrar impostos para favorecer e auxiliar as camadas populacionais e deixou de ser neutro passando a controlar a indústria e o comércio, porém, “toda essa engrenagem já sente a ferrugem te comer”.

Com o auge do desenvolvimento do capitalismo em 1950, ainda segundo Tomazi (2000), muitas coisas “correm através da madrugada”: perseguições políticas, comunismo, reclamações de trabalhadores, crises, interferências políticas, dinheiro em troca de favores, obediência, trazendo a tona “a única velhice que chegou”.

As décadas passaram, os “automóveis ouvem a notícia, os homens a publicam no jornal”. Surgem cursos técnicos, globalização, um novo modelo de operário, porém é duro “ter que demonstrar sua coragem à margem do que possa parecer”.

Muitas cabeças pensantes surgiram a favor e contra o Estado do Bem Estar Social, nos debates entre Voltaire e Rousseau, mas o povo “foge da ignorância apesar de viver tão perto dela”.

A desigualdade gera a indiferença, a formação do lado desumano de nosso ser. Mas o homem sonha “com melhores tempos idos”, mas vive a contemplar “essa vida numa cela”.

O Estado do Bem Estar Social ameaçava o então capitalismo, pois num Estado onde tudo vai bem, não há ninguém para ser explorado, manipulado.

Tudo vira “povo marcado, ê, povo feliz”. (será?)

Com o capitalismo, a educação passou a ser um direito de todos e o estado o principal responsável por ela e com isso o povo espera a “nova possibilidade de verem esse mundo se acabar”, pois junto com as responsabilidades vieram as incompetências e as vantagens lucrativas dos mais fortes.

Colocaram os casais do caos na “Arca de Noé” e montaram os trágicos pares: a má redistribuição de renda com seus parceiros os impostos, a crise e os credores, a inflação e os juros, as greves e os movimentos sociais, a grande circulação da moeda e o desequilíbrio

inflacionário, a tecnologia e o desemprego, a sociedade de ocupação e o setor financeiro, a empresa privada e o consumo.

Ficou muito pesada a “Arca de Noé”, tanto que não podia “voar” nem “flutuar”. O povo passou então a “ter que demonstrar sua coragem à margem do que possa parecer”.

Sempre procuramos acreditar, ter esperanças e confiar que “lá fora faz um tempo confortável” e que “a vigilância cuida do normal”, mas a realidade nos é exposta na cara, à queima roupa, da forma mais cruel, te colocando no lugar ao qual você veio.

As leis “demoram-se na beira da estrada e passam a contar o que sobrou”. E o que sobrou? Sobrou, segundo Pablo Gentili (2002), no texto: Três Teses Sobre a Relação Trabalho e Educação em Tempos Neoliberais, um exército de reserva que aguardam ansiosos, a sua vez, medidos pelas suas capacidades.

A flexibilização trabalhista e a redução de encargos fuzilam a mais tênue esperança dos menos capacitados, instruídos por uma formação que não lhes garante sua colocação na sociedade.

“o processo de definição de políticas públicas para uma sociedade reflete os conflitos de interesses, os arranjos feitos nas esferas de poder que perpassam as instituições do estado e da sociedade como um todo”. (HÖLFLING, 2001, p.38).

Surge então a exclusão, que separa, afasta, classifica e diferencia e faz competir. Um novo tempo que não voa, não flutua, mas simplesmente bóia inertemente.

Pensamentos existem vários, porém segundo Luiz Antonio Cunha (1980), em seu texto Educação e Desenvolvimento Social No Brasil, o pensamento liberal é uma utopia. A igualdade social é nociva, pois, provoca a uniformização e desrespeita a individualidade, a igualdade civil perante a lei e segundo Rousseau, nunca existirá a verdadeira democracia.

Somos povo, “povo marcado”, marcado para seguir o caminho de gado: aglomerados, sem ter visão do horizonte ou de onde se está indo, de cabeças baixas, aos montes e orientados por um só. E, como diz Demo (1994):

“Não se pode enfrentar a pobreza sem o pobre”. (DEMO, 1994, p.17).

“Ê, ô, ô, vida de gado, povo marcado, ê...”. Povo feliz? E o povo ainda continua a amargar seus sonhos, seus caminhos e seu destino. Para onde poderão ir? Que sonhos poderão ter? Que futuro poderão alcançar? É fácil se traçar um destino quando na mão se tem um mapa, porém é difícil quando se está a deriva e sem rumo, num mar aberto vendo somente e tão somente água para todos os lados.

Democracia, num país tão grande. Difícil de se imaginar. Mas em se falando em país grande, a extensão do nosso não deixa a desejar e se falando em Geografia, gostaria de deixar minhas memórias das aulas de Teoria Pedagógica e Produção em Geografia na presença da professora Elaine Aparecida Barreto Gomes de Lima.

Com a disciplina de Geografia, pude conhecer um pouco mais de mim mesmo, pois quando se fala em Geografia só se vêm à mente mapas, planetas, relevos e acabamos esquecendo do próprio homem como ser transformador do meio em que vive.

“O que sabe propriamente o homem sobre si mesmo! Sim, seria ele sequer capaz de alguma vez perceber-se completamente, como se estivesse em uma vitrina iluminada?”.(NIETZSCHE, 1978, p.46).

Com esta disciplina aprendi sobre os “Cinco Eixos Orientadores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental”, acerca do pensar e propor rumos.

Aprendi acerca de propor práticas educativas para iniciar ações, buscando estimular a curiosidade nos alunos, criando assim produtores do espaço onde vivem, capazes de construir interpretações através de um estudo crítico sobre imagens e sobre tudo o que cerca o aluno, para que o ensino seja construído com significado.

Então, para melhor explicar os cinco eixos seriam: 1)As diversas identidades sociais, ou seja, deslocamento do individual para o social; 2)Trabalho: o mundo é fruto dos trabalhos; 3)Lugar: o espaço geográfico completo; 4) Mapa: escala, proporção, simbologia, legenda,

ponto de vista, projeção, orientação, localização, entendimento, leituras e 5) Raciocínio por escala; processo social e espacial e temporal.

Complicado? Não, porém a ordem de hierarquia dos eixos não seguiu nenhuma ordem de importância segundo o professor Wenceslao.

Confesso, que a minha relação com mapas nunca foi assim tão “legal”. Somente depois dos conhecimentos que adquiri no curso, é que minhas aulas ficaram interessantes.

Sempre que trabalho com mapas em sala de aula, os alunos ficam agitados. Cada um quer colocar a sua observação ao mesmo tempo e estranham quando eu peço uma atividade que não seja desenhar, ampliar ou reduzir um mapa da cidade de Vinhedo, do Estado de São Paulo ou do Brasil, isto porque minhas aulas de Geografia, com o trabalho com mapas, nunca foram assim, pois eu não tinha antes uma visão tão diversificada acerca de trabalhos com mapas como eu tenho agora, portanto, vou registrar neste texto individual, a minha mais recente aula com mapas, realizada durante o 2º semestre de 2004, numa classe de 2ª série, na Escola Municipal “Dr. Abrahão Aun”, na qual trabalho.

Inicialmente os alunos ficaram intrigados com a proposta de se trabalhar o tema Mapas, sem ter que desenhar mapas territoriais.

Aí, eles perguntaram:

_ Professora, você não disse que a gente ia trabalhar com mapas?

Vou explicar.

Pedi então aos alunos que fizessem o desenho da sala de aula, observando o maior número de detalhes possível.

A seguir, pedi que colocassem no papel, o número exato de carteiras, suas posições, os armários, as prateleiras, minha mesa, minha cadeira, a posição da lousa, porta, janelas, relógio, varal de exposições, cesto de livros, luminárias, tomadas, cortinas, etc.

Expliquei então que eles iriam mapear a sala de aula, porque pensar o espaço geográfico é também entender porque ele é assim.

Os alunos questionaram o porquê desta atividade tão esquisita. Eu disse a eles que gostaria de propor mudanças na sala, mas que antes eu precisaria mapear, estudar o ambiente, projetar, para poder observar melhor e analisar se a minha mudança transformaria o ambiente para melhor ou para pior e que era melhor usar a força intelectual, reflexiva, do que a força física, ou seja, arrastar a mobília de um lado para outro, pois seria cansativo e não me traria a visão de que eu gostaria de ter do lugar.

Acrescentei às crianças que além do mais eu precisaria colher informações de várias visões diferentes, para analisar melhor a proposta de cada um, visto que eles eram excelentes detalhistas e observadores. Então dando um significado à altura para a atividade, eles se empolgaram e começaram a traçar os primeiros esboços. Confesso que muitas folhas foram gastas, pois com o desenha e apaga, houve a necessidade de dispor de mais folhas e que a natureza me perdoe por isso. Com o registro das idéias mapeados no papel e colorido, fizemos um círculo e começamos a trocar idéias.

Descobrimos que a minha mesa colocada verticalmente no canto aumentaria o espaço de passagem; que as carteiras agrupadas de duas em duas aumentariam o espaço de circulação da sala de aula; que o relógio não poderia ser mudado de lugar, porque em outra posição alguns não enxergariam as horas.

Pensaram também, que os armários e prateleiras poderiam ficar unidos para sobrar mais espaço no canto da sala, além do que um iria segurar o outro para não cair (dá pra imaginar a situação?).

A maioria dos alunos também decidiu que o varal deveria ficar onde estava porque aquela parede era a maior da sala visto que a parede da frente era ocupada pela lousa, a parede da direita era ocupada pelas janelas, a parede dos fundos ocupada pelas estantes e armários,

então a única que sobrava era a parede da porta mesmo. Foi uma aula rica, diversificada, onde pude inquietar os alunos, estimular suas curiosidades, estranhamentos, dúvidas, permitindo a colocação de perguntas, a construção de interpretações e um estudo crítico do meio. Sem estas intervenções, a sala de aula era apenas um lugar comum por onde os alunos transitavam diariamente cinco vezes por semana onde muitos detalhes passavam despercebidos. Com esta atividade, eles começaram a propor mudanças, desde a mais simples como a mudança do lixo da frente da sala, no canto direito da lousa, para os fundos da sala, onde o aluno que fosse apontar o lápis não atrapalhasse a visão da lousa do aluno que estivesse copiando um registro, até as mudanças mais complexas como a troca da porta da classe de lugar.

É interessante como a criança adora ser questionada, não como forma de interrogação ou pressão, mas como elas curtem pensar, refletir e como percebem de forma extraordinária quando estão usando suas reflexões para algo realmente com significado e quando estão usando seus pensamentos para algo sem nenhum significado.

Fazer um registro escrito seguido de desenho de um filme que acabaram de assistir com prazer nem sempre dá certo.

Eu sei que este recurso também bem trabalhado se explora o conhecimento, mas sempre, da mesma forma, já cai em outro departamento; “o departamento da mesmice”.

Os argumentos para a mudança da sala de aula foram numerosos, dos quais destacarei os mais coerentes para o momento presente:

- ❖ Quando chovesse ia ser melhor sair do outro lado, porque o outro lado não alaga;
- ❖ Se a porta fosse do outro lado a gente poderia brincar no recreio, sem que o barulho atrapalhasse as outras salas;
- ❖ Se a porta fosse do outro lado, poderia se unir às salas de cima com as salas de baixo, fazendo uma cobertura;

❖ Se a porta fosse na mesma parede das janelas, sobraria mais espaço nas paredes para colocar os nossos trabalhos.

Idéias não faltaram, das mais geniais até as mais absurdas, como derrubar paredes, tirar a porta de lugar, mudar as posições das janelas, porém das idéias absurdas, vinham as reflexões mais coerentes. Depois do desenho pronto, sugeri uma maquete que poderia ser feita dentro de caixa de sapatos, onde a mobília pudesse ser confeccionada com caixas de fósforos ou papel cartão, utilizando-se também de outros materiais que pudessem se aproximar melhor da representação do objeto.

A atividade da maquete foi planejada para o 2º bimestre, numa atividade conjunta com as 2º séries do período da tarde. Selecionei os materiais e classifiquei quanto à adequação e ao tamanho, fazendo a colocação de perguntas e reflexões:

- ❖ Caberá tudo dentro de uma única caixa de sapatos?
- ❖ Quando não couber, o que devemos fazer?
- ❖ Será necessário usar um outro tipo de material para a sala de aula?

Inicialmente no dia 14/05/04, utilizei o livro didático de geografia que dispomos em classe, que foi adotado este ano pela Rede Municipal de Ensino que se intitula de “Pensar e Viver Geografia, de Rosaly Braga Chianca e Francisco M. P. Teixeira, da editora Ática, 2004, 1ª edição”.

Trabalhamos as páginas 16, 17, 18, 19, 20,21 e 22 e a seguir realizamos a confecção do mapa de classe (planificação).

Após, foi explorado o tema Mapa e as crianças juntamente com minhas indagações foram construindo apontamentos de diferentes tipos de mapas que podemos encontrar e suas diferentes utilidades como mapa de uma planta de uma casa, guia de estrada, mapa escolar de continentes, países, estados e cidades, mapa do tesouro, etc.

Na aula do dia 18/05/04, organizei os grupos para a construção da maquete e no dia 19/05/04 coloquei algumas etapas para a construção da maquete como quem fará o quê no grupo. Também neste mesmo dia, houve a seleção dos materiais trazidos, verificação dos componentes do grupo e de suas responsabilidades e listei alguns materiais que eles deveriam trazer de casa para a confecção da maquete.

Neste mesmo dia da lista de matérias para a aula próxima, foram montados os grupos, que totalizaram 5 grupos, agrupados por iniciativa dos alunos, da seguinte maneira:

GRUPO 1: Júlia Mara, Gabriele, Ana, Laura, Luciana, Júlia Pernomian e Bárbara;

GRUPO 2: Ingrid, Bruna, Mariana, Letícia e Débora Nascimento;

GRUPO 3: Claudinei, Guilherme, Carlos Leandro, Carlos Eduardo, José e Caio;

GRUPO 4: Lucas Ziantonio, Lucas Thomé, Gabriel, Samuel e Jair;

GRUPO 5: Juliana, Débora Costa, Keila e Franciéle.

No dia 29/05/04, iniciamos a confecção da maquete que durou exatamente quatro horas e quarenta e cinco minutos (13h às 17h: 45 min).

A confecção da maquete buscava então como objetivo de trabalho, aquilo que o aluno pudesse compreender de como representar o espaço de forma tridimensional, baseado na representação planificada (mapa de classe), realizado em 14/05/04.

Deveria também procurar representar os objetos com tamanho, forma e proporções adequadas, usando a noção de proporção (redução por escala).

Sendo assim, ficou definido que os grupos deveriam promover a comparação entre os objetos representados, discutindo a respeito das sucatas ou moldes mais adequados para a execução da maquete.

A avaliação foi individual e mesmo em grupos cada aluno recebeu uma nota individual pela sua participação, que foi medida e aplicada pelos membros de sua equipe, conforme sua participação sendo que a avaliação foi oral, onde cada membro se manifestou

acerca do comportamento do colega em grupo, aplicando sua nota ao mesmo, que poderia se defender, caso desejasse. Houve muitas reclamações do tipo: “ele nada fez, ela só atrapalhou, ele só queria mandar, etc”, porém houve reflexões acerca das acusações como: “será que ele não ajudou, porque você não permitiu?”. Ou, “Se ele queria mandar, porque você também não queria aceitar a opinião dele?” Porque somente a sua opinião deveria prevalecer”?.

Neste momento surgiram indagações conflitantes, que favoreceram o uso do raciocínio e ponderação para resolverem os conflitos em sala.

Foi uma aula muito rica, onde vários conceitos puderam ser trabalhados e várias intervenções puderam ser feitas, porém gostaria de deixar bem claro, que se não fosse a experiência com maquete, proporcionada pela professora Elaine em 06/05/04, onde pude vivenciar como é fazer parte de um processo de construção de maquete, nada disso poderia ter passado aos meus alunos.

O conteúdo *Maquete*, sempre existiu em livros de Geografia, porém confesso que nunca me senti à vontade para aplicar, pois não tinha a segurança das etapas que hoje tenho. É, precisamos mais do que vontade, experiência, vivências. Precisamos de instinto, capacidade de perceber as coisas, mais sensibilidade no olhar.

Foi isso exatamente que experimentei com a disciplina Educação da Criança de 0 a 6 anos, com as aulas da professora Luciana Bassetto. Com esta disciplina pude conhecer assuntos e temas nunca antes explorados, como por exemplo, os textos de “O Mito do Amor Materno”, onde pude conhecer os conceitos de família e as mudanças ocorridas na sociedade e as transformações das concepções acerca do trato com crianças menores.

[...] o amor materno não é um sentimento inato, ele não faz parte intrínseca da natureza feminina: é um sentimento que se desenvolve ao sabor das variações sócio-econômicas da história, e pode existir, ou não, dependendo da época e das circunstâncias materiais em que vivem as mães. (BADINTER, 1985, pp.19-23).

O texto de Áries, “Prefácio” (1981), por exemplo, aborda, numa visão de conjunto a criança, a família e a juventude, onde a sociedade tradicional via mal a criança e o adolescente.

A duração da infância era reduzida, e a criança tão logo crescesse era misturada a vida adulta, pois elas se afastavam logo de seus pais e com outros adultos aprendiam os ofícios aos quais eram destinadas sem, contudo ser significativa para a sociedade e quando bebê, a criança ainda era paparicada e a família não tinha função afetiva para com ela.

O sentimento entre os cônjuges não era necessário e a sociabilidade era feita em encontros como visitas e festas e nas sociedades industriais, onde o conjunto família e profissão andavam interligados e a escola era outro meio de convívio da criança, na forma de enclausuramento. O grande movimento de moralização promovido pelos reformadores católicos e protestantes passou a ver a importância da educação e dos laços afetivos da família que passou a se organizar em torno da criança e atribuir-lhe importância, porém o controle da natalidade se fez presente para garantir a qualidade da relação pais e filhos.

Já no texto “Conclusão” (1981), também de Áries, aprendeu que na sociedade medieval, o sentimento da infância não era considerado, pois as crianças eram apenas vistas como fonte de distração dos adultos. A elas não era permitido sentar-se à mesa com os adultos e nem tão pouco partilhar de suas atenções.

Os moralistas e educadores do século XVIII diziam que quanto mais atenção se desse à criança, mais mal educada ela ficaria, assim como os filhos dos pobres. Já para o abade Goussault, familiarizar-se com os filhos e demonstrar ternura e atenção, impressionaria seus espíritos, tornando mais fácil à convivência com os mesmos.

Que bom que alguém começou a olhar com mais simpatia e humanidade para os pequenos seres e pensando bem muitos cérebros ainda se calcificaram no passado e continuam a ver as crianças como estes seres que devemos manter a distância, ou a que

devemos enfeitar para dançar à nossa frente, meramente para nos distrair, como o fazem naqueles terríveis concursos de misses mirins. O primeiro sentimento da infância (paparicação), surgiu na família e o segundo proveio dos eclesiásticos, homens da lei e dos moralistas do século XVII, preocupados com a disciplina e os costumes, recusando-se a considerar as crianças como brinquedos, apostando assim na disciplina.

No século XVIII a preocupação com a higiene e saúde física colocou a criança no centro das atenções dentro da família e da sociedade. Quando li o texto *Cultura Infantil*, de Shirley R. Steinberg e Joe L. Kincheloe (2001), que retrata através do filme *Esqueceram de Mim* (1990) e *Esqueceram de Mim 2: Perdido em Nova York* (1992) a vida das crianças ocidentais contemporâneas do século XX nas famílias pós-moderna, pude perceber, que o tempo passou, muitas transformações ocorreram, porém que o descaso com a criança pequena ainda continuava, só que de outra forma.

Divórcios, pais que trabalham fora, falta de tempo, vida solitária e atribulada cheia de compromissos e obrigações, o abandono, o afastamento, levam crianças contemporâneas à impotência. Da mesma forma que levam à impotência, levam ao tédio, tornando-as alienadas dos pais, da escola e da comunidade. Voltam-se para a TV e o videogame como forma de preencher o tempo sozinhas. Quando os pais intensificam sua ansiedade sobre a ameaça da cultura infantil pós-moderna e batem de encontro a ela aumenta o abismo entre pais e filhos, consequência de uma autoridade minada e quando os professores e a cultura escolar tratam as crianças como se elas não soubessem nada do mundo adulto, as crianças consideram a escola arcaica, fora de sintonia com o tempo, isto porque ganharam uma aparente visão adulta da sociedade.

5.5 SEGUNDO SEMESTRE DE 2004

Com tudo isso, percebo que ainda precisamos mudar muitas coisas e para isso precisamos de embasamentos e de novas idéias que realmente construam alguma coisa, porque senão correremos o risco de ter excelentes profissionais no mercado sem o mínimo desenvolvimento do lado humano. Uma forma de melhorar esse quadro, na minha opinião é procurar inserir nos conteúdos diários assuntos que norteiem os Temas Transversais.

E foi nesta disciplina, ainda na figura da doce professora Luciana Bassetto, que aprendemos como fazer isso através da construção da rede e das leituras dos textos de Ulisses F. Araújo (2003).

Com a leitura dos capítulos 2, 3 e 4 “Temas Transversais e a Estratégia de Projetos”, de Ulisses F. Araújo/ Editora Moderna-1ª edição (2003), pude entender e refletir que as propostas interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares tiveram sua importância na construção de novos paradigmas, porém a falta de contextualização da ciência e da cultura, não tratavam temáticas que pudessem atender aos interesses da maioria das pessoas.

As pesquisas científicas centram-se no atendimento de uma pequena parcela da população mundial (países do primeiro mundo, programas espaciais, interesses de grandes capitalistas, elite consumidora).

É nessa perspectiva que surgem os princípios da transversalidade, que devem estar atrelados à melhoria da sociedade e da humanidade, utilizando-se assim da educação instrucional e formação ética.

[...] segundo Morin (1999), os desenvolvimentos disciplinares das ciências não só trouxeram as vantagens da divisão do trabalho, mas também os inconvenientes da superespecialização, do confinamento e do despedaçamento do saber. Não só produziram o conhecimento e a elucidação, mas também a ignorância e a cegueira. (ARAÚJO, 2003, p. 07).

Através da instrução, cada cultura transmite seus conhecimentos às novas gerações, aliada à formação ética que permita ao cidadão e cidadã exercer e participar da vida política e pública da sociedade, de forma crítica e autônoma, porém a grande maioria das escolas tem se preocupado apenas em instruir, pois nosso currículo exerce a função apenas de instruir os alunos e não formar eticamente o cidadão que vive nas sociedades contemporâneas, delegando esta formação à família e a igreja.

Os pressupostos atuais da cidadania procuram garantir uma vida digna para todos, com maior participação, democrática, inclusiva e de qualidade, formando o sujeito ético, que buscará a felicidade e o bem estar social que vão além do conhecimento e do cumprimento de leis e regras.

Sendo assim, a escola deve incorporar a cultura popular, a vivência do aluno e outras realidades aos conhecimentos científicos e culturais tradicionais a fim de que possa enriquecer a própria experiência do aluno e atender às suas necessidades e interesses.

Os temas transversais não são rígidos e uniformes para toda a sociedade, mas apenas uma referência que deve ser adaptada aos interesses e às necessidades de cada grupo social, em cada momento histórico, porque não se constrói a cidadania a partir de relações autoritárias.

O que precisamos é de uma proposta educativa que promova a aventura intelectual de um sujeito ativo, reflexivo, que dialogue com seus pares, autores do conhecimento, construtores de sua inteligência, que assumam o papel de intérpretes da realidade, que tenha voz, seja curioso, que questione, tendo condições oferecidas de encontrar as respostas para suas próprias perguntas.

Já no capítulo 3 “Ensino Transversal”, ficou bem claro que a escola continua organizada em torno das disciplinas tradicionais (eixo vertebrador do sistema educacional).

A finalidade da educação continua sendo o ensino das disciplinas curriculares tradicionais. Reconhece-se a importância da introdução dos temas transversais, mas seu papel continua secundário.

Os temas transversais aparecem apenas ocasionalmente e a preocupação central continua sendo a aprendizagem dos conteúdos científicos.

A escola chega a recorrer a profissionais especializados, pelo fato de que os profissionais da escola não se sentem qualificados e sendo assim, os conteúdos continuam a ser vistos de forma fragmentada.

Os materiais didáticos oferecidos pelas ONGs são abordados separadamente, sem a preocupação do diálogo com as outras disciplinas, isolando-se também desta forma, o cotidiano das disciplinas.

Muitas vezes o trabalho transversal ocorre a partir de “ganchos”, ou seja, utilizam-se de uma situação ocorrida, para dar lições de moral e de vida levando o grupo à reflexão. Este tipo de trabalho não é registrado e baseia-se nos valores individuais dos professores.

Desta forma, a organização curricular mantém-se fragmentada, seriada, onde o ensino e seus objetivos continuam centralizados nas mãos dos docentes.

Não existem espaços para o trabalho de autoria dos alunos e os avanços à construção da cidadania continuam bastante tímidos gerando ao redor das disciplinas.

Porém, numa segunda concepção de transversalidade, os conteúdos tradicionais deixam de ser a finalidade da educação e passam a ser concebidos como meio, como instrumentos para se trabalhar os temas que constituem o centro das preocupações sociais, viram o eixo vertebrador do sistema educativo em torno do qual serão trabalhados os conteúdos curriculares.

Os conteúdos curriculares tradicionais devem procurar mudar assim o foco e o próprio objetivo da educação, pressupondo uma maneira totalmente diferente de encarar o ensino,

trazendo à tona valores, diálogo, democracia, resolução de conflitos do cotidiano, busca de articulações entre os conhecimentos populares e os científicos, dando um novo sentido à escola. As idéias de rizoma, de teia ou das redes neurais apontam os caminhos que mais se aproximam da radicalidade que pressupõe tal concepção. Entender o projeto como uma estratégia traz uma nova perspectiva para o trabalho pedagógico, pois temos aí, abertura para o novo.

Não somente uma abertura para o novo, como também uma ação voltada para o futuro, transformação da realidade, possibilidade de decisões, escolhas, apostas, incertezas, buscando assim relações que possibilitem planejar estratégias, articulando conhecimentos científicos com os saberes populares e cotidianos, colocando os sujeitos da educação no centro do processo educativo refletindo, questionando.

Torna-se necessário então, como aponta o capítulo 4 “O Conhecimento em Rede e os Princípios de Transversalidade” repensar as bases epistemológicas e metodológicas da educação e o desafio está em encontrar novos modelos de organização escolar que sejam compatíveis com os avanços nos campos da ciência e da cultura.

Isso significa romper com a superespecialização, a fragmentação dos conhecimentos, certas hierarquias, a visão empirista, a descontextualização, o autoritarismo nas relações escolares, que impedem a construção da autonomia intelectual e moral dos estudantes.

Sendo assim, as especializações devem assumir uma outra perspectiva dentro do trabalho interdisciplinar e transversal: a do trabalho coletivo, com a articulação dos diferentes saberes. Deixar o pensamento reducionista, não é pensar de maneira holista e sim coordenar os aspectos parciais e de totalidade da realidade.

O segredo está nas relações, nos infinitos caminhos que permitem ligar os conhecimentos uns aos outros, buscando uma articulação entre os interesses e as preocupações docentes e discentes assim como uma teia, uma rede, que na pluralidade de

pontos, nós e caminhos não tem aberturas ou fendas para a hierarquia ou relação de privilégio entre eles.

Pode-se alterar, atualizar. É heterogênea, múltipla, interligada, se organiza indefinidamente, está aberta sempre à adição, a conexões, a novos caminhos que se abrem às ramificações e que se projetam no tempo da cada um, porém, de nada adianta mudar, planejar e replanejar se o professor continuar a andar sozinho e o diretor, atrás de sua mesa, continuar a executar suas idéias solitárias que não acompanham a vontade de sua equipe.

[...] o projeto não abre mão dos saberes disciplinares construídos historicamente pela humanidade, pois, afinal, sem eles não é possível construir a cidadania nos dias atuais. O curso dos acontecimentos é definido pelos caminhos, pelos fios que vão tecendo a rede. (ARAÚJO, 2003, p.84).

Foi na disciplina de Planejamento e Gestão Escolar, com a professora Lazara Eliana Petroni de Assis, que pude aprender melhor estes conceitos de administrar e refletir melhor sobre meus direitos e deveres dentro da escola e que só agüenta calado, quem não tem embasamentos para discutir e reivindicar, ou seja, quem já se incorporou como sendo um robô seguidor de ordens, que segue regras e padrões pré-estabelecidos – uma máquina “docilizada” para obedecer.

[...] constatamos que as novas políticas de gestão introduzidas no Brasil constituem-se mais em refinados mecanismos de controle voltados para a docilização e modelização do trabalhador do que em instrumentos para elevarem a sua pretensa capacidade de obter resultados. Para a percepção do papel político desse tipo de empresa, foi necessário recuperar a sua atuação através dos discursos de poder sobre o inconsciente dos trabalhadores no seu cotidiano. (HELOANI, 1996, p.71).

Segundo Paro (1997) em “Gestão Democrática da Escola”, pais, alunos, educadores e funcionários de uma escola precisam tomar consciência de seus direitos de participação para que se torne viável o projeto de democratização das relações no interior da escola.

As camadas trabalhadoras (dominadas), devem buscar a transformação da autoridade no interior da escola, pois para que se consiga uma verdadeira transformação na organização

escolar, faz-se necessário que as relações de poder e a distribuição do próprio trabalho sejam repensados. Não podemos querer transformar o sistema se ainda continuarmos vendo o diretor da escola como autoridade máxima no interior da mesma, pois o mesmo frente à falta de recursos, autonomia e precariedade de condições, fica impotente dentro da própria escola.

E diante da impotência do diretor frente ao sistema, o problema da escola pública no país não é a falta de gestão democrática e sim a falta de recursos.

Falta de recurso e também falta de condições para que os objetivos educacionais sejam articulados com os interesses das camadas trabalhadoras.

Assim como na administração empresarial, o diretor também confere um caráter autoritário contribuindo para sua imagem negativa, quando leva a dividir os diversos setores no interior da escola.

A esse respeito, é preciso lutar contra o papel do diretor e não, entretanto, contra a pessoa do diretor, aprofundando as reflexões de modo a que se perceba que, ao se distribuir a autoridade entre os vários setores da escola, o diretor não está perdendo o poder, mas dividindo responsabilidades e ao acontecer isso, quem está ganhando poder é a própria escola.

Assim, cada escola deverá constituir-se em um núcleo de pressão e exigir o atendimento dos direitos das camadas trabalhadoras e defender seus interesses em termos educacionais, pois o autoritarismo nasce quando o Estado deixa de prover a escola de recursos necessários à realidade de seus objetivos.

Portanto, deveríamos buscar, que a escola tivesse facilitada sua atividade de pressão junto ao Estado, por meio de uma associação de pais ou entidade semelhante, que pudesse defender mais efetivamente seus direitos com relação ao ensino.

Não basta permitir que pais de alunos participem da administração da escola, é preciso que haja condições materiais propiciadoras dessa participação como, por exemplo, a isenção

de horas de trabalho nas empresas para o trabalhador com o filho em idade escolar, de um determinado número de horas de trabalho, sem prejuízos de seus vencimentos nos dias que tivesse que comparecer às assembleias escolares.

Somente com esta escola participativa é que estaríamos perto da transformação, funcionamento e autonomia tanto sonhadas.

O filme “*The Wave*” (1981) - *A Onda*, exibido em nossa classe 21/10/04 trouxe oportunidades de inúmeras reflexões de como o poder se dá pela disciplina e controle, inculcando a força de vontade em quem está sendo dominado, prometendo sucesso e destaque social, luta por uma comunidade que “trabalhe em equipe” pela busca de uma mesma causa na qual acredite ser a ideal para o resto da humanidade. A “causa coletiva”, que o filme aborda já levou inúmeras pessoas ao holocausto, lembrando no filme, as “boas intenções” de Hitler na busca por um ideal disciplinador, movido pela ação de um trabalho árduo, leal, obediente às regras movido pelo conhecimento e comprometimento com a causa.

O filme mostrava passo a passo o medo dominador que ia se instalando nas pessoas que ousavam refletir sobre “*A Onda*” e na excitação de um grande número de seguidores que acreditavam estar fazendo parte de um grande grupo futurista, onde “*A Onda*” estava virando obsessão, cegando as pessoas, partindo para a violência, para a imposição de um ideal libertário, mascarado por um aprisionamento em massa que iria aprisionar ainda muito mais pessoas sem que elas se dessem conta do que estavam fazendo e do que estavam participando.

Pela dominação, as regras tinham que ser seguidas por todos e questionamentos eram proibidos. Pessoas contra as idéias do grupo eram severamente perseguidas e o poder assim mostrava sua força.

A opinião própria, o ser ímpar, era aniquilada em primeiro plano sendo substituída pela opinião coletiva, guiada por um único líder, onde a troca de idéias, reflexões, conversas e discussões em público eram vigiadas e incomodavam os que refletiam, mais ou menos como

acontece nas escolas em época de eleição, onde qualquer tipo de comentário fica perigoso para quem o fala, ou seja, melhor calar-se, fazer parte sem alterar o sistema, para não se prejudicar.

A sensação de fazer parte de algo grande e inovador os faziam acreditar serem fortes, onipotentes, invencíveis e especiais. Trocavam sem perceber a liberdade pelo luxo de se sentirem superiores.

[...] a organização segue políticas contraditórias cujo princípio é aliar fortes restrições a grandes vantagens oferecidas ao indivíduo. As vantagens integram os indivíduos à organização, fazem com que ele aceite as restrições e até mesmo os objetivos de exploração e denominação da empresa. (HELOANI, 1996, p. 26).

Até onde iriam? O que iriam permitir? O que faz um povo renegar a própria história? Porque o ser humano deixa a ambição tomar conta de sua alma e dela se fazer escravo?

Não devemos nunca permitir que à vontade do grupo, usurpe as nossas vontades individuais, pois o tempo histórico se encarrega sempre de colocar à nossa frente motivos muito fortes para provarmos nossa superioridade humana: Barrabás, Adolf Hitler, Bin Laden, Saddam Hussein, George W. Bush, o capitalismo devorador e impiedoso, a mídia egoísta e manipuladora, dentre muitos outros.

“A ambição pessoal, segundo Taylor (1985), sempre tem sido, e continuará a ser, um incentivo consideravelmente mais poderoso do que o desejo do bem-estar geral”. (HELOANI, 1996, pp.90,91- Tempos Modernos).

Estas reflexões me fazem lembrar do texto de Kuenzer, que fala do discurso Toyotista que a escola assume: precarização econômica e cultural. Homens e mulheres flexíveis capazes de resolver problemas com rapidez e eficiência, acompanhando mudanças e educando-se permanentemente, tentando articular teoria e prática. Sendo assim, o trabalho pedagógico no Toyotismo se constitui no disciplinamento para a vida social e produtiva no capitalismo.

Como diz Kuenzer (2002), no texto Exclusão Incluyente e Inclusão Excludente, este disciplinamento configura-se como uma transformação intelectual, cultural, política e ética,

uma vez que tem por objetivo o desenvolvimento de uma concepção de mundo tão consensual quanto seja possível, tendo em vista as necessidades de valorização do capital (Kuenzer, 2002).

[...] sendo assim, o conhecimento científico e o saber prático distribuído desigualmente, contribuía para o aumento da alienação; ou seja, somos tarefeiros, pois temos a prática, mas não temos o conhecimento, o todo de um processo, a soma das partes. (KUENZER, 2002, p. 52).

A soma das partes, por sua vez seria o espaço para o exercício do diálogo e não da apresentação de uma única idéia. O espaço da escola pública é o espaço do debate de idéias e não de pessoas, pois tenho que vencer e convencer pelas minhas próprias idéias.

O filme, abordando o nazismo, também nos faz lembrar do controle disciplinar do Fordismo que ia além da empresa, do discurso da cooperação recíproca, da relação científica e da pessoa certa no lugar certo.

“Onda vai, onda vem”... Surgem, desaparecem, se embolam, mas parece que sempre haverá uma onda após a outra, pronta para nos derrubar.

É por isso que nós educadores temos que formar nossos pequenos, como seres reflexivos, que desconfiem de propostas que prometem o que eles também poderiam conseguir sozinhos.

Acreditar no poder próprio, na força de vontade interior, na crença do pensamento ímpar, individual, na força de ajuda e colaboração coletiva, nós fará fortes e equilibrados a fim de que possamos parar em cima dessa prancha e encararmos as ondas que virão, os tubarões que aparecerão para nos atacar, sem cairmos, a fim de que cheguemos na praia sã e salva para curtir o sol que nos espera.

Acreditar, porém eliminar os preconceitos, tabus e idiotices que deixamos que coloquem em nossas cabeças. Foi bem assim que senti as aulas de Teoria Pedagógica e

Produção em Saúde e Sexualidade, ministrada pela professora Marilac Luzia de Souza Leite Sousa Nogueira.

As aulas sobre sexualidade, sem fazer média, foram prazerosas e construtivas. Não eram aulas maçantes e cansativas e sim aulas que pudemos nos colocar e construir muitas coisas, com os textos lidos e refletidos em classe, acerca de nossa herança cultural sobre sexualidade.

[...] são anos de adestramento em que a sexualidade vem sendo vigiada e normatizada. Nossa herança cultural deixou impregnadas em nossos corpos as relações entre o pecado e a carne; o sexo e a sexualidade restritos a genitalidade. A imposição de limites, de penalidades, de culpas reduziu a sexualidade ao que pode, ao que não pode; ao que é adequado e ao que é inadequado; ao que é normal e ao que é patológico. (CAMARGO e RIBEIRO, 1999, p.141).

Um dos textos que me pôs a pensar foi “Gravidez indesejada e violência urbana”, de Drauzio Varella, da Folha de São Paulo de sábado, 04 de setembro de 2004, página E8. Porém, não foi somente este texto, pois trabalhamos também com outros dois muito interessantes.

Dos três textos que li “Criança é a Mãe” de Gilberto Dimenstein (2002), “O Silêncio Diante da Explosão Demográfica” (2002) e “Gravidez Indesejada” (2004), ambos de Drauzio Varella, mostram bem a realidade brasileira afogada na hipocrisia da falta de uma política nacional de juventude e de uma maior consciência e cobrança da sociedade.

Os três textos são bem parecidos em seus relatos e apontamentos quando descrevem as causas e conseqüências da falta de um planejamento familiar assistido e apoiado pelo Estado.

A falta de um planejamento familiar começa com uma adolescente pobre e cheia de sonhos que apenas existem em sua cabeça, longe de serem concretizados, presos a problemas que não conseguem resolver e termina com um adolescente mais miserável ainda preso, encarcerado, privado de sua liberdade e dignidade, filho do sistema que nada vê, convivendo com outros presos tão ou mais violentos que ele, frutos da vida miserável, ingrata e desumana, vindos de suas mais tenras raízes, fecundadas na falta de informação, apoio, igualdade de

direitos e programas de apoio. Qual o futuro que essas pequenas mães ou jovens mães vislumbram para seus filhos? Médicos, dentistas, engenheiros, bancários, tradutores, escritores? No melhor do possível, cantores famosos de pagode, dançarinas “popozudas” de um programa de domingo, integrantes de um “reality show”, etc, etc, etc...

Essas jovens mães vêem o crescimento dos seus filhos fase á fase, petrificadas pelo medo, pela angústia e, de certa forma, até já sabem o que os seus pequenos filhos irão encontrar pela frente. E, essas assustadas mães, de mãos amarradas apenas assistem ao fim previsível, e o desabrochar para a “morte” precoce, isto sem falar na ausência da família, pois Drauzio Varella ainda relata que é difícil achar na cadeia um preso criado por pai e mãe.

A maioria é fruto de lares desfeitos ou que nunca chegaram a existir. E, ainda, cada criança concebida involuntariamente por casais que não têm condições financeiras para criá-las empobrece ainda mais a família, obrigando o país a investir em escolas, hospitais, programas assistenciais, até a construção de cadeias para trancar os mal comportados e o que me assusta diante de tudo isso é a forma como o governo assiste de camarote todo esse desenrolar da miséria humana.

Sabem-se as causas e conseqüências de como um ser se autodestrói e leva consigo outros seres e nada é feito para conter a degradação da espécie.

O governo e a igreja proíbem o aborto, mas não ajudam a cuidar do filho que ele, por imposição, quis que viesse ao mundo, para o desespero da mãe. Fala-se em direitos humanos, mas não se vê o humano como parte prioritária e muito menos os seus direitos. Os direitos humanos estão apenas ligados ao poder mandatário do Estado, que executa o que quer e define o que deve ser feito com menos custo e envolvimento dos cofres públicos.

A igreja, ainda continua pregando o seu discurso medieval, condenando o uso da camisinha em tempos de AIDS e que Deus nos ajude... Será que estamos diante de um “reality show”, que não tem data para terminar? Até quando vamos assistir a este espetáculo

degradante? Até quando vamos permitir que o Estado continue patrocinando esse show de horrores? Temos que começar a caminhar. Devagar, porém, sem perder o ritmo.

As mudanças demoram a acontecer, assim como todos os processos históricos da humanidade, mas não devemos parar de caminhar. O segredo é caminhar, buscar sempre. Como dizia a professora Beatriz Angélica Alcântara Cardoso, da disciplina Pedagogia da Educação Infantil, devemos trabalhar com um objetivo maior que é aquele que acredita e investe na criança como produtor de cultura, pois há muito estamos andando para trás.

Há muito tempo, estamos acreditando nas mesmas coisas e deixando de enxergar o que está nítido e claro à nossa frente: a criança. Para isso, devemos olhar para o nosso tempo para entender a infância.

Com a disciplina de Pedagogia e Educação Infantil, tivemos a oportunidade, de não só observar a criança, mas também de observar o espaço que ela ocupa, afim de que pudéssemos tecer comentários e reflexões, que pudessem contribuir para a melhoria do lugar.

[...] o espaço físico isolado do ambiente só existe na cabeça dos adultos para medi-lo, para vende-lo, para guarda-lo. Para a criança existe o espaço-alegria, o espaço-medo, o espaço-proteção, o espaço-mistério, o espaço-descoberta, enfim, os espaços de liberdade ou opressão. (LIMA, 1989, p.30).

Para este trabalho, fizemos o uso de plantas baixas de creches, onde pudemos observar os espaços e realizar alterações baseadas nos fundamentos teóricos dos textos lidos e dos vídeos trabalhados, onde pudemos ver algumas creches da Itália, onde a italiana de Pistóia, Anna Lia Galardini (1996b), chamando a atenção para a complexidade de criar espaços públicos coletivos com características educativas voltadas à especificidade infantil, afirmou em Brasília, no “IV Simpósio Latino-Americano de Atenção à Criança de 0 a 6 anos” e no II Simpósio Nacional de Educação Infantil”:

[...] um espaço e o modo como é organizado resulta sempre das idéias, das opções, dos saberes das pessoas que nele habitam. Portanto, o espaço de um serviço voltado para as crianças traduz a cultura da infância, a imagem da criança, dos adultos que a organizaram; é uma poderosa mensagem do projeto educativo concebido para aquele grupo de crianças. (GALARDINI, 1996b).

O que pude perceber em minhas pesquisas de campo, através dos muros, é claro, de experiências passadas de visitação, enquanto estudante ainda de magistério e de visitas às escolinhas particulares, é que todas as creches são construídas para receber crianças e não acolhê-las.

“A organização do espaço físico das instituições de educação infantil deve levar em consideração todas as dimensões humanas potencializadas nas crianças; o lúdico, o artístico, o afetivo, o cognitivo, etc”.(FARIA, 1999, cap. 4, p. 74).

E ainda falando sobre o espaço adequadamente planejado, Ana Lúcia Goulart de Faria (1999), fala de um espaço único, reservado para a criança aprender a ser criança:

[...] o mesmo acontece com as creches particulares, que na sua maioria são montadas em casas compradas ou alugadas, adaptadas em ambiente escolar. Não fica claro, portanto a preocupação de fazer da creche, como diz Ana Lúcia Goulart de Faria, um oásis, um lugar onde se torna criança, onde não se trabalha, onde se pode crescer sem deixar de ser criança, onde se descobre (e se conhece) o mundo através do brincar, das relações mais variadas com o ambiente, com os objetos e as pessoas, principalmente entre elas: as crianças. (FARIA, 1999, p.72).

Confesso que realizar este trabalho final foi muito trabalhoso, pois não conseguimos autorização junto à Secretaria da Educação do Município de Vinhedo, para ter acesso às plantas baixas das creches, bem como para visitas no local para simples conhecimento de lugar, bem como o uso de fotos de revistas de propaganda política local, já tiradas e com autorização dos pais.

Sem a planta, sem autorização, sem visita de campo, ficou muito difícil se ter uma perspectiva de como se trabalhar, porém o fator experiência profissional, muito nos ajudou a concluir, mesmo assim este trabalho, que parecia uma missão impossível. Como conseguimos? Simples. Montamos grupos maiores com colegas onde a cidade havia cedido a planta baixa e assim conseguimos apresentar e concluir o trabalho. Mais uma vez a

burocracia, a política falou mais alto do que os interesses de aprendizado, conhecimento e crescimento.

Mas quem sabe um dia, as escolas se abrirão para fora e de braços abertos possam sem medos, receber e abraçar idéias e ideais, colher flores, cores e imaginação, discordar e concordar, dizer sim e dizer não, falar aceito e não aceito.

5.6 PRIMEIRO SEMESTRE DE 2005

A escola precisa mesmo se abrir para o mundo e também para um mundo diferente. Incluir alunos com necessidades especiais é o grande assunto do momento, que infelizmente está sendo atropelado pela mídia e empurrado pelo governo. As escolas ao contrário do que dizem as propagandas ainda não estão sendo preparadas para receber os alunos com necessidades especiais. Os professores e pelo menos eu até o momento ainda não recebi nenhum treinamento, muito menos os profissionais que trabalham nas escolas comigo como merendeiras, serventes, escriturarias.

Também não vi escadas sendo destruídas para dar lugar a rampas de acesso a cadeiras de rodas e não vi mais profissionais serem contratados para auxiliar os professores com salas lotadas que certamente terão mais dificuldades de conduzir sua turma, alfabetizar e dar conta do recado com mais esta incumbência. Falando assim, até parece que sou contra a inclusão. Não é isso não! É que estou acostumada a presenciar a inclusão de modismos e obrigações dentro da escola como se somente ela fosse responsável por todos os problemas sociais.

Já vi nos empurrarem obrigações, sem nos oferecer condições, subsídios e ajuda necessária. E o salário, então, nem se fala.

Obrigações aumentam, porém o salário permanece o mesmo não condizente com nosso esforço, preparo, atualização, cursos de especialização, pós-graduação, etc, etc, etc.

Com a disciplina de Educação Especial, na figura de nossa querida Marlene De Lima Ghiraldelli que retornou para matar as saudades, pude compreender melhor a história da Educação Especial e abandonar alguns preconceitos e acordar para outros pontos significantes.

Passei a entender melhor o tema inclusão e ter maiores esclarecimentos sobre o que tudo isso significa desde o termo inclusão que visava a educação para deficientes como educação como mera assistência e não como educação propriamente dita até o de educação como se projeta hoje o tema inclusão.

Vivemos hoje, numa sociedade que está começando a ver num foco mais humanista a questão do deficiente, pois a falta de conhecimento sobre as deficiências como diz Mazzota (2001), em muito contribuiu para que as pessoas portadoras de deficiência, por serem “diferentes”, fossem marginalizadas, ignoradas.

Os caminhos das instituições que cuidaram dos deficientes, sempre foram estreitos e sujeitos a desmoronamentos, prova disso são as inúmeras tentativas de se inaugurar, fundar, filiar, reorganizar extinguir, desativar ou desmantelar uma instituição em troca por outra e de se nomear, trocar ou exonerar cargos ou funções.

Não basta querer oferecer serviços, o sistema, tem que estar preparado para torna-los eficazes e competentes e ao mesmo tempo flexível a mudanças decorrentes das necessidades e realidades.

“... a trajetória da Educação Especial no Brasil, a compreensão e a explicação dos eventos mais significativos deverá ser favorecida como aprofundamento da análise crítica das políticas públicas nesta área”. (MAZZOTTA, 2001, p. 65).

Tive alunos diagnosticados pelo Departamento de Psicologia do Município de Vinhedo, avaliados como alunos com deficiência mental leve que não chegavam a ser propriamente deficientes, porém tive muitos alunos com problemas sérios de disciplina e com

problemas familiares problemáticos que interferiam seriamente em meu trabalho, na minha vida pessoal e em minha saúde mental e física.

A falta de preparo e auxílio para lidar com tais problemas que no dia-a-dia não é fácil, causaram-me um desgaste severo e importante, do qual me trato até hoje. Tive de me medicar, buscar ajuda psiquiátrica e me propor a uma mudança radical com o objetivo de buscar a cura pelo equilíbrio. Confesso que me lembrando desses casos, tenho medo de encarar alunos com deficiência.

Sinto-me insegura e não tenho consciência de estar plenamente preparada para recebê-los. Tenho medo que o ritmo da classe seja prejudicado e que não consiga ser para este aluno especial a âncora que ele precisava encontrar.

Porém, aprendi também, que só a convivência e a experiência vivida podem nos trazer soluções e apontar caminhos e que o medo prematuro, só leva a morte de uma certeza. Na verdade nunca houve vontade política verdadeira para se realizar profundas transformações.

O que aconteceu em nossa história, foram transformações causadas por oportunismos políticos, tipicamente populistas e um trecho que muito me marcou de Mazzotta (2001), foi uma citação de Fábio Comparato:

[...] os chefes populistas têm como idéia fundamental, como diretriz básica, nunca afrontar os movimentos populares. Eles vão se aproveitando das idéias que medram no povo, vão se utilizando dos movimentos populares para benefício pessoal, mas nunca se manifestam claramente contra. (MAZZOTTA, 2001, p. 63).

Na verdade, lendo o trecho acima, percebe-se que se não fossem as pressões exercidas pelos pais e por pequenos grupos da sociedade, a história das instituições especializadas nunca teria saído do zero. As conquistas destes grupos embora pequenas, não podem ser desconsideradas. A luta continua e sempre encontrará severos obstáculos, pois uma sociedade que valoriza o belo, o perfeito, a sensualidade, a competência, a concorrência, inteligência,

talento, terá ainda muitas dificuldades para ver, ouvir, refletir e caminhar a respeito da deficiência. Enquanto não eliminarmos a nossa deficiência de entendimento sobre certas coisas, nosso egoísmo e preconceitos eles é que serão os “normais” e nós é que seremos os “deficientes”.

Não podemos aceitar que grupos de influência e poderosos criem medidas padrões, nas quais cada um de nos deva se encaixar, ditando medidas e cobrando perfeições, como se fosse o todo poderoso Procusto da mitologia grega:

[...] Procusto possuía um leito de ferro na entrada da cidade e nele estendia todos os viajantes que conseguia aprisionar. O leito era a medida. A partir desse padrão pré-estabelecido, os corpos que não se adequavam à medida sofriam uma intervenção, isto é, os menores eram espichados e os maiores amputados. (BIANCHETTI, 1995, pp. 7, 8).

Em nossa história da evolução, o nosso mundo sempre evoluiu à base do sofrimento de muitos, principalmente dos “imperfeitos”. Para se comprovar é só dar uma corridinha rápida na história do nosso mundinho perfeito e verificar.

Na época da caverna, o deficiente era considerado como peso morto, pois não podia caçar, se deslocar em busca de comida. Já na sociedade grega com seus modelos pré-estabelecidos aparecem corpos teóricos, paradigmas, modelos que atravessarão os séculos.

O paradigma espartano valorizava a ginástica, a dança, a estética, a perfeição do corpo e eliminava os deficientes segundo o “Leito de Procusto”, da mitologia grega. Já o padrão ateniense dividia a sociedade entre os pensantes “a mente”, considerados os livres e os escravos “o corpo” que executavam as tarefas mais degradantes.

Na sociedade ateniense eles deixaram de matar os deficientes, pois estes passavam a ser sinônimos de pecado reforçados por passagens bíblicas e pelas concepções da igreja ou meio de salvação para pagamento de “dívidas” celestes e terrenas.

Também continuando a descrever a história, temos a transição do feudalismo ao capitalismo, onde se predominava uma produção voltada para o mercado, o domínio do

homem sobre a natureza, o expansionismo, a necessidade de busca de novos mercados, o aparecimento das teorias científicas de Copérnico, Galileu e Bacon que colocam a ciência a serviço do homem, o mundo microscópico, o Liberalismo, com John Locke, que luta contra a monarquia e a presença de privilégios hereditários, passando uma idéia de igualdade consagrada pela Revolução Francesa que são: individualismo, liberdade, propriedade e democracia somadas à igualdade. Também aparecem, a produção em série com Taylor e Henry Ford dividindo o trabalho entre o manual e o intelectual, de Comênio com sua proposta idealista de ensinar tudo a todos, indo para os filósofos de cada época como Rousseau, Pestalozzi, Froebel, Fénelon, Piaget, Vygotsky, Emília Ferreiro, Freinet, Paulo Freire, Jean Itard, Seguin, Maria Montessori, dentre outros e a criação da teoria psicogenética.

Enfim, na construção de nossa existência, fomos destruindo muitas coisas, independente da vontade de poucos. Criamos um mundo no qual somente os perfeitos se encaixam, pois produzem e são úteis e como diz Bianchetti num trecho em que cita Engels em seu artigo:

[...] conforme Engels (1978), se nada ganhamos com os conceitos de verdade e erro, menos ainda alcançamos com os do bem e do mal. Esta antítese move-se, pura e exclusivamente, dentro da órbita moral, isto é, num terreno que pertence à história humana, onde já sabemos que pouquíssimas verdades definitivas e inapeláveis podem fecundar. As idéias do bem e do mal variam tanto de povo para povo, de geração para geração, que, não poucas vezes, chegam a se contradizer abertamente. (BIANCHETTI, 1995, p.78).

Ainda hoje erramos ao colocar tudo o que incomoda em classes especiais, padronizando, excluindo, separando, sem entender que a deficiência é uma construção social e nada mais, sem negar, portanto a alteração orgânica existente.

O que existem são necessidades especiais e não indivíduos portadores e é com essas necessidades especiais que temos que ser preparados para trabalhar, num ambiente de tranquilidade e equilíbrio. E vamos nos mexer, vamos sacudir porque parados não podemos ficar e em se falando de mexer o esqueleto, deixo aqui minhas memórias das aulas de Teoria

Pedagógica e Produção em Educação Física, na presença da animada Marilda Rezende Cardoso e de suas aulas que não deixam o tempo se tornar pesado e que tornam as horas mais leves e suportáveis.

Com suas aulas nós pudemos aprender muitas coisas sobre a prática de Educação Física nas escolas nos dias atuais, buscando um elo com o passado, revirando nossos conceitos e memórias.

Em se falando em revirar memórias, estava eu a busca de uma quando encontrei várias fotos do tempo de colégio. Engraçado, mas fiquei feliz em perceber que o tempo me fez bem, principalmente no que se diz respeito à vestimenta e corte de cabelo é claro, pois as outras “coisas” que o tempo tornou flácido, só volta com cirurgia mesmo.

Ri muito com uma foto do uniforme de Educação Física: saia branca de pregas impecavelmente lavadas, alvejadas e passadas, camisa de malha branca, short balonê vermelho por baixo da saia, conga branca e meias brancas três quartos esticadas até os joelhos e cabelos presos a um rabo de cavalo e tudo isso para praticar exercícios físicos em uma quadra de cimento empoeirada e descoberta. Ainda bem que não tínhamos exercícios de deitar e rolar no chão, pois com todo aquele traje branco, alvo e clássico, seria um pecado que se sujasse, em respeito e consideração às nossas zelosas mães. Nossa professora, carinhosamente chamada de “Dona Beth”, pensava em todos os detalhes para evitar encardir o uniforme.

Mas apesar de todo esse aparato, eu adorava as aulas de Educação Física, só não gostava quando tinha seqüência de ginástica, pois preferia queimada ou vôlei, que eram mais estimulantes, pois podíamos gritar à vontade durante o jogo. Dona Beth era paciente, alegre e raramente faltava e nos inscrevia em campeonatos entre escolas e sempre procurava incentivar todas as meninas, embora nem todas aceitassem o incentivo.

Nesta época, as práticas esportivas nas escolas não eram tão consideradas e planejadas como hoje e fora da escola, as práticas esportivas não tinham o glamour que se tem agora,

com todo o incentivo e propaganda da mídia, de academias de última geração com equipamentos sofisticados de ginástica, personal treiners, roupas de grife apropriadas, aparatos esportivos, vitaminas, anabolizantes, energéticos, etc. Era uma época em que a prática esportiva tinha a finalidade de distração nos finais de semana, principalmente entre os meninos. Hoje, a linguagem do corpo deverá falar mais alto, deverá mostrar toda sua magnitude e clareza da alma, para que a Educação Física não seja mais distanciada das demais disciplinas ou colocada como a menos importante entre as demais.

[...] hoje já é possível, no âmbito da Educação Física, pensar a ciência fora dos limites do positivismo e perceber que para tratar das atividades físicas em suas determinações culturais específicas, o conhecimento do homem implica em saber que sua subjetividade e razão cognoscitiva se instalam em seu corpo e as linguagens corporais constituem-se em respostas a esta compreensão. (SOARES, 1996, p. 10).

O elo de amizade e companheirismo que se formou entre nossa professora Dona Beth e nosso grupo se deve ao fato de que ela nos acompanhou desde a 5ª série até o 4º ano do Magistério, com a mesma turma de meninas, à salva algumas que saíram.

Durante o período da pré-escola e primário, hoje Ensino Fundamental, não havia a prática de Educação Física com especialistas.

As aulas de Educação Física eram realizadas pela própria professora Tia Alice, com brincadeiras recreativas do tipo lencinho atrás, passa bola, cobra-cega, queimada, esconde-esconde, pega-pega, limitando-se assim às brincadeiras de origem folclórica.

A grande amizade que se formou entre Dona Beth e nossa turma serviu para valorizar ainda mais as práticas esportivas. Hoje, Dona Beth se aposentou e trabalha na sacristia da igreja Matriz de Vinhedo e é oradora nas missas de domingo e participa das atividades da igreja. Sempre que vou ao centro da cidade, dou uma passadinha na igreja para ver Dona Beth.

Que saudades, tempos que não voltam mais, porém muita coisa mudou. Lembro-me das meninas que não gostavam de Educação Física, que geralmente eram as gordinhas e

desajeitadas ou as magrinhas e pequenininhas que usavam óculos. As meninas “delicadas e frágeis” eram sempre as ajudantes que auxiliavam a professora a enxugar a quadra, tirar as poças d’água da chuva, trazer os suportes laterais pesados da rede de vôlei e montá-los para o jogo e anotar a pontuação.

Essas meninas choravam por qualquer coisa e bastava uma bolada doída para o circo estar armado. Ainda bem que a professora permitia que elas se sentassem no banco só para olhar o jogo, para evitar o fiasco e perder tempo, pensávamos nós.

[...] o que confirma a necessidade da aula ser de fato, um lugar de aprender coisas e não apenas o lugar onde aqueles que dominam técnicas rudimentares de um determinado esporte vão praticar o que já sabem, enquanto aqueles que não sabem continuam no mesmo lugar. (SOARES, 1996, p. 11).

Hoje, percebo que as crianças participam mais e pelo menos em minha sala de primeira série, é difícil achar uma criança que não goste da aula de Educação Física.

[...] a escola como lugar de conhecer... Neste lugar de conhecer haveria um respeito profundo pela inteligência do aluno, haveria a convicção de que a inteligência dos alunos não é um vaso que se tem de encher; mas é uma fogueira que é preciso manter acesa. (SOARES, 1996. p. 6).

Em meu tempo, as aulas de Educação Física, chegavam até a ser um incômodo muito grande, principalmente para quem morava longe, pois as aulas eram período oposto ao de aula.

Os estilos das aulas de Educação Física também mudaram muito, pois antes haviam práticas mais suaves destinadas ao grupo de meninas como vôlei, queimada e exercícios físicos e atividades de mais ação para os meninos como futebol e basquete. Ainda bem que o recreio era longo e os meninos deixavam a gente jogar com eles no pátio de terra da escola à base de muitos palavrões, xingamentos e regras favoráveis à equipe deles é claro.

Lembro-me também dos castigos que as professoras de classe aplicavam aos alunos indisciplinados, não os deixando participar das aulas de Educação Física. Coitados, geralmente eram os mais talentosos com a bola que entravam nesta lista. Que desperdício,

pois com investimento e estímulo poderiam hoje ser excelentes veteranos famosos do futebol brasileiro.

Hoje, tudo mudou, pois a Educação Física não é mais no horário oposto ao de aula e sim em horário de aula, ela é feita com turmas mistas de meninos e meninas e envolvem todas as práticas esportivas para todos e há mais incentivo e opções para quem não se adapta a uma determinada modalidade esportiva.

Porém ainda hoje, muitos professores ainda usam a prática do castigo para alunos indisciplinados em sala de aula não participarem das aulas de Educação Física.

Atualmente, com as professoras especialistas, desde o Ensino Fundamental, pudemos contar com um suporte e parceria mais profissional, técnico e adequado, pois ainda me lembro da época em que nos aventurávamos a dar aulas de Educação Física para as primeiras séries do Ensino Fundamental, sem o preparo suficiente de conhecer e identificar as atividades adequadas para cada tipo de série e turma, bem como o preparo das aulas e seqüências de exercícios, sem falar no cansaço de voltar para a sala de aula depois da quadra.

Na escola que trabalho atualmente, desde 1993 - Escola Municipal “Doutor Abraão Aun” em Vinhedo, a professora de Educação Física se entrosa com as demais professoras, participando sua aula às mesmas, a fim de que possamos trocar idéias e informações a cerca de conteúdos e necessidades dos alunos com lateralidade, noções de espaço, entendimento de regras, disciplina, senso de equipe, respeito essenciais no nosso dia-a-dia.

Esta parceria só tem nos ajudado e contribuído para a construção do nosso trabalho, pois além de parceiras, somos uma equipe. Além de uma equipe, somos insaciáveis, provocadoras, instigadoras e às vezes até causamos impacto, sem querer usar a metáfora de um comercial de tênis. Apesar de não ministrar aulas de Educação Física, porque na escola há especialistas na área, agora me sinto mais confortável para encarar a disciplina e ultrapassar meus limites, me transcender.

[...] só a educação educa. Cérebro vazio não voa, bóia no tédio. Ensinar a refletir exige do professor a capacidade de transcender os lugares-comuns, o pessimismo epistemológico, a hermêutica da desconfiança descabida, e também a ingenuidade dos que embarcam em modismos intelectuais. (PERISSÉ, 2004, p. 228).

Novidades, novidades e mais novidades. A educação hoje está cheia de novidades e de ramificações ligadas a ela. A educação já não se faz tão somente pela família e escola. Numa sociedade que cresce acelerada, onde a família já não é mais nuclear e sim uma verdadeira bomba mesmo, a escola tem seu valor cada vez mais exaltado, pena que não remunerado tanto quanto valha.

Surgem, então, diferentes tipos de educação, que foi o que pude aprender com a disciplina Educação Não-Formal, com a professora Silvia Bez Soares de Camargo, que voltou a nós totalmente outra, mais jovem, toda loira, de aparelhos, porém falante como sempre. Nem mesmo o aparelho fez com que ela falasse menos.

É incrível como as coisas vão tomando rumos com o decorrer do tempo e como pensamentos, idéias e coisas tornam-se obsoletos de uma hora para outra. Não é a toa mesmo que temos de ficar acordados e atentos às mudanças. Corremos o risco de dormir num belo dia e acordar no outro sem se dar conta das transformações mundiais ocorridas. É até de se assustar.

Pensando nas mudanças do tempo, temos mesmo que investir na Educação Não-Formal, a fim de que mais pessoas possam ter acesso à informação e assim fazer parte consciente da sociedade na qual está inserido. Não dá mais para ficar alheio a tudo o que se passa. Não dá mais para falar que “não gosto de computador” ou que “não me dou bem com máquinas”.

Até certo tempo atrás eu era assim. Há cerca de três anos, eu achava que meu diploma de magistério me tornava auto-suficiente e que não precisaria da “tal” faculdade, porque já sabia o suficiente para lecionar e já tinha meu emprego público garantido “para sempre”.

Meu marido Ricardo é formado em Análises de Sistemas, e o computador foi sempre presente em nossa casa, porém eu me aproximava dele apenas para tirar o pó. Detestava a hipótese de ter que aprender a lidar com aquilo. Tudo parecia tão longe e tão distante que eu me amedrontava com a possibilidade de vir a ser forçada a trabalhar com o computador um dia.

Só que o tempo foi passando e as novidades começaram a acontecer. Os computadores chegaram em nossa escola e aí a “água bateu na bunda”, me desculpe o termo de origem africana empregado, mas é assim mesmo que eu pretendo me expressar.

Fiquei desesperada! Procurei imediatamente uma escola de informática, me matriculei, recebi certificados, fiz cursos de especialização oferecidos pela Prefeitura de Vinhedo e comecei a usar o computador para confeccionar matrizes que seriam impressas na impressora matricial. Vi que o computador não era um bicho de sete cabeças, graças a Bill Gates, e me animei a usá-lo mais vezes.

Quando iniciei mesmo a faculdade, no segundo semestre de 2002, é que o computador se tornou insubstituível em minha vida. Hoje o uso com tranqüilidade e me libertei do medo e da insegurança.

É incrível como a gente vai se transformando através do tempo e só se dá conta quando pára, pensa e reflete sobre tudo o que passou. E de acordo com as demandas sociais muitas coisas aparecem na sociedade, como é o caso da Educação Não-Formal, que percebeu um outro jeito de organizar e perceber a relação ensino-aprendizagem/educador-educando na produção de conhecimento no processo educacional, sem o aval acadêmico procurando estabelecer diferentes relações e mediações educacionais.

As transformações do mundo, a diminuição da família, a dificuldade de convivência, a falta de espaço para crianças e jovens, os centros urbanos lotados e violentos, a criação de novos espaços como Shoppings Centers, a opção familiar por um único filho, a revolução

industrial e suas exigências de mercado na busca de profissionais habilitados, as linhas produtivas das empresas, a formação de costumes, popularização e mudanças de comportamento provocadas, divulgadas e estimuladas pelos meios de comunicação e vários outros fatores impulsionaram a Educação Não Formal que se tornou aos olhos das camadas mais pobres da sociedade uma “salvação”, por ser mais prática, econômica, menos burocrática, tampando os buracos de problemas.

Salvação, santo remédio, não importa. O que realmente importa é que a educação já não está mais dentro dos muros escolares apenas e que a missão do professor, ficou muito mais complexa e diversificada e já não devemos mais ter aquela concepção fechada de que é somente a escola que faz e verdadeira e real educação.

[...] a nossa concepção luta por propiciar diferentes possibilidades de vivências educacionais para crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos, integradas a ações que contribuam ideologicamente para a formação de sujeitos conscientes de seu papel no mundo. Tanto nas questões ambientais, como em outras que são prementes para a nossa inserção, atuação e relação com o mundo, sejam propostas de educação não-formal, sejam de educação formal, é importante que façam sentido, que estejam incorporadas ao desejo de viver e de transformar que move o cotidiano das pessoas. (PARK, 2003, p. 145)

Comecei a lecionar em 1992, como disse no início das páginas desse memorial, em classes de 5^a à 8^a série, no período noturno e vi muitos de meus alunos saindo do ensino formal por ser mais longo e burocrático e indo buscar instituições ou cursos supletivos que eram mais rápidos, práticos e fáceis de se concluir, portanto sem muitas exigências. Partindo da falta de interesse individual para problemas relacionados à família e dinheiro, muitos deles desistiam de concluir o ensino formal. Os que ficavam se arrastavam desanimados, vendo os colegas que saíram concluir o curso mais rápido que eles e com menos sacrifício e dedicação.

Muitos de meus alunos abandonavam o ensino para cuidar de sua futura família decorrente de uma gravidez não planejada e diziam que mais tarde voltariam a estudar em cursos de aperfeiçoamento que eram o que as indústrias pediam na época.

É triste e lamentável como não conseguimos mais segurar as crianças e jovens nas escolas por mais tempo. Talvez a oferta de novas promessas de Educação Não-Formal esteja ganhando espaço e sendo identificada rapidamente por eles como um meio de se ganhar vantagem para o tipo de vida que eles pretendem levar: sem ambição profissional, apenas dinheiro rolando no bolso está bom.

“É preciso que as intenções das propostas educacionais estejam claras tanto nas ações formais quanto nas não-formais”. (PARK, 2003, p. 136)

Estou indo de encontro ao meu aluno? De onde vem a falta de interesse e indisciplina? Estou buscando um novo caminho ou ainda sigo pelo mesmo tentando mudar conceitos dos quais não estou vivendo integralmente? Estou buscando o desenvolvimento individual de meu aluno, o aperfeiçoamento do homem no processo social, a participação minha e de meus alunos na construção da história, na formação de indivíduos participantes, atuantes e diferentes?

São todos estes questionamentos e muito mais que a disciplina Currículo e Escola, na figura da professora Ângela Julia Ghiraldelli, ajudaram a esclarecer.

[...] a arte de ensinar, ou seja, de deixar aprender, é deixar que o conhecimento nasça, que o conhecedor renasça a cada novo conhecimento, é deixar que cada um se reconheça no ato de aprender. O resto é pedagogia. (PERISSÉ, 2004, p.106)

Com a disciplina Currículo e Escola pude ampliar meus conhecimentos e afastar muitos dos meus medos, pois pude entender que não existe uma única orientação para o currículo e que cabe a mim professora certificar-me de minha própria existência e experiência de vida e de meus ideais e optar por uma posição.

Tendo consciência de meu caminho, de meu propósito e de meus valores, poderei tecer perspectivas mais amplas de conhecimento e abordagens que me permitam examinar os problemas com mais nitidez, de acordo com a realidade de meus alunos, pois minha tarefa principal é formar em meu aluno a sua própria auto-imagem, para que ele possa descobrir sua

identidade e sua importância de participação em seu meio social, participando, refletindo, buscando soluções para seu próprio crescimento e desenvolvimento do meio em que vive como um todo.

[...] todo educador tem, portanto, a obrigação de conhecer a sua posição e, sem a consciência dos valores que orientam seu trabalho, será difícil que chegue, coerentemente, a algum lugar. Deve, portanto, examinar a sua própria vida para descobrir qual o propósito que o guia, o que de fato aprecia e que conhecimentos considera de maior valor. (D'ANTOLA, 1983, p. 10).

Devemos rever muitos conceitos, se o que queremos é buscar uma educação de qualidade e uma educação com significado para o aluno. Ler os clássicos do passado a fim de que futuramente tenhamos embasamentos teóricos para o vestibular, faz parte hoje de uma proposta curricular ultrapassada.

Fazer com que os alunos engulam textos maçantes só porque devem conhecê-los, seria incutir que toda a leitura é chata e desnecessária e este conceito para o aluno, poderia ficar para sempre em sua memória. Hoje, existem muitas propostas interessantes, já fazem livros com a faixa etária do leitor a fim de que os interesses individuais e gosto por gêneros literários diferentes sejam respeitados e estimulados.

Porém, a literatura do passado, pode sim ser oferecida, apresentada e trabalhada a fim de que se conheçam os estilos de cada autor referente à sua época e as transformações ocorridas na literatura brasileira e no modo de escrever e representar o tempo, de acordo com cada época, sem, contudo, ser imposta, cobrada ou avaliada.

Hoje, me lembro muito pouco, dos livros que me impuseram a ler. O que realmente marcou foram às fichas de leituras com conteúdos vazios, das quais nada me lembro atualmente.

[...] o professor eficaz, o professor coerente é, por definição, um professor criativo. Existem professores que vivem (e morrem) repetindo o mesmo *script*. Já está tudo programado, planejado, previsto. Existem professores burocratas mais preocupados em fazer a chamada do que em chamar nossa atenção para o que realmente importa. Presente!”, grita o aluno quando ouve o seu nome. Mas em aulas de professores sem criatividade (e, portanto incoerentes com o que de melhor o ensino pode oferecer) o aluno tem é vontade de dizer: - Estou fora. (PERISSÉ, 2004, p.101).

Agora, os livros que eu lia por conta, de autores que eu adorava, me lembro com clareza, como Aldux Huxley, Agatha Cristhie, Monteiro Lobato, os gibis de Maurício de Souza e na infância mais remota, aqueles livrinhos falando sobre as lendas indígenas.

A leitura por prazer propicia um viagem por mundos desconhecidos, onde fazem descobertas e busca de conhecimentos, ao passo que as leituras impostas, proporcionam ao aluno uma sensação de seqüestro mental, na qual ele está envolvido forçosamente, contra sua vontade.

Eu sei que é importante conhecer os estilos de autores variados, porém, mais importante que conhecer uma obra completa pela leitura imposta, é sentir-se atraído por determinados tipos de textos, que envolvam a capacidade de reflexão do aluno envolvido.

E hoje, com o poder da mídia, da internet, fica difícil se ter uma postura arcaica, com exigências ultrapassadas.

[...] por mais democrática e aberta que seja a nossa sociedade, na qual todas as pessoas podem expressar em público suas idéias, pois toda opinião deve ser respeitada, e isso é inquestionável, existe um outro princípio inquestionável segundo o qual toda pessoa tem direito de receber informação e formação de qualidade. Trata-se de um direito básico de quem liga a TV ou abre uma revista. (PERISSÉ, 2004, p. 174).

CONCLUSÃO

Sempre, de alguma forma, como professora desde 1984, procuro passar aos meus filhos e alunos, algo que lhes façam sentido, algo que provoque mudanças de atitudes, um projeto de vida, a construção de um futuro, passando pela faculdade e seguindo além. Tenho pavor, de um dia, me congelar de tédio, tristeza e desânimo e me tornar uma professora automática.

[...] existem professores que, incoerentes, carentes de vida criativa, fingem ensinar. Ligam o piloto automático e vão falando, falando, falando... Mas o pior é que, com essa atitude, ensinam a muitos alunos modos de fingirem aprender! Alguma coisa os alunos tinham de aprender. (PERISSÉ, 2004, p.101).

E, em se falando de coisas que façam sentido, tenho uma historinha para contar, que mais se parece com uma piada, mas não é piada. Esta ligação de objeto e forma me fez acreditar, que o que estou fazendo está no caminho certo, pois pelo menos, em meu filho, conseguir inculcar a reflexão cômica-criativa.

Certa vez, enquanto arrumava meu armário e colocava a bagunça gerada durante um ano todo em ordem, deixei cair do maleiro o capelo que meu marido usou em sua formatura na Universidade São Francisco, com a sua turma de Análise de Sistemas. Imediatamente, meu filho Henrique pegou o capelo e disse que era um “chapeuzinho da hora” e quis saber se eu também usaria um na formatura.

Eu disse que talvez não porque a turma era muito grande para a faculdade arcar com as despesas, mas que estávamos em negociações a respeito de seu uso no dia da formatura. Então, meu filho olhou para o capelo com aquele olhar maroto e me disse:

_ Mãe, sabe por que esse “chapeuzinho da hora” é achatado em cima?

Eu disse que ignorava o porquê da forma do capelo ser daquele jeito e que era para ele me dar logo o capelo, a fim de que eu pudesse devolver ao maleiro, dentro de sua caixa.

Então, Henrique me disse que o capelo é achatado porque quando chegamos ao topo, batemos com a cabeça no teto do topo, achatando e enterrando tudo dentro do cérebro, junto com o “chapeuzinho da hora”.

Fiquei momentaneamente parada e ri de sua explicação e fiquei espantada ao ver como a imaginação brota, na ausência de explicação e quão rica ela pode ser, caso bem aproveitada.

É, o meu dia está chegando, está muito próximo a conquista que almejei para mim há muito tempo e que não pude realizar enquanto tinha menos dificuldades, menos idade, mais disposição, porém ninguém está sozinho em meio a seus sonhos.

Porém, ninguém consegue realizar seus sonhos, sem seus anjos da guarda. Sempre tem alguém ao lado de alguém, dando apoio, conforto, ajuda, se mostrando presente.

No meu caso queria tornar claro, minha profunda gratidão à minha família: aos meus pais, Antonio e Doraci, que me fizeram chegar até aqui; ao meu irmão Daniel, um grande amigo, aos meus sobrinhos Tiago, Giovana, Gabriela, Geovanna e Rodrigo, a renovação da vida, da minha família, à minha querida avó Bininha, meu anjo da guarda, minha fada boa, que esteve comigo a cada minuto, apoiando e dando forças, aos meus filhos Henrique e Mariana que acreditaram em meu potencial e me encorajaram a seguir meu caminho e que foram minha luz e meu motivo maior para não desistir; à minha sogra Maria Madalena, que mostrou o caminho, me encorajou a seguir em frente, pelo seu modelo de mulher forte e guerreira, aos meus cunhados e cunhadas Valéria, Mauro, Denise, Rinaldo, Viviane, Silveli, Edson, que formam um grande time.

Não poderia deixar de lembrar do meu avô querido, que sonhava em me ver formada, que sonhava em ir a minha formatura, que sonhava participar de minha alegria e poder me abraçar. Éramos grandes amigos, nos entendíamos muito bem. Eu era para ele a filha que ele não pôde ter.

Meu pai é filho único e ele sempre sonhou em ter uma menininha. Quando eu nasci, seu sonho se tornou realidade. Ele me paparicava, me levava para passear, me comprava doces. Porém, o destino não quis assim. Ele se foi. Um homem alto, forte, que nunca ficava doente, aposentado do exército, que serviu na segunda Grande Guerra Mundial, com muitas histórias para contar, acostumados a grandes batalhas da vida, de repente se foi. Escrevo estas linhas chorando muito e distante do teclado, para não alagar. Dói muito, mais do que alguém possa imaginar. Mas, Deus é grande e ele me confortará sempre.

“então, quando lhe parecer difícil enfrentar o mundo exterior, quando você sentir que a pressão lhe é quase insuportável...busque a força em seu interior”.(MARRA, 1997, p.06).

E meu agradecimento especial vai com todas as forças de meu coração ao meu marido Ricardo, que agüentou firme ao meu lado, suportando os momentos mais difíceis, as tempestades mais violentas. Ele foi minha âncora, meu porto seguro. Saímos feridos de muitas tempestades, estraçalhados pela força do vento, porém chegamos juntos na praia para ver mais um pôr do sol, que pretendo continuar vendo por muitos e muitos anos.

Bom, por aqui vou terminando minhas memórias e espero que ela sirva de fonte de inspiração para alguém. É estranho ter a sensação de se estar cumprindo parte de um caminho. Nosso coração guarda, bem escondidinhos nossos sonhos e penso que agora é hora de torná-los realidade e o desafio mais importante que a vida me impõe agora é abrir estes caminhos de infinitas possibilidades e desbravá-los, dirigindo meus próprios passos. Muitos de meus sonhos ainda estão sem explorar, ainda adormecidos, porém inquietos dentro de mim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubens. **Filosofia da Ciência-Introdução Ao Jogo e a Suas Regras**. São Paulo, Edições Loyola; 5 ed. setembro de 2002.

AMARAL, Ivan Amorosino. **Conhecimento Formal, Experimentação e Estudo Ambiental**; Ciência & Ensino, 3 de dezembro de 1997, pp.10-15.

ARAÚJO Ferreira, Ulisses. **Temas transversais e a estratégia de projetos/** São Paulo, Ed. Moderna; Coleção Cotidiano Escolar, 2003.

ÁRIES, P. **Conclusão: os dois sentimentos da infância**. In ÁRIES, P. História Social da Criança e da Família. R. J., Zahar Editores, 1981. pp. 156-164.

ÁRIES, P. **Prefácio**. In ÁRIES, P. H. da Família. R. J., Zahar Editores, 1981. pp.9-27.

BADINTER, E. **Prefácio**. In BADINTER, E. **Um Amor Conquistado: o mito do amor materno**. R.J., Nova fronteira, 1985. pp. 19-23.

BIANCHETTI, Lucídio. **Aspectos Históricos da Educação Especial**. Revista Brasileira de Educação Especial, vol. II nº3,1995.

Billy Elliot. Dir. Stephen Daldry. Duração 110 min. Produção Grã-Bretanha, 1999. Estréia 16/03/01.Gênero: drama/musical; classificação: 12 anos.

BRANDÃO, Zaia. **A teoria como hipótese**. In: Teoria e Educação (15), 1992, pp. 161-169.

CAMARGO Faccioli, Ana Maria. **Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal/** Ana Maria Faccioli de Camargo, Claudia Ribeiro: coordenação Ulisses F. Araújo. – São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 1999.- (Educação em pauta: temas transversais).

CAMPOS, Bártolo Paiva (org.). **Formação Profissional de Professores No Ensino Superior**. Porto: Porto Edit., 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. – 12 ed. - São Paulo: Editora Ática, 2002.

CUNHA, L.A. **A educação no pensamento liberal**. In: **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. Rio de janeiro: Francisco Alves, 1980.

D'ANTOLA, Arlete (org). **Supervisão e Currículo, cap. VIII Currículo: Teoria e Prática**; Ed. Pioneira, 1983.

DEMO, P. **O Que é política social**. In: DEMO, P. Política Social, educação e cidadania. Campinas: Papirus, 1994.

DIMENSTEIN, Gilberto. **“Criança é a mãe”**. Ilustrada: Folha de São Paulo, domingo, 12 de maio de 2002.

DURKEIN, Émile, 1858-1917 – **Educação e Sociologia**/ Émile Durkeim; com um estudo da obra de Durkeim pelo professor Paul Fauconnet: tradução do professor Lourenço Filho. – 11. ed. – São Paulo: Melhoramentos; (Rio de Janeiro): Fundação Nacional de Material escolar, 1978.

FARIA, Ana Lucia G. **O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da educação infantil**. In FARIA, Ana Lucia G. e PALHARES, Marina (orgs.). Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios. Campinas: Autores associados, 1999.

FORD, Raywen. **“O Ensino das Artes”**, 1999; Ed. Papirus.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**/ Luiz Carlos de Freitas. _ Campinas, SP: Papirus, 1995.- (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

GALARDINI, Anna Lia (1996b). **“Lugares para crescer: projetos e experiências nos serviços pré-escolares na Itália”**. In: Simpósio Latino-Americano Sobre Atenção À Criança de 0 a 6 anos, 4, e Simpósio Nacional de Educação Infantil, 2. Anais... Brasília

GENTILI, Pablo e ALENCAR, Chico. **Educar na esperança em tempos de desencanto**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GENTILI, P. **Três teses sobre a relação trabalho e educação em tempos neoliberais**. IN: LOMBARDI, J: SAVIANI, D: SANFELICE, J. (orgs.). Capitalismo, trabalho e educação. Campinas: Autores Associados, 2002. pp. 45-59.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História da Educação**/ Paulo Ghiraldelli Jr. São Paulo: Cortez, 1990. _ (Coleção Magistério – 2º grau. Série formação do professor).

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**. – 40 ed. - Rio de Janeiro; Editora Objetiva Ltda., 1995.

GRIMM, Irmãos. **Joãozinho e Mariazinha**. Porto Alegre, Ed. Kuarup, 1987.

HELOANI, José Roberto. **“A mudança de paradigma no pós-fordismo: a nova subjetividade”**. IN: Interações-vol. 1-nº2- jul/dez, 1996.

_____. **Gestão e organização no capitalismo globalizado: História da manipulação psicológica no mundo do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2003.240p.

HÖFLING, E. de M. **Estado e Políticas (Públicas) Sociais**. *Cadernos Cedes*, ano XX, nº 55, novembro/2001.

IFRAG, G. **“Os números – a história de uma grande invenção”** São Paulo, Globo, 1998.

KUENZER, Acácia Zeneida. “**Exclusão includente e inclusão excludente: A nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho**”. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Demerval; e SANFELICE, José Luis (orgs.). *Capitalismo, trabalho e educação*. Campinas, SP: Autores associados. HISTEDBR, 2002. p. 77-95 (Coleção Educação Contemporânea).

LEITE DA SILVA, Sérgio Antonio. **Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas pedagógicas**/ Sérgio Antonio da Silva Leite (org.); Alexandra da Silva Molina et al. – Campinas, Sp: Komedí: Arte Escrita, 2001.

MARRA, Julie Mitchell. **Confie em você**.Cotia-São Paulo. Vergara & Riba Editoras Ltda, 1997,3 ed.

MATISSE, H. **Com olhos de criança: idéias coletadas por Régine Pernoud**. Lê Courier de l'UNESCO { sI.}, out. 1953.

MAZZOTTA, Marcos José Silveira. **Educação Especial no Brasil: História e Políticas Públicas**/ 3. Ed. – São Paulo; Cortez, 2001.

MORIN, E. (1998). **Ciência com consciência**. 2. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. **Obras incompletas**; seleção de textos de Gerard L; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho; posfácio de Antonio Candido de Mello e Souza. 2. Ed., São Paulo: Abril Cultural, 1978.

NOVAES, Adauto {et al}. **O Olhar** – S.P. : Cia das Letras, 1998.

PARK, Margareth Brandini (org.). **Formação de educadores: memórias, patrimônio e meio ambiente**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão Democrática da Escola Pública**. São Paulo: Editora Ática, 1997, 3 ed.

PERISSÉ, Gabriel. **A Arte de Ensinar**. São Paulo, Editora Francisco de Montie Luna, 2004.

PINTO, Zivaldo Alves. “**Uma Professora Muito Maluquinha**”. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1995, 10 ed.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física Escolar: Conhecimento e Especificidade**. Revista Paulista de Educação Física. São Paulo, supl. 2, p.6-12,1996.

SOUZA LIMA, Mayumi (1089). **A cidade e a criança**. São Paulo, Nobel.

STEINBERG, S.R. & KINCHELOE, J. L. **Capítulo1: esqueceram de mim e Bad to the Bone: o advento da infância pós-moderna**. In: STEINBERG, S. R. e KINCHELOE, J. L. *Cultura Infantil - A construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2001. p. 53-86.

The Wave. Dir. Alexander Grasshoff. Duração: 44. Produção: E.U.A., 1981. Gênero: drama. Classificação: 12 anos.

TORRES, R. M. **Melhorar a qualidade da educação básica. As estratégias do Banco Mundial.** In. TOMMASI, L. Warde, M. J.; HADDADE, S. (orgs). *O Banco Mundial e as Políticas Educacionais*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

TRINDADE LORETTO da Azoilda e SANTOS, Rafael dos. **Multiculturalismo: mil e uma faces da Escola.** Azoilda Loretto da Trindade, Rafael dos Santos. (orgs.). – 2. ed. – Rio de Janeiro: DP&A., 2000.

VARELLA, Drauzio. **“Gravidez indesejada e violência urbana”.** Ilustrada: Folha de São Paulo, sábado, 4 de setembro de 2004.

_____. **“O silêncio diante da explosão demográfica”.** Ilustrada: Folha de São Paulo, sábado, 14 de dezembro de 2002.

ZAMBONI, Ernesta. **Representações e Linguagens no Ensino de História.** Revista Brasileira de História. V.18, n.36, p.89-101,1998.

ANEXOS

Anexo 1 – Matrículas na UNICAMP

Anexo 1- Matrículas na UNICAMP

MATRÍCULAS NA UNICAMP

	DISCIPLINA	PROFESSOR Assistente Pedagógico	ANO/SEMESTRE Prof.Orientador.
100	Atividades Culturais	Aulas Magnas	Agosto/2002
101	Tecnologia e Educação	Márcia Maria Gianoni Beltramini	<i>Sergio Ferreira do Amaral</i>
102	Pensamento Histórico e Educação	Ângela Júlia Ghiraldelli	<i>José Luís Sanfelice</i>
103	Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa	Ivanda Alexandre Pereira	<i>Sérgio Antonio da Silva Leite</i>
104	Multiculturalismo	Marlene de Lima Ghiraldelli	<i>Dulce Maria Pompeo de Camargo</i>
105	Estágio Supervisionado I	-	-
200	Atividades Culturais	Aulas Magnas	1ºSem./2003 Prof. Coord.
201	Pensamento Filosófico e Educação	Alda Madalena Montanhez da Silva	<i>Pedro Laudinor Goergen</i>
202	Pensamento Sociológico e Educação	Lazara Eliana Petroni de Assis	<i>Aparecida Néri de Souza</i>
203	Pesquisa Educacional	Silvia Bez Soares de Camargo	<i>Maria Helena Salgado Bagnato</i>
204	Teoria Pedagógica e Produção em Matemática	Luci Mara Gotardo Gonçalves	<i>Anna Regina Lanner de Moura</i>
205	Estágio Supervisionado II	-	-
206	Prática Curricular II	-	-
300	Atividades Culturais III	Aulas Magnas	2º Sem/2003 Prof. Coord.
301	Pensamento Psicológico e Educação	Liliana Guimarães Pompêo de Camargo	<i>Ângela Fátima Soligo</i>
302	Teoria Pedagógica e Produção em História	Mariana Ventura	Ivan Amorosino do Amaral
303	Teoria Pedagógica e Produção em Arte	Marilda Rezende Cardoso	Ana Angélica Medeiros Albano e Márcia Maria Strazzacappa Hernandez
304	Avaliação	Maura Hess Junqueira	Luís Carlos de Freitas
305	Estágio Supervisionado III	-	-
306	Prática Curricular II	-	-
.			1º sem/2004 PROF. COORD.
400	Atividades Culturais IV	Aulas Magnas	
401	Política Educacional e Reformas Educativas	Lazara Eliana Petroni de Assis	Heloisa Helena Pimenta Rocha
402	Teoria Pedagógica e Produção em Ciências e Meio Ambiente	Mariana Ventura	Ernesta Zamboni
403	Teoria Pedagógica e Produção em Geografia	Elaine Aparecida Barreto Gomes de Lima	Wenceslao Machado de Oliveira Junior
404	Educação da Criança de 0 a 6 anos	Luciana Bassetto	Maria Evelynna Pompeo do Nascimento
405	Estágio supervisionado IV	-	-
406	Prática Curricular III	-	-
500	Atividades Culturais V	Aulas Magnas	2º sem/2004 Prof. Coord.
501	Planejamento e Gestão Escolar	Lazara Eliana Petroni de Assis	José Roberto Heloani
502	Teoria Pedagógica e Produção em Saúde e Sexualidade	Marilac Luzia de Souza Leite Sousa Nogueira	Ana Maria Faccioli de Camargo
503	Pedagogia da Educação Infantil	Beatriz Angélica Alcântara Cardoso	Ana Lucia Goulart de Faria
504	Temas Transversais	Luciana Bassetto	Ulisses Ferreira de Araújo
505	Estágio Supervisionado V	-	-
506	Prática Curricular IV	-	-
600	Atividades Culturais VI	Aulas Magnas	1º sem/2005 Prof. Coord.
601	Currículo e Escola	Ângela Júlia Ghiraldelli	Elizabete Monteiro de Aguiar Pereira
602	Teoria Pedagógica e Produção em Educação Física	Marilda Rezende Cardoso	Eliana Ayoub
603	Educação Especial	Marlene de Lima Ghiraldelli	Ana Maria Torezan
604	Educação Não Formal	Silvia Bez Soares de Camargo	Olga Rodrigues de Moraes Von Simson
605	Estágio Supervisionado VI	-	-
606	Prática Curricular V	-	-